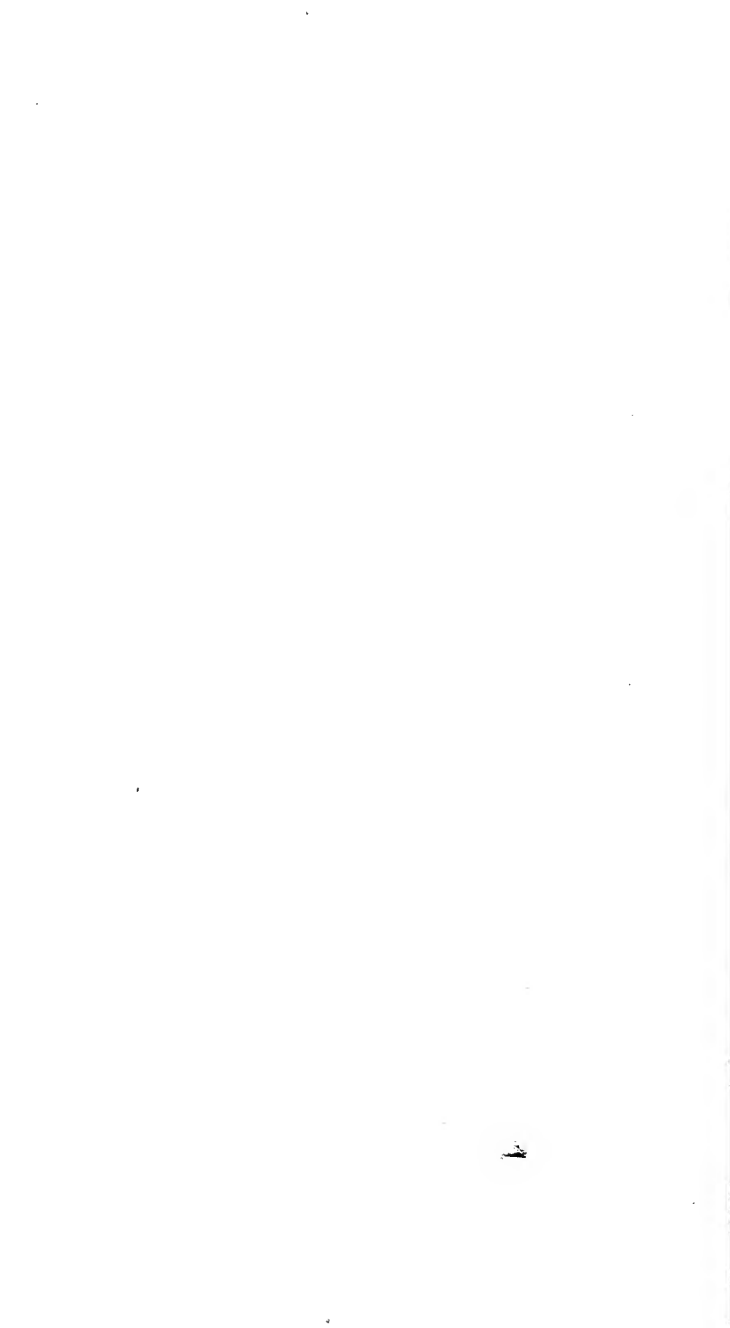
MONTEIRO LOBATO

URUPÊS

(CONTOS)

QUINTA EDIÇÃO

(12º MILHEIRO)

Ed. da Revista do Brasil
S. PAULO
1919

Os Pharoleiros

AVIO?

Dava azo á duvida uma luz vermelha a piscar na escuridão da noite. Escuridão, não direi de breu, que não é o breu de sobejo escuro para referir um negror daquelles. De cego de nascença, vá.

Ceu e mar fundia-os um só carvão, sem fresta nem pique além da pinta vermelha, que, subito, se fez amarella.

— Lá mudou de côr, é pharol.

E como era pharol a conversa recahiu sobre pharóes. Eduardo interpellou-me de chofre sobre a ideia que eu delles fazia.

— A ideia de toda a gente, ora essa!

— Quer dizer, uma ideia falsa. "Toda a gente" é um monstro com orelhas d'asno e miolos de macaco, incapaz d'uma ideia sensata sobre o que quer que seja. Tens na cabeça, respeito a pharol, uma ideia de rua, recebida do vulgo e nunca recunhada na matriz d'uma impressão pessoal. E'rro?

— Confesso-me capaz de estarrecer um auditorio de casaca, conferenciando sobre o thema; mas não affirmo que o pharol descripto se pareça com algum.

— Pois asseguro-te eu, sem menospreço do teu engenho, que tal conferencia, ouvida por um pharoleiro, poria o homem de olho parvo, a dizer como o outro: se percebo, sebo!

— Acredito. E entenderia melhor a tua séca? — retorqui abespinhado.

— E' de crer. Já vivi uma temporada inesquecivel no pharol dos Albatrozes, e falaria de cadeira.

— Viveste em pharol! — exclamei com espanto.

— E lá fui comparsa n'uma tragedia nocturna de arrepiar cabellos. O escuro desta noite evoca-me o tremendo drama...

Estavamos ambos de bruços na amurada do "Orion", em hora propicia ao esbagoar d'um dramalhão inedito. Esporeado na curiosidade, provoquei-o:

— Vamos ao caso, que estes negrumes clamam espectros que o povoem. E' calamidade á Shakespeare ou á Ibsen?

— Assigna o meu drama um nome maior que o de Shakespeare...

— ???

— ... a Vida, a grande mestra dos Shakespeares maiores e menores.

Eduardo começou do principio.

— O pharol é um romance. Um romance iniciado na antiguidade, com fogueiras armadas nos promontorios, para norteio das embarcações de remo, e continuado seculos em fóra até nossos possantes holophotes electricos. Emquanto subsistir no mundo o homem, o romance "Pharol" não conhecerá epilogo. Monotono como as calmarias, embrecham-se nelle, a espaços, capitulos de tragedia e loucura — gravuras pungentes de Doré quebrando a monotonia de um

diario de bordo. O caso dos Albatrozes foi um delles.

Gerebita metteu-se no pharol aos vinte e tres annos. E' raro isso.

— Quem é Gerebita?

— Sabel-o-ás em tempo. E' raro isso porque no gêral só se mettem nas torres maritimos erados, quarentões batidos pela vida e descrentes das suas illusões. Deixar a terra na quadra verdolenga dos vinte annos é apavorante. A terra!... Nós mal damos tento da nossa profunda adaptação ao meio terreno. A sua fixidez, o variegado dos aspectos, o bulicio humano, a cidade, os campos, a mulher, as arvores... Sabem os pharoleiros melhor do que ninguem o valor dessas teias.

Enlurados num bioco de pedra, tudo quanto para nós é sensação de todos os instantes nelles é saudade ou desejo. Cessam os ouvidos de ouvir a musica da terra, rumorejo de arvoredo, vozes amigas, barulho de rua, as mil e uma notas d'uma polyphonia que nós sabemos que o é, e encantadora, unicamente quando uma segregação prolongada nos ensina a lhe conhecer o rythmo. Cessam os olhos de rever as imagens que desde a meninice lhes são habituaes. Para os ouvidos só ha ali, dia e noite, anno e anno, o marulho das vagas ás chicotadas no enrocamento da torre. Para a vista, a eterna massa que ondula, ora torva, ora azul.

Variante unica trazem-n'a as velas que passam de largo, donairosas como garças, ou os transatlanticos pennachados de fumo.

Figura tu a vida de um homem, desraigado á querencia, e assim posto, qual galé, dentro d'uma torre de pedra, grudada como

craca a um ilhéo tambem de pedra. Terá poesia de longe; de perto é allucinante.

— Mas o Gerebita...

— Uma leitura de Kipling despertou-me a curiosidade de conhecer um pharol por dentro.

— "O perturbador do trafego?"

— Parabens pela argucia. Foi justamente a historia do Dowse o ponto inicial do meu drama.

Esse desejo incubou-se-me cá dentro, á espera d'occasião para grelar.

Certo dia fui espairecer ao cáes, e lá estava, de mãos ás costas, a seguir o vôo dos joão-grandes e a notar a gamma dos verdes luzentes que a sombra dos barcos ondeia na agua represada dos portos, quando abicou uma lancha e vi saltar em terra um homem de feições duras e pelle encorreada. Ao passar por pé d'um magote de catraeiros, um delles chasqueou em tom amolecado:

— "Gerebita, como vae a Maria Rita?

O desembarcadiço rosnou um palavrão de grosso calibre, e seguiu caminho, de sobrecenho carregado.

Interessou-me aquelle typo.

— "Quem é? indaguei.

— "Pois quem ha de ser senão o pharoleiro dos Albatrozes? Não vê a lancha?

De facto, a lancha era do pharol. A velha ideia deu-me cotoveladas: é hora!

Fui-lhe no encalço.

— "Sr. Gerebita..."

O homem entreparou, como admirado de ouvir-se nomear por bocca desconhecida. Emparelhei-me com elle e, emquanto andavamos, fui-lhe expondo os meus projectos.

— "Não póde ser, respondeu, o regulamento prohibe sapos na torre; só com ordem superior.

Ora eu tenho corrido mundo, sei que marosca é essa de ordens superiores. Metti a mão no bolso e cochichei-lhe o argumento decisivo. O pharoleiro reluctou uns instantes, mas corrompeu-se mais depressa do que supuz e, guardando o dinheiro, disse:

— "Procure o Dunga, patrão da "Gaivota Branca", terceiro armazem. Diga-lhe que já falou commigo. De quinta-feira em diante. E bico, hein?

Prometti-lh'o caladissimo e tornei ao cáes em cata do Dunga. Que sim — foi a resposta do ilhéu palavroso, logo que expuz o negocio — já fizera isso certa vez a "outro maluco", e sabia prender a lingua para não atanazar a vida aos amigos.

E como me informasse do pharoleiro:

— "E' Gerebita, d'appellido ganho no "Puru's", onde serviu como grumete. Ao depois se metteu na lanterna, pr'amor d'amores, o alarve, como se faltassem ellas por ahi, e bem catitas. Mulheres! A mim é que não empecem, as songuinhas. O demo as tolha, que eu...

E foi pelas mulheres além, a dar de rijo, com razões nem melhores nem peiores que as de Schopenhauer d'alto bordo.

No dia aprazado, antemanhã, a "Gaivota", largava de rumo ao pharol. Saltei n'um atracadouro tosco, de difficil abordagem. Encontrei o pharoleiro occupado em pulir os metaes da lanterna. Recebeu-me de boa sombra, largando o esfregão para fazer as honras da casa. Examinei tudo, dos alicerces ao lanternim, e á hora d'almoço já entendia de pharol mais que uma encyclopedia. Gerebita deu

trela á lingua e falou do officio com muita psychologia e psychologia melhor do que a que um romancista põe num romance maçador. Tambem narrou a sua vida desde menino, a grumetagem no "Puru's", sua paixão pelo mar e, por fim, a entrada para o pharol aos vinte e tres annos de idade.

— "Porque, assim tão moço?

— "Caprichos do coração, má sorte, coisas... respondeu com ar triste; e accrescentou após uma pausa, mudando de tom:

— "Pois a vida é cá isto que vê. Boasinha, hein? Entretanto, boa ou má, temos, os pharoleiros, um orgulho: sem nós, essa bicharada de ferro que passeia n'agua fumando seus dois, seus tres charutos..

— "Lá vem um! — interrompeu-se, fisgando com a luneta uma fumaça remota.

— "Bandeira allemã, duas chaminés, rumo sul. Ha de ser um "Cap", o "Trafalgar", talvez. Seja lá que diabo fôr, vá com Deus. Mas como ia dizendo, sem os pharoleiros a manobrar a "optica" esses comedores de carvão haviam de rachar atoinha ahi pelos bancos. Basta cahir a cerração e põem-se elles tontos, a urrar de medo pela bocca das sereias, que é mesmo um cortar a alma á gente. Porque, então, nem pharol nem caracol. E' a cegueira. Navegam com a morte no leme. Fóra disso salva-os o foguinho lá de cima. Pouco antes da minha entrada para aqui houve desgraça. Um cargueiro do "Bremen" rachou o bico alli no Capellão... Quem é o "Capellão?" Ah! ah! o "Capellão!" Pois o "Capellão" é o raio da terceira pedra a boreste. São tres deste lado, a "Menina", que é a primeira, a "Gurutuba" que é a do meio. A criminosa é o "Capellão" que reponta mais ao largo e só mostra a corôa nas grandes va-

santes. Cá a bombordo ainda ha duas, a "Virgem" e a "Maldicta", onde bateu o "Rotterdam".

— "E aquella lisinha, acolá ?

— "Uma coitada que nem nome tem. E' mansa, está muito perto da terra, não faz mal a navio. Ali mora um anequim, bichanca do tamanho do diabo, que gosta de virar canôas. Mas, aqui para nós, moço, isto é embromação. Peixe mora em todo o mar, não tem toca como bicho de terra. E' abusão de pescador. Quando ha mar, não se enxerga nada por ali; mas se a agua serena, e vem vindo a vasante, vae apparecendo um lombo de pedra lisa com geito de peixe. Passa um pescador atolambado, vê aquillo de longe. E' anequim! é anequim! e toca a safar com o medão n'alma. Se acontece embrabecer a agua, e dá temporal, e a canôa vira: qu'é de Fulano? tá, tá, tá, foi o anequim! Toda a gente péga feito mulher velha: foi o anequim do pharol! Ora ahi está como são as coisas. Elle ha muito anequim e tintureiras por aqui. Onde é mar sem cação? Mas dizer que um tal móra ali, é embroma.

E na sua pinturesca linguagem de maritimo, que ás vezes se tornava prodigiosamente technica, narrou-me toda a vida daquellas paragens maldictas. Falou de como, segundo a tradição, se foram baptisando os recifes; falou dos crimes de cada um, das hecatombes periodicas de aves nocturnas que, cegadas pela luz, batem de peito contra os vidros da lanterna, juncando o chão de corpinhos latejantes; das medonhas tormentas nas quaes o pharol estremece como a tiritar de pavor. De que não falou Gerebita, naquelle inesquecivel dia?

— "E o ajudante? Tem-n'o cá? — perguntei.

O rosto do meu pharoleiro mudou de expressão. Vi de relance que eram inimigos.

— "E' aquelle estupor que lá pesca, — disse apontando da janella um vulto immovel, acocorado n'um penedo.

— "Está a apanhar garoupinhas. E' o Cabrea. Máu companheiro, máu homem...

Entreparou. Percebi que mascava uma confidencia difficil. Mas a confidencia denunciou-se apenas. Gerebita sacudiu a cabeça e murmurou como de si para si:

— "Está cá de pouco, e é o unico homem no mundo que não podia cá estar! Já reclamei, já mostrei o perigo ao capitão do porto, mas qual!...

Estranha creatura, o homem! Isolados do mundo n'aquella fragua, ambos naufragos da vida, o odio os separava... Não faltavam, entretanto, accomodações no pharol para as familias dos seus guardiães. Porque não as tinham ali? Seria um bocado de mundo a lenir as agruras do emparedamento. Interpellei-o, mas Gerebita retrucou-me de modo enviezado:

— "Familia não tenho, isto é, tenho e não tenho. Tenho, porque sou casado, e não tenho porque... Historias! Estas coisas de familia é bom que fiquem cá com a gente.

Notei de novo que, a pique d'uma revelação, mascava o segredo, por desconfiança ou pudor. Suas feições endureceram. Sombras más annuvearam-lhe a physionomia. E mais torvo inda me pareceu quando Cabrea entrou, sobraçando um balaio de pescado. Typo de má cara, passou, em direitura á cosinha, sem nos volver um olhar. Mal se sumiu o bruto Gerebita exclamou "Raio do diabo!" pespe-

gando n'um caixote expiatorio um murro de fender pinho. Depois:

— "O mundo é tão grande, ha tanta gente no mundo, e cae-me aqui o unico companheiro que eu não podia ter...

— "Porque?

— "Porque?... Porque... é um louco.

Entre o primeiro e o segundo "porque" notei transição radical. Dubio o primeiro, o segundo afigurou-se-me resoluto, como illuminado pelo clarão de uma ideia brotada no momento.

Desde esse dia nunca mais Gerebita abandonou o thema da loucura do outro. Demonstrava-m'a de mil maneiras.

— "E aqui, onde os sãos perdem a tramontana, — argumentava — um já assim rachado de telha aos tres por dois rebenta como bomba em fogueira. Eu jógo que não vára o mez. Não vê os seus modos?

Metade por suggestão, metade por observação leviana, razoavel me pareceu a prophecia, e como Gerebita sem cessar malhasse na mesma tecla, acabei por convencer-me que o casmurro era um fadado ao hospicio, com pouco tempo de equilibrio nos miolos.

Um dia Gerebita abordou a questão nestes termos:

— "Quero que o senhor me resolva um caso: estão dois homens sós n'uma casa; de repente um enlouquece e rompe, como cação esfomeado, sobre o outro. O outro deve deixar-se matar como um porco ou tem o direito de atolar a faca na garganta do bicho?

Era por demais clara a consulta. Respondi como um rabula positivo:

— "Se Cabrea enlouquecesse e te aggredisse, não havendo soccorro á mão, matal-o seria um direito natural de defesa. Matar pa-

ra não morrer não é crime, mas isto só em
ultimo caso, você comprehende.

— "Comprehendo, comprehendo, respon-
deu-me distrahidamente como quem lá segue
os volteios duma ideia secreta e, depois de
longa pausa,

— "Seja o que Deus quizer" — murmurou
entre si, recahindo em scismas.

Deixei-me ficar á janella a ver cahir a tar-
de. Nada mais triste do que uma ave-maria
no ermo. A tréva espessára as aguas e absor-
via no céo os derradeiros palores da luz. No
poente, um leque aluarado vermelhava nas
varetas, com dedadas sangrentas de nuvens
a barral-o de listrões horizontaes. Triste...
A ardosia do mar, as primeiras estrellinhas
entreluzindo a medo, o marulho na pedra,
"tchá", "tchá", compassado, eterno... A al-
ma confrangeu-se-me de angustia. Vi-me
naufrago, retido para sempre n'um navio de
pedra, grudado como desconforme craca na
pedranceira da ilhota. E pela primeira vez
na vida senti profundas saudades dessa coisa
sordida, a mais reles de quantas inventou a
civilisação, o "café", com o seu tumulto, a
sua poeira, o seu bafio a tabaco e a sua fre-
guezia habitual de vagabundissimos "agentes
de negocios"

Correram dias. Minto. No vazio daquelle
dissaborido viver no ermo o tempo não corria
— arrastava-se com a lentidão da lesma por
sobre chão liso e sem fim.

Gerebita tornara-se enfadonho. Não mais
narrava pinturescos incidentes da sua vida de
marujo. Afferrado á idéa fixa da loucura do
Cabrea, só cuidava em demonstrar-me os pro-
gressos della. Fóra desse thema sinistro sua

occupação era seguir de olhos os navios que repontavam ao largo té vel-os sumirem na curva das aguas. Velas, poucas alvejavam, tirante barquinhas de pesca. Mas uma que surgia lá nos levava os olhos e a imaginação.

Como casa bem com o mar o barco de vela! E que sordido baratão craquento é ao pé delle o navio de vapor!

Escunas, corvetas, pequeninos "cutters", fragatas, lugres, brigues, hiates... O que lá vae passado de leveza e graça!... Substituem-n'as, ás garças leves, feios escaravelhos de ferro e pixe; a ellas, que viviam de brisas e ventos, negros comedores de carvão, bicharocos que mugem roncos de touro enrouquecido.

Progresso amigo, tu és commodo, és delicioso, mas feio a valer.

Que fizeste da coisa linda que é a vela enfunada? do barco á antiga, onde resoavam canções de maruja, e todo se enleava de cordame, e trazia gageiro na gavea, e lendas de serpentes marinhas na bocca dos marinheiros, e a Nossa Senhora dos Navegantes em todas as almas, e o medo das sereias em todas as imaginações?

Desfez-se a poesia do reino encantado de Amphitrita ao ronco dos "Lusitanias", hoteis ambulantes com "garçons" em vez de "lobos do mar", incaracteristicos, cosmopolitas, sem donaire, sem capitães de suiças, pittorescos no falar como seiscentos milhões de caravellas. O carvão sujou a aquarella maravilhosa que desde Hannon e Ulysses vinha pintando o veleiro na tela oceanica...

— Se pára o caso dos loucos e te mettes por intermezos poeticos para uso de meninas

olheirudas, vou dormir. Volta ao pharol, romanticão de má morte.

— Devia castigar-te sonegando á tua curiosidade o epilogo do meu drama, ó filho do Café e do carvão.

— Conta, conta.

— Certa tarde Gerebita chamou a minha attenção para o aggravamento da loucura de Cabrea e adduziu varias provas concludentes.

— "Queira Deus não seja hoje!...

— "Tens medo?

— "Medo? Eu? De Cabrea?

Queria que tu visses a extranha expressão de ferocidade que lhe endureceu o rosto!...

A conversa parou ahi. Gerebita chupava cachimbadas nervosas, fechado de sobrecenho como quem rumina uma idéa fixa. Deixou-me e logo em seguida subiu. Como anoitecesse, recolhi pouco depois e deitei-me. Dormi e sonhei. Sonhei um sonho agitadissimo, guinholesco, com luctas, facadas, o diabo. Lembro-me que, aggredido por um facinora, desfechei contra elle cinco tiros de revólver; as balas, porém, grudaram-se á parede e deram de resoar e barulhar d'um modo tal que me despertou. Mas,acordado, continuei a ouvir o mesmo rumor, vindo de cima, da lanterna. Presinto a catastrophe esperada. Salto da cama, e aguço o ouvido: barulho de lucta. Corro á escada, galgo-a aos tres degráos, mas no topo esbarro com a porta fechada. Tento abril-a; não cede. Escuto: era de facto lucta. Rolavam corpos no chão, fazendo retinir os vidros da lanterna, e ouvia-se um resfolegar surdo entremeiado de embates contra os moveis. Completa escuridão. Nenhuma restea de luz coava para a escada.

Minha situação era esquerda. Ficar ali, inu-

til, quando portas a dentro dois homens se entrematavam?

Estava nessa dubiedade quando um choque violento escancarou-me a porta. Um clarão de sol chofrou-me os olhos. Senti nas pernas um tranco e rodei escada abaixo, de cambulhada com dois corpos engalfinhados. Ergui-me, tonto, e vi em rebolo no chão os dois pharoleiros atracados. Atirei-me á lucta em auxilio de Gerebita.

— "Dois contra um! gemeu Cabrea suffocado, é cobardia!

Pela primeira vez lhe ouvia a voz, e hoje noto que nada nella denunciava loucura. No momento pensei diversamente, se é que pensei alguma coisa.

Gerebita, com grande assombro meu, tambem me repelliu.

— "Não, não! Eu só!

Nisto um pégão de nortada, varrendo a torre, trancou a porta do lanternim com estrondo. Envolveu-nos de novo a escuridão.

Começa aqui o horror.

Os rugidos que ouvi, os arrancos e sacões formidaveis da lucta nas trevas, a minha anciedade... Estão ahi uns minutos de vida que não desejo ver reproduzidos.

Perdi a noção do tempo. Durou muito aquillo? Não sei dizer. Só sei que, a tantas, ouvi, escapo ao peito de Gerebita, um urro de dor, e logo em seguida uma imprecação, "desgraçado", cujas derradeiras syllabas morreram n'um trincar de dentes atassalhando carnes. Cabrea grugulejou uns roncos que se casaram com o arquejar do peito de Gerebita. A lucta esmoreceu.

Sem palavras na bocca, cegado pela escuridão, eu só ouvia, fóra, os uivos da nortada, e ali, aquelle arquejo do vencedor exhausto,

cahido á beira do vencido. Com os olhos da imaginação eu via esse quadro, que com os da cara enxergava tanto como se tivera a cabeça envolta em velludo negro.

Não te conto os pormenores do epilogo. Obtive luz e o que vi não te conto. Não te descrevo o hediondo aspecto de Cabrea, com a carotida estralhaçada a dente, cahido n'um lago de sangue. Nem te digo o estado de Gerebita, com a cara e o peito vermelhos, a mão sangrenta com um dedo a menos, estatelado no chão sem sentidos. Nem te conto os meus transes diante daquelles corpos martyrisados, áquella hora da noite, daquella terrivel noite, negra como esta e sacudida por um vento do inferno...

Na manhã seguinte Gerebita pousou a mão no meu hombro e disse:

—"O mar não leva daqui os corpos á praia. O mundo não precisa saber de que morreu Cabrea. Cahiu n'agua, — morte de marinheiro, e o moço é testemunha de que matei para não morrer. Foi defesa. Agora vae jurar-me que isto ficará entre nós.

Jurei-o lealmente, tocando de leve a mão mutilada. E elle, num accesso de infinito desalento, quedou-se immovel, a olhar para o chão, murmurando insistentemente:

— "Eu bem avisei. Não me acreditaram. Agora, está ahi, está ahi, está ahi...

Nesse mesmo dia veiu buscar-me o Dunga. Mal a "Gaivota" largou, narrei-lhe a morte do pharoleiro, romanceando-a: Cabrea, louco, a despenhar-se torre abaixo e a sumir-se para sempre no seio das ondas.

Dunga, assombrado, susteve no ar os remos.

— "Pois morreu? e louco?
— "Está claro!
— "Claro lhe parece, que a mim...
— "Conhecia-o?
— "Não conhecia outra coisa. Des'que furtou a Maria Rita...
— "Que Maria Rita?
— "Pois a Maria Rita, mulher do Gerebita, então não sabe? que elle seduziu, hom'essa.

Abri a minha maior bocca e arregalei o que pude os olhos.

— "Como sabe disso?

— "E' boa. Sei porque sei, como sei que aquella gaivota que ali vae é uma e que este mar é mar. A Maria Rita era uma morena de truz, perigosa como o demo. O tolo do Gerebita derreou-se d'amores pela bisca e lá casou. E vae ella, a songuinha, mal o homem sahia no "Puru's", mettia em casa ao Cabrea. E nesse jogo viveram até que um dia fugiram juntos para outra terra. O pobre do Gerebita, se não acabou de paixão, é que é teso. Mas entrou para o pharol, o que é tambem um modo de morrer p'r'o mundo. Pois bem. A bola vira, o tempo corre, e vae senão quando quem mette o Governo no pharol, em lugar do defunto Gavriel? Ao Cabrea! Ao Cabrea que tambem andava descrente da vida porque a Rita fugira com terceiro. Coisas do mundo. Agora diz-me V. S. que o homem enlouqueceu e rodou do penedo e lá o róe o peixe. Está bem. Antes assim. Que do contrario era em ponta de faca que aquillo acabaria.

Calei-me. Ha situações na vida em que as ideias embaralham de tal arte que é de bom conselho deixal-as assentarem-se de per si, como liquidos turvos. Eis como...

— ... o grande Eduardo foi empulhado por um assassino vulgar!

— Perdão. O facto de se não manejarem floretes não tira áquelle pugilato o caracter de duello.

— "Cavalleria rusticana" então?

— E porque não?

O engraçado arrependido

RANCISCO Teixeira de Souza Pontes, galho bastardo duns Souza Pontes de trinta mil arrobas, afazendados no Barreiro, aos 32 annos de idade entrou a pensar sériamente na vida.

Até ali, como de natural engraçado, vivera á conta de veia comica, e com ella amanhára casa, mesa, vestuario e o mais. Sua moeda corrente eram micagens, pilherias, anecdotas de inglez e tudo quanto bole com os musculos faciaes do animal que ri, vulgo homem, repuxando risos ou matracolejando gargalhadas.

Sabia de cór a Encyclopedia do Riso e da Galhofa de Fuão Pechincha, a creatura mais dissaborida que Deus botou no mundo; mas era tal a arte do Pontes, que as semsaborias mais relamborias ganhavam na sua bocca um raro chiste e os ouvintes babavam de puro gozo.

Para arremedar gente ou bicho era um genio. A gamma inteira das vozes do cachorro da acuação aos caitetu's ao uivo á lua, e o mais, rosnado ou latido, assumia em sua boc-

ca perfectibilidade capaz de illudir aos proprios cães, e á lua.

Tambem grunhia de porco, cacarejava de gallinha, coaxava de untanha, ralhava de mulher velha, choramingava de fedelho, silenciava de deputado governista ou perorava de patriota em sacada. Que vozeio de bipede ou quadrupede não copiava elle ás maravilhas, em havendo na sua frente um auditorio bem fornido dos "musculos da alegria" que a Sra. Albertina Berta inventou?

Descia outras vezes á prehistoria. Como fosse d'algumas luzes, quando os ouvintes não eram pecos reconstituia para gaudio da sciencia delles os vozeirões paleontologicos dos bichos extinctos, roncos de mamutes amorosos das mastodontas no cio, ou berros de estegosaurios ao avistarem-se com "homos" pelludos, repimpados nos fétos arboreos, coisa muito de rir e divulgar a sciencia do sr. Barros Barreto.

Na rua, se pilhava um magote d'amigos parados á esquina, approximava-se de mansinho e "nhoc!" arremessava um bote de munheca á barriga da perna mais a geito. Era de ver o pinote assustado e o "passa!" nervoso do incauto, e logo em seguida as risadas sem fim dos outros, e a do Pontes, o qual gargalhava d'um modo todo seu, estrepitoso e musical — musica d'Offenbach. Pontes ria parodiando o riso normal e espontaneo da creatura humana, unica que ri além da raposa bebeda, e estacava de golpe, sem transição, cahido n'um serio de irresistivel comico.

Em todos os gestos e modos, como no andar, no ler, no comer, nas acções mais triviaes da vida, o raio do homem differençava-se dos demais no sentido de amolecal-as prodigiosamente.

E chegou a ponto que escusava abrir a bocca ou esboçar um gesto para torcer em risos a humanidade. Bastava sua presença. Mal o avistavam, já as caras refloriam; se fazia um gesto, espirravam risos; se abria a bocca, espigaitavam-se uns, outros afrouxavam os cóses, terceiros desabotoavam os colletes. Se entreabria o bico, nossa Senhora! eram cascalhadas, eram rinchavelhos, eram guinchos, engasgos, fungações e asphyxias tremendas.

— E' da pelle, este Pontes!

— Basta, homem, você me afóga!

E caso o pandego se innocentava, com cara palerma:

— Mas que estou fazendo? Se nem abri a bocca...

— Quá, quá, quá! — a companhia inteira, desmandibulada, chorava no espasmo supremo dos risos incoerciveis.

Com o decorrer do tempo não foi preciso mais que seu nome para deflagrar a hilaridade.

Pronunciando alguem a palavra "Pontes", accendia-se logo o estopim das fungadellas pelas quaes o homem se alteia acima da animalidade que não ri.

Assim viveu até á edade do Christo, numa parabola risonha, a rir e fazer rir, sem pensar em nada serio — vida de filante que dá mômos em troca de jantares e paga continhas miudas com pilherias de truz. Um negociante caloteado disse-lhe um dia, entre frouxos de riso baboso:

— Você ao menos diverte, não é como o major Carapuça que caloteia de carranca.

Aquelle recibo sem sello mortificou seu tanto ao nosso pandego; mas a conta subia a quinze mil réis, valia bem a pelotada. Entretanto, lá ficou a lembrança della espe-

tada como alfinete na almofadinha do amor proprio. Atraz desse vieram outros, e outros, estes fincados de leve, aquelles até á cabeça.

Tudo cança. Farto de tal vida, o hilarião entrou a sonhar nas delicias de ser tomado a serio, falar e ser ouvido sem repuxo de musculos faciaes, gesticular sem promover a quebra da compostura humana, atravessar uma rua sem presentir na piu'gada um côro de "E vem o Pontes!" em tom de quem se espreme na contensão do riso ou se ageita para uma barrigada das boas.

Reagindo, tentou Pontes a seriedade. Desastre. Pontes serio mudava de tecla, cahia no humorismo inglez. Antes divertia como clown, agora como Tony.

O estrondoso exito do que se afigurou a toda a gente uma faceta nova da sua veia comica, lançou mais sombras na alma do engraçado arrependido. Era certo que se não poderia traçar outro caminho na vida além daquelle, era odioso? Palhaço, então, eternamente palhaço á força?

Mas a vida de um homem feito tem exigencias sisudas, impõe gravidade e até casmurrice dispensaveis nos annos verdes.

O cargo mais modesto da administração, uma simples vereança, requer na cara a immobilidade da idiotia que não ri. Não se concebe vereador risonho. Falta ao dito de Rabelais uma exclusão: o riso é próprio á especie humana, fóra o verador.

Com o dobar dos annos a reflexão amadureceu, o brio crystallizou-se, e os jantares cavados acabaram por saber-lhe a azedo. A moeda pilheria tornou-se-lhe dura ao cunho; já a não fundia com a frescura antiga; já usava della como expediente de vida, não por folgança despreoccupada como outr'ora.

Comparava-se a si proprio, mentalmente, a um palhaço de circo, velho e achacoso, a quem a miseria obriga a transformar rheumatismo em caretas hilares, como as quer o publico pagante.

Deu de fugir dos homens, e gastou bons mezes no estudo da transição necessaria ao conseguimento de um emprego honesto para a sua actividade. Pensou no commercio, na industria, na feitoria d'uma fazenda, na montagem d'um botequim, que tudo lhe era preferivel á paspalhice comica de até então.

Um dia, bem maturados os planos, resolveu mudar de vida. Foi a um negociante amigo e sinceramente lhe expoz os propositos regeneradores, pedindo por fim um lugar na casa, de varredor que fosse. Mal acabou a exposição o gallego e a caixeirada em peso, que espiava de longe á espera do desfecho, torceram-se em estrondoso gargalhar como sob cocegas.

— Esta é boa! E' de primeirissima! Quá! quá! quá! Com que então... quá! quá! quá! Você me arruina os figados, homem! Se é pela continha dos cigarros, vá socegado, que me dou por pago, e bem pago! Quá! quá! quá! Este Pontes tem cada uma... Ouviu, José, a boa piada? quá! quá! quá!

E a caixeirada, os freguezes, os sapos de balcão e até gente que, de passagem na rua parou na calçada para "aproveitar" o lance, desboccaram-se em "quás" de matraca até doerem os diaphragmas.

O miserando, atarantado, e seriissimo, tentou desfazer o equivoco.

— Falo serio, e o senhor não tem direito de rir-se. Pelo amor de Deus, não zombe de um infeliz que pede trabalho e não gargalhadas.

O negociante desabotoou o cós da calça.

— Fala serio, pff! Quá! quá! quá! Olhe, Pontes, você...

Pontes largou-o em meio da frase e se foi com a alma atenazada entre o desespero e a colera. Era demais. A sociedade o repellia, então?

Correu outros balcões da cidade, explicou-se como melhor poude, implorou. O caso foi julgado, por voz unanime, como uma das melhores pilherias do "incorrigivel", e muita gente o commentou com a observação costumaria:

— E' sempre o mesmo! Não se emenda, o raio do rapaz! E olhem que já não é criança...

Barrado no commercio, voltou-se para a lavoura. Procurou um velho fazendeiro que despedira o feitor e expoz-lhe o seu caso. O coronel, depois de ouvir-lhe attentamente as allegações, conclusas pela offerta do allegante para capataz da fazenda, explodiu:

— O Pontes capataz! Ih! Ih! Ih!

— Mas...

— Deixe-me rir, homem, que cá na roça isto é raro. Ih! Ih! Ih! E' muito boa! Eu sempre digo: graça como o Pontes, ninguem!

E berrando para dentro:

— Maricota, venha ouvir esta do Pontes. Ih! Ih! Ih!

Nesse dia o infeliz engraçado chorou. Comprehendeu que se não desfaz do pé para a mão o que levou annos a cristallisar-se. A sua reputação de pandego, de impagavel, de monumental, de homem do chifre furado ou da pelle, estava construida com muito boa cal e rijo cimento para que assim esboroasse de chofre.

Urgia, entretanto, mudar de vida, e Pontes volveu as vistas para o Estado, patrão com-

modo e unico possivel no caso, porque abstracto, porque não sabe rir nem conhece de perto as cellulas que o compõem. Esse patrão, só elle, o tomaria a serio — o caminho da salvação, pois, embicava por ali.

Estudou as possibilidades da agencia do correio, dos tabellionatos, das collectorias e o resto. Bem ponderados prós e contras, trunfos e naipes, fixou a escolha na collectoria federal cujo occupante, major Bentes, por avelhantado e cardiaco, era de crer não durasse muito. Seu aneurisma andava na berra publica, com rebentamento esperado para qualquer hora.

O az de Pontes era um parente do Rio, sujeito ricaço, em via de influenciar a politica, no caso de realizar-se tal reviravolta no governo. Lá correu atraz delle e tantas fez para movel-o á sua pretenção que o parente o despediu com promessa formal.

— Vae socegado que em a coisa rebentando por cá e o teu collector rebentando por lá, ninguem mais ha de rir-se de ti. Vae e avisa-me da morte do homem, sem esperar que esfrie o corpo.

Pontes voltou radioso de esperança e aguardou pacientemente a successão dos factos, com um olho na politica e outro no aneurisma salvador.

A crise veiu afinal; cahiram ministros, subiram outros e entre estes um politicão negocista, socio do parente. Meio caminho era andado. Restava a segunda parte.

Infelizmente a saude do Major encruára, sem signaes patentes de declinio rapido. Seu aneurisma era, na opinião dos medicos que matavam pela allopathia, coisa grave, de estourar ao menor esforço; mas o precavido velho não tinha pressa de ir-se para melhor,

deixando uma vida onde os fados lhe conchegaram tão fofo ninho, e lá engambelava a doença com um regimen ultra-methodico. Se o mataria um esforço violento, socegassem, não faria tal esforço.

Ora Pontes, já meio dono daquella sinecura, impacientava-se com o equilibrio desequilibrador dos seus calculos .Como desempeçar o caminho d'aquella travanca? Leu no Chernoviz o capitulo dos aneurismas, decorou-o; andou em indagações de tudo quanto se dizia ou se escreveu a respeito; chegou a entender da materia mais que o Dr. Iodureto, medico da terra, o qual, seja dito aqui á puridade, não entendia de coisa nenhuma desta vida.

O pomo da sciencia, assim comido, induziu-o á tentação de matar o homem, forçando-o a estourar. Um esforço o mataria? Pois bem, Souza Pontes o levaria a esse esforço.

— A gargalhada é um esforço, philosophava satanicamente de si para si, a gargalhada, portanto, mata. Ora, eu sei fazer rir...

Longos dias passou alheio ao mundo, em dialogo mental com a serpente.

— Crime? Não! Em que codigo fazer rir é crime? Se morresse disso o homem, culpa era da sua má aorta.

A cabeça do maroto virou picadeiro de lucta onde o "plano" se bateu em duello contra todas as objecções mandadas ao encontro pela consciencia. Servia de juiz da contenda a sua ambição amarga, e sabe elle quantas vezes tal juiz prevaricou, levado de escandalosa parcialidade por um dos contendores.

Como era de prever, venceu a serpente e Pontes resurgiu para o mundo um tanto mais magro, de olheiras cavadas, porém com um brilho estranho de resolução victoriosa nos olhos. Tambem notaria nelle o nervoso dos

modos quem o observasse com argucia, mas a arguoia não era a virtude sobeja entre os seus conterraneos, além de que estados d'alma do Pontes eram coisas de somenos, porque o Pontes...

— Ora o Pontes!!

O futuro funccionario forgicou, então, meticulosos planos de campanha. Em primeiro era mistér approximar-se do Major, homem recolhido comsigo e pouco amigo de lerias; insinuar-se-lhe na intimidade, estudar suas venetas e cachacinhas até descobrir em que zona do corpo trazia elle o calcanhar d'Achilles.

Começou frequentando com assiduidade a collectoria, sob pretextos varios, ora para sellos, ora para informações sobre impostos, que tudo era ensejo de um parolar manhoso, habilissimo, calculado para combalir a rispidez do velho.

Tambem ia a negocios alheios, pagar sizas, extrahir guias, coisinhas. Fizera-se serviçal aos amigos que traziam negocios com o fisco.

O Major extranhou tanta assiduidade, e disse-lh'o, mas Pontes escamoteou-se á interpellação montado n'uma pilheria e perseverou n'um bem calculado dar tempo ao tempo que fosse desbastando as arestas aggressivas do cardiaco.

Dentro de dois mezes já se habituára Bentes áquelle serelepe, como lhe chamava, o qual, afinal de contas, parecia um bom rapaz, sincero, amigo de servir, e, sobretudo, inoffensivo. D'ahi a lá em dia d'accumulo de serviço pedir-lhe um obsequio, e depois outro, e terceiro, e tel-o por fim como uma especie de addido á repartição, foi um passo.

Para certas commissões não havia outro. Que diligencia! Que finura! Que tacto!

O Major, ralhando um dia o escrevente, puxou aquella diplomacia como lembrete.

— Grande pasmado... Aprende com o Pontes que tem geito para tudo, e inda por cima tem graça.

Nesse dia convidou-o para jantar.

Grande exultação na alma de Pontes: a fortaleza abria-lhe as portas.

Aquelle jantar foi o inicio d'uma serie onde o serelepe, hoje "factotum" indispensavel, teve campo de primeira ordem para as evoluções tacticas.

O Major Bentes, entretanto, possuia uma invulnerabilidade: não ria, limitava suas expansões hilares a sorrisos ironicos. Pilheria que levava outros commensaes a se erguerem da mesa atabafando a bocca nos guardanapos, encrespava apenas os seus labios. E se não era a graça de superfina agudeza, o collector mofino desmontava sem piedade o contador.

— Isso é velho, Pontes, já n'um almanaque Laemmert de 1850 me lembra de o ter lido.

Pontes sorria com ar vencido; mas consolava-se dizendo lá por dentro, dos figados para o rim, que se não pegára aquella, outra pegaria.

Toda a sua sagacidade enfocava para o fito de descobrir o fraco do major. Cada homem tem predilecção por um certo genero de humorismo ou de chalaça. Este morre pela pilheria fescenina de frades bojudos. Aquelle pella-se pelo chiste bonacheirão da chacota germanica. Aquell'outro dá a vida pela pimenta da canalhice gauleza. O brasileiro adora a chalaça onde se põe a nu' a burrice tamancuda de gallegos e ilhéos — o meio mais commodo que a nossa gente achou para demonstrar-se, pelo contraste, que é ella um alho de intelligencia.

Mas o Major? Porque não ria á ingleza, nem á allemã, nem á franceza, nem á brasileira? Qual o seu genero?

Um trabalho systematico de observação e uma methodica exclusão de generos já provados inefficientes, levaram Pontes a descobrir a fraqueza do rijo adversario. O major lambia as unhas por casos de inglezes e frades. Era preciso, porém, que viessem juntos. Separados negavam fogo. Exquisitices de velho. Em surgindo bifes vermelhos, de capacetes de cortiça, roupa enxadrezada, sapatões formidolosos e cachimbo, e ao lado frades redondos, namorados da pipa e amigos da polpa feminina, lá abria o major a bocca, e interrompia o serviço da mastigação, como criança a quem acenam com cocada; e quando o lance comico chegava, elle ria com gosto, abertamente, embora sem exaggero capaz de lhe transtornar o equilibrio sanguineo.

Pontes, com infinita paciencia, bancou nesse genero, e não mais sahiu dali. Augmentou o repertorio, a gradação do sal, a dóse de malicia, e bombardeou systematicamente a aorta do major com os productos da sua habil manipulação.

Quando o caso era longo, porque o narrador o florejava no intento de esconder o desfecho e realçar o effeito, o velho interessava-se vivamente e nas pausas manhosas pedia esclarecimentos ou contiuação:

— "E o raio do bifstek?" "E dahi?" "Mister John apitou?"

Embora tardasse a gargalhada fatal, o futuro collector não desesperava, confiado no apologo da bilha que de tanto ir á fonte lá ficou.

Não era máu o calculo. Tinha a psychologia por si, e teve tambem por si a quaresma

Certa vez, findo o carnaval, o major reuniu os amigos em torno d'uma enorme piabanha recheiada, presente do escrivão.

O entrudo desmazorrára a alma dos commensaes, e a do amphitrião, que estava naquelle dia contente de si e do mundo, como se houvera enxergado o passarinho verde.

O cheiro vindo da cosinha, valendo por todos os aperitivos de garrafaria, punha nas caras um enternecimento estomacal.

Quando o peixe entrou scintillaram os olhos do major. Pescado fino era com elle, inda mais cozido pela Gertrudes. E naquelle brodio primára a Gertrudes n'um tempero que excedia ás raias da culinaria e se guindava ao mais puro lyrismo. Que peixe! Vatel o assignaria com a penna da impotencia molhada na tinta da inveja, disse o escrivão, sujeito lido em Brillat-Savarin e outros praxistas do paladar.

Entre goles de rica vinhaça era o peixe introduzido nos estomagos com religiosa uncção. Ninguem se atrevia a quebrar o silencio da bromatologica beatitude.

Pontes presentiu opportuno o momento da cartada. Trazia engatilhado um caso de inglez, sua mulher e dois frades barbadinhos, anecdota que elaborára á custa da melhor materia cinzenta do seu cerebro, aperfeiçoando-a constantemente em longas noites de insomnia. Já de dias a tinha de tocaia, aguardando sempre um momento em que tudo concorresse para obter della o effeito maximo.

Era a derradeira esperança do facinora, seu ultimo cartucho. Negasse fogo e, estava resolvido, mettia uma bala nos miolos Reconhecia impossivel manipular torpedo mais engenhoso. Se o aneurisma lhe resiste ao embate, então é que o aneurisma era uma potoca, a aorta uma ficção, o Chernoviz um palavrorio, a

medicina uma miseria, o Dr. Iodureto uma cavalgadura e elle, Pontes, o mais chapado semsaborão jámais alumiado pelo sol, indigno portanto de viver.

Matutava Pontes assim, negaceando com os olhos da psychologia a pobre victima, quando o major veiu ao seu encontro, e lhe piscou o olho esquerdo.

— E' agora, pensou o bandido — e com infinita naturalidade, pegando na garrafinha de molho, como por acaso, poz-se a ler o rotulo.

— Perrins, Lea and Perrins. Será parente daquelle Lord Perrins que bigodeou os dois frades barbadinhos?

Inebriado pelos amavios do peixe e do vinho, o major alumiou um olho concupiscente, guloso de chulice:

— Dois barbadinhos e um lord! A patifaria foi marca F. F. F. Conta lá, serelepe.

E mastigando machinalmente absorveu-se no caso fatal.

A anecdota correu capciosa pelos fios naturaes, narrada com arte de mestre, segura e firme, n'um andamento estrategico onde havia genio até ás proximidades do desfecho. Por essas immediações, a maranha empolgou por tal forma o pobre velho que ficou elle suspenso, de bocca entre-aberta, e uma azeitona, fisgada no garfo, detida a meio caminho. Um ar de riso — riso parado, riso estopim que não é senão o armar bote da gargalhada, illuminou-lhe as faces.

Pontes vacillou. Presentiu o estouro da arteria. A consciencia travou-lhe a lingua. Mas por um instante só. Cuspilhou-a Pontes fóra de si e com voz firme desfechou o gatilho.

O major Antonio Pereira da Silva Bentes desferiu a primeira gargalhada da sua vida, franca, estrondosa, de ouvir-se ao fim da rua,

gargalhada igual á de Teufelsdrock diante de João Paulo Richter. Primeira e ultima, entretanto, porque em meio della os convivas attonitos viram-no cahir de borco sobre o prato, de passo que uma onda de sangue avermelhava a toalha.

O assassino ergueu-se allucinado, e aproveitando a confusão esgueirou-se para a rua, como um Cain. Escondeu-se em casa, trancou-se no quarto, bateu dentes a noite inteira e suou gelado. Os menores rumores retranziam-no de pavor: policia?

Dias mais tarde é que entrou a declinar aquelle transtorno d'alma que toda gente levava á conta de dôr pela morte do amigo. Não obstante, trazia sempre diante dos olhos a mesma visão: o velho de bruços no prato, golfando sangue, emquanto no ar, inda vibrantes, os echos da sua derradeira gargalhada.

E foi nesse deploravel estado que recebeu a carta do parente do Rio. Entre outras cousas dizia o az: "Como não me avisaste a tempo, conforme o combinado, só pelas folhas vim a saber da morte do Bentes. Fui ao ministro mas era tarde, já estava lavrada a nomeação do successor. A tua leviandade fez-te perder a melhor occasião da vida. Guarda para teu governo este latim: "tarde venientibus ossa", e sê mais esperto para o futuro."

Um mez depois encontraram-no pendurado numa trave do quarto, com a lingua de fóra, rigido.

Enforcára-se numa perna de ceroula.

Quando a noticia deu volta á cidade, toda gente achou graça no caso. O gallego do armazem commentou para os caixeiros·

— Vejam que creatura! Até morrendo fez chalaça! Enforcar-se na ceroula! Esta só mesmo do Pontes!...

E reeditaram em côro meia duzia de "quás" — unico epitaphio que lhe deu a sociedade.

A Colcha de Retalhos

PA!

Cavalgo e parto

A natureza por estes dias de Março acorda tarde. Passa as manhãs embrulhada n'um roupão de neblinas e é com espreguiçamentos de mulher vadia que despe os veus da cerração para o banho de sol. A nevoa esmaia o relevo da paizagem, desbota-lhe as cores. Tudo parece coado atravez dum cristal despolido.

Vejo a orla de capins tufados como debrum pelo fio dos barrancos; vejo o roxo-terra da estrada descorar passos adiante; e nada mais vejo senão, a espaços, o vulto gottejante d'alguns angiqueiros marginaes.

Agora, uma porteira.

Aqui, a encruzilhada do Labrego.

Tomo á destra, em direitura ao sitio do José Alvorada.

Este sujeito mora-me a talho de pegar um roçado no capoeirão convisinho aos Periquitos, nata de terra que pelas boccas do cahetê legitimo, da unha de vacca e da caquéra está a clamar foice e covas de milho.

Não é difficil a puxada: com cincoenta braças de carreador bóto a roça no caminho.

Tres alqueires, só no bom. Talvez quatro. A noventa por um — nove vezes quatro trinta e seis: tresentos e sessenta alqueires de oito mãos. Descontadas as bandeiras que o porco estraga e o que comem a paca e o rato... Será a filha do Alvorada?

— Bom dia, menina. O pae está em casa?

E' a sua unica filha. Pelo geito não vae em mais de quatorze annos. Que frescura! Lembra os pés d'avenca viçados nas grotas noruegas. Mas arredia e itê como a fruta do gravatá. Olhem como se acanhou! D'olhos baixos, finge arrumar a rodilha. Veiu pegar agua a este cor'go e é milagre não se haver esgueirado por detraz daquella moita de taquarys, ao avistar-me.

— O pae está lá? insisti.

Respondeu um "está" enleiado, sem erguer os olhos da rodilha.

Como a vida do matto asselvaja estas veadinhas! Note-se que os Alvoradas não são caipiras. O velho, quando comprou a situação dos Periquitos, vinha da cidade; lembro-me até que entrava em sua casa um jornal.

Mas a vida lhes correu dura na lucta contra terras ensapesadas e seccas onde se encurtam as colheitas por mais que redobre o trabalho. Foram-se rareando as idas á cidade e, ao cabo, de todo se supprimiram. Depois que lhes nasceu a menina, rebento floral em annos outoniços, e que a geada queimou o café novo — uma tamina, tres mil pés — o homem, amuado, nunca mais espichou pé fóra do sitio.

Se o marido deu assim em urumbeva, a mulher, essa enraizou de peão para o resto da vida. Costumava dizer: mulher na roça vae

á villa tres vezes, uma a baptisar, outra a casar, terceira a enterrar.

Com taes casmurrices na cabeça dos velhos, a pobresinha da Pingo d'Agua — tinha esse appellido a Maria das Dores — era natural que se tolhesse na desenvoltura ao extremo de ganhar medo á gente. Fôra uma vez á villa, com vinte dias, a baptisar. E já lá ia nos quatorze annos sem nunca mais ter-se arredado d'ali.

Ler? Escrever? Patacoadas, falta de serviço, dizia a mãe. Que lhe valeu a ella ler e escrever que nem uma professora, se des'que casou nunca mais teve geito de abrir um livro? Na roça como na roça.

Deixei a menina ás voltas com a rodilha e embrenhei-me por um atalho conducente á morada.

Que ruinaria!...

Da casa antiga aluira uma ala, e o restante, além da cumieira sellada, tinha o oitão fóra do prumo.

O velho pomar, roido de formiga, succumbira de inanição; tres ou quatro laranjeiras macillentas, roidas de broca, sopesando o polvo retrançado da herva de passarinho, na ancia de sobreviver abrolhavam ainda rebentos ouriçados de pu'as. Fóra d'isso mamoeiros, a silvestre goiaba, e araçás, promiscuamente com o matto invasor que só respeitava o terreirinho batido, fronteiriço á casa. Tapera, quasi, e enlurados nella, o que é mais triste, almas humanas em tapera.

Bati as palmas. O' de casa!

Appareceu a mulher.

— Está o seu Zé?

— Inda agorinha saiu, — mas não demora, foi queimar um mel na massaranduva do pasto. Apeie e entre.

Amarrei o cavallo a um moirão de cerca e entrei. Acabadinha a Sinh'Anna. Toda rugas na cara, e uma côr... Estranhei-lh'a.

— Doença, gemeu, estou no fim. Estomago, figado, uma dor aqui no peito que responde na cacunda... Casa velha é o que é.

— Metade é scisma, disse-lhe para consolo.

— Eu é que sei, retrucou ella, suspirando.

Entrementes surgiu da cosinha uma velhota bem apessoada, no cerne, rija e tesa, que me saudou, e:

— Está espantado do geito da Nhanna? Esta gente de agora não presta para nada... Olhe que eu com 70 no lombo não me troco por ella. Criei a minha neta, inda lavo, cosinho e coso. Admira-se? Coso sim!...

— Mecê é gabola porque nunca padeceu doença, — nem dor de dente!... Mas eu? Pobre de mim! Só admiro de inda estar fóra da cova... Ahi vem o Zé.

Chegava o Alvorada. Ao ver-me abriu a cara.

— Ora viva quem se lembra dos pobres! Não pego na sua mão porque estou assim! E' só melado. Bonito, hein? Estava difficil, n'um ôco muito alto e sem geito, mas sempre tirei. Não é jity não, é mel de pau.

Depôz a cuia de favos n'um mocho e se foi á janella lavar as mãos sob a caneca d'agua que a mulher despejava. E pondo os olhos no cavallo:

— Hoje veiu no picaço... Bom bicho! Eu sempre digo: animaes aqui no redor são este picaço e a ruana do Izé de Lima. O mais é cavallaria de moenda.

Neste momento entrou a menina, de pote á cabeça. Ao vel-a o pae apontou a cuia de mel.

— Está ahi, filha, o doce da aposta. Perdi, paguei. Negocio é negocio. Que aposta? Ah!

ah! Brincadeira. A gente cá na roça quando não tem serviço com qualquer coisa se diverte. Vinha passando um bando de maritacas. Eu disse atôa: são mais de dez! Pingo negou: não chega lá! Apostamos. Eram nove. Ella ganhou o doce. Doce da roça mel é. Esta songuinha só vendo, não é o que parece, não!

A loquela do Alvorada não desmedrára com o atrazo da vida. Em se lhe dando corda, revivia o tagarella da cidade.

Expuz-lhe o meu negocio. O homem refranziu a testa e reflexionou um bocado, de queixo preso. Depois:

— Eu hoje, franqueza, não valho mais nada. Des'que cahi daquella peste de mundeu da ponte preta, fiquei assim como quebrado por dentro. Não escóro serviço, e para lidar com camaradas no eito não basta ter bocca. Sem puxar a enxada de par com elles, a coisa não vae. Lembra-se da empreitada do anno retrazado? Pois sahi perdendo. O tranca do Mina me quebrou um machado e furtou uma foice Com esses prejuizos não livrei o jornal. Desde então fiz cruz em serviço alheio. Se inda teimo neste sapeseiro é por via da menina; senão largava tudo e ia viver no matto como bicho. E' o Pingo que inda me dá um pouco de coragem... — continuou com ternura.

A velhinha sentára-se á luz da janella, e abrindo uma caixeta puzera-se a coser, de oculos no nariz.

Approximei-me, admirativo:

— Sim, senhora! Com setenta annos!

Sorriu-se, lisonjeada.

— E' para ver. E isto aqui tem coisa! E' uma colcha de retalhos que venho cosendo ha quatorze annos, des'que Pingo nasceu. Dos vestidinhos della vou guardando nesta caixa

cada isca que sobeja e um dia as coso. Veja que galantaria de serviço.

E estendeu-me ante os olhos um panno variegado, de quadradinhos maiores e menores, todos de chita, cada qual de um padrão.

— Esta colcha é o meu presente de noivado. O ultimo retalho hade ser do vestido de casamento, não é Pingo?

Pingo d'Agua não respondeu. Mettida na cosinha, percebi-a a espiar-me pela fresta da porta.

Mais dois dedos de prosa, um cafésinho ralo — escolha com rapadura — e,

— Bom, rematei levantando-me do mocho de tres pernas, como não póde ser, paciencia. Apezar disso acho que deve pensar um bocado. Olhe que este anno se estão pagando os roçados a oitenta mil réis. Dá para ganhar, não?

— Que dá eu sei que dá, mas tambem sei para quem dá. Um perrengue como eu não pensa mais nisso, não. Quando era gente, muitas peguei a sessenta, e não me arrependi. Mas hoje...

— Nesse caso...

* * *

Transcorreram dois annos sem que eu tornasse aos Periquitos. Nesse intervallo Dona Anna falleceu. Era fatal a dor que respondia na cacunda. E me não mais aflorava á tona da memoria a imagem daquelles humildes urupês, quando chegou aos meus ouvidos o zum-zum corrente no bairro, uma coisa apenas crivel: o filho de um sitiante visinho, rapaz de todo pancada, furtára o Pingo d'Agua aos Periquitos.

— Como isso? Uma menina tão acanhada!...

— E' para ver! Desconfiem das sonsas... Fugiu, e lá rodou com elle para a cidade — não para casar, nem para enterrar. Foi ser "moça" a pombinha...

O incidente ficou a azoinar-me o bestunto. A' noite perdi o somno revivendo scenas da ultima visita ao sitio, e disso brotou a ideia de lá tornar. Para? Confesso, mera curiosidade, para ouvir os commentarios da triste velhinha. Que golpe! Desta feita ia-se-lhe a rijeza de cerne.

Fui.

Setembro entumecia gommos novos em cada arbusto. Nenhuma neblina. A paizagem desenhava-se nitida até aos cabeços dos morros e ás distantes serras azues.

Por amor á symetria montava eu o mesmo picarso. Transpuz a mesma porteira. Atalhei pelo mesmo trilho.

No corrego vi, com os olhos da imaginação, o vulto da menina envergonhada, com o pote descançado na lage e toda ás voltas com a rodilha. Mais uns passos e a tapera antolhou-se-me deserta. As tres arvores do pomar extincto eram já galhaça resecca e poenta. Só os mamoeiros subsistiam, mais crescidos, sempre apinhados de fructos. O resto peiorára, descambando para o lugubre. Ruira o oitão e o terreirinho pintalgara-se de moitas de guanxuma, cordão de frade e joás:

— O' da casa!

Silencio. Tres vezes repelli o appello. Por fim surgiu dos fundos uma sombra acurvada e tremula.

— Bom dia, nha Joaquina. Está o seu Zé?

Não me reconheceu a velhinha. O Zé fôra á villa vender aquillo para mudar de terra. Fez-me entrar, logo que me dei a conhecer, pedindo escusas da má vista.

Entrei para a saleta vasia.

— Tem coragem de estar aqui sósinha?

— Eu? Sosinha estou em toda a parte .. Morreu-me tudo, a filha, a neta... Sente-se, disse, apontando para o mocho de dois annos atraz.

Sentei-me com um nó na garganta. Não sabia que dizer. Por fim:

— O que é a vida, nha Joaquina! Parece que foi hontem que estive aqui. Apezar das doenças, iam vivendo felizes. Hoje...

A velha limpou no canhão da manga uma lagrima.

— Viver 72 annos para acabar assim... Felizmente a morte não tarda. Já a sinto cá dentro.

Confrangia-se-me o coração n'aquelle ermo onde tudo era passado, a terra, as laranjeiras, a casa, as vidas, salvo, tremulo espectro sobrevivente como a alma da tapera, a triste velhinha encanecida cujos olhos poucas lagrimas estilavam, tantas chorára.

— Que mais agora? murmurou pausadamente em voz de quem já não é deste mundo. Até á "desgraça" eu não queria morrer. Velha e inutil inda gostava da vida. Morreu-me a filha, mas restava a neta que é duas vezes filha e era o meu consolo. Desencaminharam a pobresinha... Agora, que mais? Só peço a Deus que me tire logo e logo...

Relanceei o olhar pela sala vazia. A caixeta de costura ainda estava sobre a arca, no lugar de sempre. Meus olhos pousaram nella, marasmados.

A velha adivinhou-me o pensamento e, erguendo-se, pegou da caixa com mãos tremulas.

Abriu-a. Tirou de dentro a colcha inacaba-

da, contemplou-a longamente. Depois, com tremuras na voz, disse:

— Dezaseis annos! E não pude acabar a colcha... Ninguem imagina o que é para mim esta prenda. Cada retalho tem sua historia e me lembra um vestidinho de Pingo d'Agua. Aqui leio a vidinha della des'que nasceu.

Este, olhe, foi da primeira camiseta que vestiu...

Tão galantinha! Estou a vel-a no meu braço, tentando pegar os oculos com a mãosinha gorda...

Este azul, de listras, lembra um vestido que lhe deu a madrinha aos tres annos.

Ella já andava pela casa inteira, armando reinações, perseguindo a Romão, que um dia, por signal, lhe metteu as unhas. Chamava-me "óó aquina".

Este vermelho, de rosinhas, foi quando completou os cinco annos. Estava com elle por occasião do tombo na pedra do corrego d'onde lhe veiu aquella marquinha no queixo, não reparou?

Este cá de xadrezinho foi pelos sete annos; eu mesma o fiz, e o fiz de sainha comprida e paletó de quartinho. Ficou tão engraçada feita uma mulhersinha!

Pingo d'Agua já sabia temperar um virado quando usou este aqui, de argolinhas roxas em fundo branco. Digo isto porque foi com elle que entornou uma panella e queimou as mãos.

Este roxo, usou-o quando tinha dez annos e cahiu de sarampo, muito malsinha. Os dias e noites que passei ao pé della, a contar historias! Como gostava da Gata Borralheira!...

A velha enxugou na colcha uma lagrima, e calou-se.

— E este? perguntei, apontando um retalho amarello, para avival-a.

Pausou um bocado a triste avó, em contemplação. Depois:

— Este é novo. Já tinha 15 annos quando o vestiu pela primeira vez n'um mutirão do Labrego. Não gosto delle. Parece-me que a desgraça começa aqui. Ficou um vestido muito assentadinho no corpo e galante, mas, pelas minhas contas, foi o culpado do Labreguinho engraçar-se da coitada. Hoje sei disso. Naquelle tempo nada suspeitava...

— Este, disse-lhe eu, fingindo recordarme, é o que ella vestia quando cá estive.

— E' engano seu. Era, quer ver qual? era este de pintas vermelhas, repare bem.

— E' verdade, é verdade, menti, agora me lembro, era isso mesmo. E este derradeiro?

Após uma pausa dorida, a pobre creatura sacudiu a cabeça, e balbuciou:

— Este é o da desgraça. Foi o ultimo que lhe fiz. Com elle fugiu... e me matou.

Calou-se, a lacrimejar, tremula.

Calei-me tambem, oppresso d'um infinito apertão d'alma.

Que quadro immensamente triste aquelle fim de vida machucado pela mocidade louca!...

E ficamos, ambos, assim immoveis, de olhos pregados na colcha. Ella, por fim, quebrou o silencio:

— Era o meu presente de noivado. Deus não quiz. Será agora a minha mortalha. Já pedi que me enterrassem com ella...

E guardou-a dobradinha na caixa, envolta n'um suspiro.

Um mez depois, morria. Soube que lhe não cumpriram a ultima vontade.

Que importa ao mundo a vontade ultima d'uma pobre velhinha da roça?

Pieguices...

Chóó... Pan...

CIDADE duvidará do caso. Não obstante, aquelle monjolo do Dito Nunes, no Varjão, foi durante mezes o palhaço da zona. No bairro dos Porungas, sobretudo, onde assistia Pedro Porunga, mestre monjoleiro de bem soada fama, fungavam-se á conta das trapalhices do engenho risos sem fim.

Sitiantes ambos em terras proprias, convizinhavam separados pelo espigão do Nheco, e por malquerença antiga.

Levantara Nunes uma paca, certo domingo, mas a bicha, dobrando o morro, esbarra de frente com um Porunguinha, casualmente a lenhar por ali. Zás! Uma foiçada na volta do apá dá com ella em terra. Até ahi nada. Mas comeu-a, sem ao menos mandar um quarto de presente ao legitimo dono. Isto foi aggravo. Porque afinal de contas era uma paca de nomeada. Sabida como um vigario, dizia o Nunes, nem cachorro mestre, nem mundéo podiam com a vida della. Escapulia sempre. A gente do outro lado não ignorava isto. Paca velha e matreira tem sempre a biographia na bocca dos caçadores. Ora, justa-

mente no dia em que, n'uma batida feliz, apanhava-a desprevenida, fazer aquillo, o Porunguinha? Mas é uma criança. Sim, mas o pae não approvou? Não disse, entre risadas, o Nunes que se fomente? Haviam de pagar.

Veiu dahi a malquerença. O espigão vinha do periodo um pouco mais remoto em que a crosta da terra encoscorou.

Aggravava a dissenção uma rivalidade quasi de casta. Nunes pertencia á classe dos que decaem por força de muita cachaça na cabeça e muita saia em casa. "Filho homem" só tinha o José Benedicto, d'appellido Pernambi, um passarico desta alturinha, apezar de bem entrado nos sete annos. O resto era uma "recula" de "familias mulheres", Maria Benedicta, Maria da Conceição, Maria da Graça, Maria da Gloria, um rosario de oito Mariquinhas de saia comprida.

Tanta mulher em casa amargava o animo de Nunes, que nos dias de cachaça ameaçava afogal-as todas na lagoa, como a ninhada de gatos.

Consolava-se amimando Pernambi, que aquelle ao menos logo estaria no eito a ajudal-o no cabo da enxada, emquanto o mulherio inutil mamparrearia por ali a espiolhar-se ao sol.

Pegava então do menino e dava-lhe pinga. A principio com caretas, que muito divertiam o pae, o engrimanço pegou lesto no vicio. Bebia e fumava, muito sôrna, com ares palermas de quem não é deste mundo. Tambem usava faca de ponta á cinta.

— Homem que não bebe, não pita, não tem faca de ponta não é homem, dizia Nunes.

E o pequira, conscio de que era homem, já batia nas irmans, cuspilhava de esguicho,

dizia nomes á mãe, além de muitas outras coisas proprias de homem.

Uma serigaita americana, em viajem de descoberta ao Brasil, notou em livro de impressões que os meninos da roça pitavam, usavam grandes facas na cintura e tinham ares de pequenos facinoras, o que sobremodo a arrepiava de terror.

Excellente senhora!

A observação não passou sem rebate. Um padre hespanhol, amigo do paiz, publicou no Rio um folheto desaggravando a dignidade nacional, a honra da patria e mais coisas offendidas pelos aleives da americana.

Excellente amigo!

Eu, de mim, fico neutro; não juro nem pela "Miss", nem pelo reverendo. Só affirmo que Pernambi com sete annos pitava, usava lapeana e bebia cachaça, invencionice a que se não atreveu a calumniosa detractora.

Do outro lado tudo corria pelo inverso. Commedido na pinga, Pedro Porunga casára com mulher sensata que lhe dera seis "familias", tudo homem.

Era natural que prosperasse, com tanta gente no eito. Plantava, porisso, tres alqueires de milho, tinha dois monjolos, moenda, sua mandioquinha, sua canna, além d'uma egua cheia e duas porcas de cria.

Caçava com espingarda de dois canos, "imitação de Laporte", boa de chumbo como não havia outra.

Morava em casa nova, bem colmada de sapé de boa lua, aparado a linha, com mestria, no beiral; os esteios e portaes eram de madeira lavrada, e as paredes rebocadas a mão por dentro, coisa muito fina.

Já o Nunes, pobre do Nunes! não punha na terra nem alqueire de semente.

Teve egua, mas barganhou-a por um capadete e uma espingarda velha. Comido o porco, sobrou do negocio o caco da picapau, d'um cano só e manhosa de tardar fogo.

A sua casa, de esteios roliços e portas de embau'ba rachada, muito encardida de picuman, prenunciava tapera proxima.

Capado nenhum. Gallinhada escassa.

Ao cachorro Brinquinho não lhe valia ser mestre paqueiro de fama; andava de barriga ás costas, com bernes no toitiço. O pobresinho não caminhava dez passos sem que, mordido, parasse, pondo-se aos redopios sobre os quartos trazeiros tentando inutilmente aboccar o parasita inattingivel. Que preasse. Cachorro é bicho ladino e o matto anda cheio de preás atolambadas. Tudo mais no Varjão afinava pela mesma tecla.

Foi quando contaram ao Nunes que Pedro Porunga trazia negocio d'uma besta arreada.

Besta arreada, o Porunga! Doeu-lhe aquillo no fundo d'alma. Era atrepar demais.

— Que?! já roncam assim?! bravateou. Pois hei de mostrar á Porungada quem é João Nunes Eusebio dos Santos, da Ponte-Alta!

E entrou-se, desd'ahi, de grandes atarefamentos. A mulher pasmava da subitanea reviravolta, duvidando e esperando.

— Durará esse fogo? Quem sabe!

Planeava Nunes grandes coisas, roça de tres alqueires, concerto de casa, monjolo... Aqui a mulher arrepanhou muxoxos:

— Monjolo? Ché, qu'esperança!

O marido,mettido em brios, roncou:

— Bóto, mulher, bóto monjolo, bóto moenda, bóto até moinho! Hei de fazer a Porungada morder a munheca de inveja. Vae ver.

Com assombro geral não ficou em conversa fiada a promessa. Nunes remendou, mal e

mal, a casa, derrubou um capoeirão descançado de oito annos, e num esforço de mouro metteu na terra nove quartas de milho.

Pedro soube logo da bravata.

— Eh! Aquillo é fogo de jacá velho. Calor de pinguço não dura.

O anno correu bem. Vieram chuvas a tempo, de modo que em Janeiro o milho desembrulhava pendão, muito medrado de espigas. Nunes não cabia em si. Percorria as roças, contente da vida, unhando os caules polpudos já em pleno arreganhamento da dentuça vermelha e palpando as bonecas tenrinhas a madeixarem-se duma cabellugem louro-translucida. Segurava então a barbica do mento e sonhava grandezas futuras, balanceando prós e contras. Os contras já estavam de fóra. Só havia prós. E concluia, entrando em casa, para a mulher:

— Este anno quebro um milhão desgrammado!

Carecia, pois, de armar monjolo. Desdobrado em farinha o milho, vinham dobrados os lucros. Não foi o que empolou os Porungas, a farinha? Uma resolução de tal vulto, entretanto, não se toma assim do pé para a mão: era preciso meditar, calcular. E Nunes, 'maginava, 'maginava...

O "chóó-pan" do futuro engenho batia-lhe na cabeça como um ritornello de musica do céu.

— Hei de mostrar ao Porunga que não é elle o unico monjoleiro do mundo. Empreito o serviço com o compadre Teixeirinha, da Ponte Alta.

A mulher botou as mãos na cabeça.

— Nossa Virgem! E' coisa de louco! Pois o compadre nem braço tem...

—Bééé! urrou Nunes estomagado, cala essa bocca! Mulher não entende das coisas!

E ella, nas encolhas:

— 'sta bom. Depois não se queixe...

— Bééé! rematou o marido.

Esta troada era o argumento decisivo de Nunes nas relações familiares.

Em roncando o "bééé", mulher, filhas, Pernambi, Brinquinho, todos se escoavam em silencio. Sabiam, por dolorosa experiencia pessoal, que o ponto acima era o porretinho de sapuva. E preferiam ficar no ponto abaixo.

Se a mulher emmundecia, emmudecia com ella a razão, porque o Teixeirinha Maneta era um carapina ruim inteirado, que vivia de biscates e remendos. Só a um bebedo como o Nunes bacorejaria a idéa de metter a monjoleiro um taramela daquelles, maneta e, inda por cima, cego d'uma vista. Mas era compadre e acabou-se. Bééé!

Mais uma semana passou Nunes em trabalhos de 'maginação. Coçava lentamente a cabeça, pitava enormes cigarrões, absorto, o olho no milharal e o sentido em coisas futuras. Decidiu-se, por fim. Rumou á Ponta-Alta e trouxe de lá o velho com a ferramenta.

Só restava solver o problema da madeira. Nas suas terras não havia senão pau de foice. Pau de machado, e capaz de monjolo, só a peroba da divisa, velha arvore morta que servia de marco entre os dois sitios, tacitamente respeitada de lá e de cá. Nunes viu nella o sonhado despique. Deital-a-ia por terra sem dar contas ao outro lado, como lhe fizeram á paca. Boa peça! E gozava-se da picuinha, planeando derrubal-a de noite, a modo que, pela madrugada, quando os Porungas dessem pela coisa, nem S. Antonio remediaria o mal.

Dito e feito. Dois machados roncaram no pau alta noite, e inda não arraiava a manhan quando a peroba estrondeou no chão, tombada em terras do Nunes.

Os Porungas, advertidos pela ronqueira, mal lusco-fuscou o dia sahiram a sondar o que foi, o que não foi.

Dão logo com a marosca. Pedro, á frente do bando, interpella:

— Com ordem de quem, seu...

— Com ordem da paca, ouviu? — revida Nunes provocativo.

— Mas paca é paca e essa peroba é o marco do rumo, meia minha, meia sua.

— Pois eu quero gastar a minha parte, deixo a sua pr'ahi, retrucou Nunes apontando a cavaqueira cor de rosa.

Pedro continha-se a custo.

— Ah! cachorro, não sei onde estou que...

— Pois eu sei que estou em minha casa e que bato fogo na primeira "cuia" que passar o rumo.

Esquentou o bate-bocca. Houve nome feio a valer. O mulherio interveiu com grande descabellamento de palavrões.

Mas Nunes, radiante, de espingardinha na mão, berrava para o Maneta:

— Vá lavrando, compadre, que eu sosinho escóro este cuiame.

A Porungada, afinal abandonou o campo, para não haver sangue.

— Você fica com o pau, cachaceiro, mas deixe estar que inda ha de chorar lagrima de sangue p'r'amor disso.

— Bééé, estrugiu Nunes triumphalmente.

Os Porungas desceram, resmoneando em conciliabulo, seguidos do olhar victorioso de Nunes.

— Então, compadre? Viu que cuiada chó-

ca? E' só chá de lingua, pé, pé, pé, mas chegar mesmo, quando! O guampudo conheceu arruda pelo cheiro!

E assombrou o velho com muitos lances heroicos, quebramentos de cara, escóras de tres e quatro, o diabo. E concluiu:

—O dia está ganho, compadre, largue disso e vamos molhar a garganta.

A molhadela de garganta excedeu a quanta bebedeira tinham na memoria.

Nunes, Maneta e Pernambi, confraternisaram num bolo acachaçado, commemorativo da victoria, babujantes, até que uma somneira lethargica os derreou como postas de carne inerte espalhadas pelo chão.

A mulher, com a derradeira Maria pendurada ao seio magro, olhava para aquillo, sacudindo a cabeça, scismativa:

— Que monjolo sairá disto, mãe do céu!

Evaporados os fumos do alcool, tornaram á peroba, no dia seguinte, muito acamaradados.

A cachaça cimentára o compadresco antigo, e a feitura do monjolo foi iniciada com grande quebreira de corpo.

Nunes passava os dias na obra, vendo o compadre desbastar a madeira com um braço só. Pasmava daquillo, e do adjutorio que ao braço perfeito dava o toco aleijado. Entrementes, debulhavam historias. O velho sabia coisas, e Nunes respondia com outras, tendenciadas sempre a patentear a ruindade dos Porungas.

Falquejado o tóro, correram a linha, empapada num mingáu de carvão. Pegue nesta ponta, compadre, dizia o velho, agora estique; isso. E tomando na ponta dos dedos o

meio do cordel, "plaf", chicoteava a madeira, riscando nella um traço negro.

Nunes revelou grande vocação para esfria-verruma.

Esfria-verrumas são os "empaliadores" dos carapinas. Sentam-se com uma nadega á beira da banca e pasmam durante horas do rebote correr na taboa encaracolando fitas, ou do formão ir lentamente abrindo uma fura. Ora pegam da enxó, examinam com muita attenção o cabo, a lamina, e passam o dedo pelo fio. Ora tomam d'um goivo e perguntam: é Grive? (Greaves). Quanto custou? E quando sae a verruma da madeira, quente da fricção, pegam della e se põem a sopral-a, muito serios, até que esfrie.

Emquanto isso Maneta, desageitadamente, ia escavando o cocho a machado e enxó. Depois rasgou as furas da haste e afeiçoou a munheca. Promptas que foram, atacou o pilão. Escava que escava, em tres dias pol-o de lado, concluso. Restava sómente apparelhar a virgem.

— O compadre sabe a historia do pau de feitiço?

Nunes não sabia. Nunes não sabia coisa nenhuma desta vida, tirante emborcar o gargalo e detrahir Porungas.

Maneta, sem interromper o esquadrejamento da virgem, narrou o caso.

Ouvira a lenda ao pae, o Teixeirão Serrador, madeireiro afamado.

Em cada eito de matto, dizia elle, ha um pau vingativo que pune a malfeitoria dos homens. Vivi no matto toda a vida, lidei toda a casta de arvore, desdobrei desde embaúva velha e embirussu', até balsamo, que é raro aqui. Dormi no estaleiro quantas noites! Homem, fui um bicho do matto. E de tanto lidar

com paus fiquei na supposição de que as arvores têm alma, como a gente.

— T'esconjuro! espirrou Nunes.

— Isto dizia o meu velho, eu por mim não dou opinião. E têm alma, dizia elle, porque sentem a dor e choram. Não ve como gemem certos paus, ao cair? E outros como choram tanta lagrima vermelha, que escorre, e com o sol arrezina? Ora pois têm alma, porque neste mundo tudo é criatura de Deus.

— Lá isso...

— Então, dizia elle, ha em cada matto um pau, que ninguem sabe qual é, a modo que peitado para a desforra dos mais. E' o pau de feitiço.

O desgraçado que acerta metter o machado no cerne delle, pode encommendar a alma p'r'o diabo que está perdido.

Ou estrepado, ou de cabeça rachada por um galho secco que despenca de cima, ou, mais tarde, por artes da obra feita com a madeira, de todo o geito não escapa. Não 'dianta se precatar, a desgraça peala mesmo, mais hoje, mais amanhã, a criatura marcada.

Isto dizia o velho, e eu por mim tenho visto muita coisa. Na derrubada do Figueirão, alembra-se? morreu o filho do Chico Pires. Estava cortando um guamerim quando de repente soltou um grito. Acode que acode, o moço estava com o peito varado até ás costas. Como foi? Como não foi? Ninguem entendeu aquillo. Meu pae ficou pensativo e disse: é feitiço de pau.

Como este, quantos casos? O mundo está cheio. O Sebastiãosinho da Ponte-Alta: fez uma casa, o pau da cumieira elle mesmo derrubou. Pois não é que a cumieira arreia e estronda a cabeça do rapaz?

Porisso o velho, sabido que era, antes de

pegar um serviço especulava primeiro se por alli perto não tinha havido desgraça. Era para ver se o feitiço estava solto ou preso, e precatar-se.

Com estas e outras ia Maneta florejando de lerias as horas de trabalho, emquanto dava os derradeiros retoques na virgem.

Estava prompto o monjolo. Nunes, jubiloso, via o primeiro sonho das futuras grandezas quasi realizado. Faltava o assentamento, que é nada, e porisso, contente, batia palmadas amigas na peroba vermelha

— Ahi, minha velha, mansinha, hein? Ha de chamar-se Tira-prosa — tira-prosa de Porungas, Cabaças e Cuias, eh! eh!

Recolheram cedo nesse dia para solennisar o feito a custa d'um ancorote de cachaça, que esvasiaram a meio.

Dias depois, bem fincado, bem socado, o monjolo recebeu agua. Destapada a bica, um gorgolão d'enxurro espumejou no cocho, encheu-o, desbordou para o "inferno". A engenhoca gemeu na virgem e alçou o pescoço. O cocho despejou a aguaceira, "chóó!" a munheca bateu firme no pilão, "pan!"

Nunes pulava d'alegria:

— Conheceu, Porungada chóca, quem é João Nunes Eusebio, da Ponte-Alta?

Mas não lhe bastou aquelle barulho, nem a grita da meninada a palmear, nem os ladridos de Brinquinho que, espantado da maluqueira, latia no alto d'um comoro, a salvo de ponta-pés. Queria mais. Correu á espingarda, espoletou-a, e erguendo-a para o "outro lado" desfechou. Mas o caco velho da picapáu não compartilhava da alegria geral, rebentou a espoleta e calou-se. Nunes inda a manteve uns segundos alçada, esperando o

tiro. Como o fogo tardasse demais, remessou com ella p'ra longe, embrulhada n'um palavrão immundo.

Lembrou-se de tres foguetes sobrados de uma reza; atacou-os em direcção aos Porungas.

— Cheira essa polvora, cuiada!

Infelizmente as bombas, mofadas, negaram fogo por sua vez.

— Tudo nega, compadre, vamos ver se até o ancorote nega tambem.

Não negou.

E a prova foi roncarem logo pr'aii, como dois gambás.

No outro dia partiu Maneta para a Ponte-Alta, com grande sentimento do Nunes que perdia nelle um companheirão.

Quanto ao monjolo, como não houvesse milho, ficou a sua estréa para quando se quebrasse a roça.

Cessaram as chuvas do verão. Entrou o estio, refrescado, limpo. Amarellaram as folhas do milharal, as espigas penderam, maduras. Começou a quebra.

Nunes, impaciente, debulhou o primeiro jacá recolhido, e atuchou o pilão.

Ai! Não ha felicidade completa no mundo. O engenho provou mal. Não rendia a cangica, a haste, desproporcionada ao cocho, não dava o jogo da regra. A mão, por muito leve ou por defeito de esquadria na virgem, ao bater guinava á esquerda, espirrando milho para fóra.

Por mal de peccados á primeira chuvinha o pilão entrou a rever agua. Fôra escavado em madeira ventada. Não prestava.

Nunes, de má sombra, represando a colera, metteu-se a reparar tantas torturas. Dimi-

nuiu o peso ao macaco, engrossou as aguas, amarrou d'alli, especou d'acolá, calafetou as fendas com saibro. Consumiu dias em lucta surda contra as manhas do mal engonçado. Mas o raio do mostrengo respondia a cada remendo com uma reincidencia de desalentar.

O pobre homem explodiu, então. Da bocca lhe espirraram injurias sem fim contra o patife do Maneta.

— Excommungado do diabo de maldelazento de maneta do inferno...

Impossivel metter no papel todas as contas do rosario; as miudas inda cabem, mas as grau'das não podem sair do Varjão.

Além de injurias, ameaças. Que iria á Ponte-Alta rachar o compadre a foice, que lhe vasava a outra vista, que...

Num desses desabafos a tola da mulher metteu a colher torta no meio.

— Eu bem disse, eu bem avisei. Mas o queixo duro...

Ai! Não concluiu a phrase. Nunes, passando a mão na sapuva, incarnou na esposa o odiado maneta, e deslombou-a n'uma sova de concertar negro ladrão.

— Toma, cachorro! Toma excommungado do inferno! Aprende a fazer monjolo, porco sujo! E malhava...

A mulher, urrando, sumiu-se aos pinotes matto a dentro, seguida do mulherio miudo da casa, retransido de pavor; e por oito dias andou ella em esfregações de salmoura pela polpa avergoada. Mas Nunes melhorou consideravelmente com o derivativo. Mundificou-se da bilis, e socegou.

A nova de taes successos chegou á Porungada. Pedro, exultante, não teve mão de si; queria ver com os proprios olhos a caran-

guejola que o vingava tão a pique. Meditou um plano, e lá um dia transpoz o espigão, rumo á casa do rival. Quando voltou vinha espremendo risos fungados.

— Eh! eh! minha gente! Vocês nem calculam. Quando quebrei o serrote já ouvi o barulho, "chóó-pan", uma ronqueira dos diabos. Disse cá commigo: roncar, elle ronca, eh! eh! Fui chegando. O Nunes, jururu', estava debulhando milho na porta. Quando me viu entreparou, a modo que assombrado. E' de paz, — eu disse, — e me plantei diante delle: — dois chefes de familia, inda mais vizinhos, não podem viver assim toda a vida, de focinho "trucido" um p'r'o outro. O que foi, foi, Acabou-se. Toque!

Elle relanceou os olhos p'ra o lado da ronqueira, eh! eh! e muito desconchavado espichou a mão sem abrir o bico. Traga um café, gritou p'ra dentro. Enfiei os olhos pela casa: estava "assim" de mulherada na cozinha! Peguei de prosa. Elle foi respondendo. Conversa sem graça, amarradinha. Por fim especulei: e o monjolo, vizinho, ficou na ordem? Nunes amarellou que nem esta folha!

— "E' bomzinho, disse, rende bem...

— "Quero ver, eu disse, se não é curiosidade...

— "Pois vá, respondeu sem se mexer do lugar.

Eu fui.

Nossa Virgem! Aquillo nunca foi monjolo nem aqui nem na casa do diabo! Só se vê amarrilhos de cipó, e espeque, e macaco. A haste tem nove palmos e o cocho a mó' que tem dez!

— Quiá! quiá! quiá! cacarejou a roda, que em materia de monjolo era muito entendida.

— A mão não pesa, "home", não pesa nem

arroba e meia! A virgem está errada, e fóra do prumo. Milho está, que está alvejando o chão. A mão pincha duma banda. Nossa Senhora! Que mundéo!

Os Porunguinhas babavam.

— Então roncar, ronca?

— Nossa! Ronca que nem uma "truuenta". Mas socar? o boi soca! Nem tres litros rende por noite. Homem, gentes, aquillo é coisa que só vendo!

A cara dos Porungas, annuveada desde o incidente da peroba, refloriu d'alli por diante nos saudaveis risos escarninhos do despique. E as nuvens que alli pairavam foram escurentar os céus do Varjão.

Começou a revide, um nunca se acabar de troças e pilherias. Inventavam novos traços comicos, exaggeravam as trapalhices do mundéo. Enfeitavam-n'o como se faz ao mastro de S. João. Sobre as linhas geraes debuxadas pelo velho atavam os Porunguinhas cada qual o seu buqué, de modo a tornar o pobre monjolo uma coisa prodigiosamente comica. A palavra Ronqueira entrou em giro na vizinhança, como termo comparativo de tudo quanto é risivel ou não tem pé nem cabeça.

Aos ouvidos de Nunes foram bater taes rumores. O orgulho, muito medrado no periodo dos sonhos megalomanicos, murchára-lhe como fructa verde colhida antes do tempo. Impossibilitado de vingar-se, deu de criar um rancor surdo contra a Ronqueira, que, tropega, lá ia malhando, dia e noite, "chóó-pan", muito lerda, muito parca de rendimento. E, para acalmar a bilis, dobrou as doses de cachaça.

A mulher amanhava a casa n'um grande desconsolo da vida, esmulambada, sem mais esperanças d'arranjo p'r'aquelle homem.

Pernambi, sempre rentando o pae, sornissimo, parecia um velhinho idiota. Não tirava da bocca o pito de barro e cada vez batia mais rijo no mulherio miudo.

Brinquinho desnorteára. Sentado nas patas trazeiras olhava, inclinando a cabecinha, ora para um, ora para outro, sem saber o que pensar da sua gente.

E assim, mezes.

Afinal veiu a desgraça. Feitiço de pau ou não, o caso foi que o innocente pagou o crime do peccador, como quer a justiça biblica.

Certo dia soube Nunes que o José Cuitelo, da Pedra Branca, seu compadre, puzera nome a uma egua lazarenta de Ronqueira.

Era demais!

— Até o cachorro do Cuitelo! gemeu o misero passando a mão na garrafa.

Gargalaçou um gole, e:

— Pernambisinho, vem cá, bebe com teu pae, filho.

O menino não esperou novo convite: bebeu um, dois e tres goles, estalando a lingua.

O resto da garrafa soverteu-se no bucho do caboclo.

Pernambi, mal tonteado pelos effluvios do alcool, banzou um bocado por alli. Depois saiu.

Nunes estirou-se ao sol, a dormir.

Era um dia calmo d'Agosto. Ceu toldado de fumo. Sol vermelho, sem brilho, a modorrar em declinio. Folhinhas carbonisadas de samambaia desciam do alto, lentamente, a girar.

Transcorrida uma hora o bebedo acordou, e relanceando em redor os olhos mortiços:

— Qu'é delle Pernambi? — disse ás filhas acocoradas ao pé. As meninas não sabiam.

— Chamem Pernambi, — engrolou o bebedo recahindo em cochilo.

Uma pequena sahiu no encalço do irmão. cabeça oscillava de um lado para outro, como se lhe houvessem desossado o pescoço. Da bocca escorria baba e, molhadas nella sahiam palavras vagas, mal atadas.

Subito um grito, longe, alvorotou a casa.

— Mãe, acuda!

A mulher, estrouvinhada, surge de dentro, orienta-se, e corre para onde a voz. As filhas, assustadas, disparam atraz, rumo ao monjolo.

Redobram os gritos, de dôr, de desespero.

— Coitadinho do meu filho! — uiva lá longe a mãe.

Nunes soergue-se, amparado ao portal.

— Que é isso? — grunhe.

Dá de cara com a mulher, que voltava como louca, descabellada, a falar sósinha.

— Que é que foi, mulher?

A pobre mãe, arrostando com o marido, afuzila nos olhos um raio de cólera incoercivel.

— O que é? E' a tua obra, cachaceiro do inferno! E' a tua pinga, homem atôa, esterco immundo! Vá ver! vá ver! vá ver, desgraçado!

Nunes dirige-se para lá aos cambaleios.

E topa um quadro horrendo.

No meio das filhas em grita, o corpinho magro de Pernambi de borco no pilão. Para fóra, pendentes, duas pernas franzinas. E o monjolo, impassivel, subia e descia, "chóó-pan", pilando uma pasta vermelha de farinha, miolos e pellanca...

Esvairam-se-lhe os vapores do alcool e Nunes, em semi-demencia, correu ao machado, ringindo os dentes, entre uivos:

— Chegou o dia, desgraçado!

Foi uma scena lugubre aquillo.

O louco arremessava, entre rugidos de có-

lera, golpes tremendos contra o monjolo carnivoro. Uma pancada na mão — toma Barzabu'! outra na haste — rebenta demonio! outra no pilão — estoura feiticeiro do diabo!

E "pan", "pan", "pan", dez, vinte, cem machadadas como nunca as desferiu derrubador nenhum com tal rijeza de pulso.

Cavacos saltavam para longe, roseos cavacos de peroba assassina. E lascas. E achas.

Longo tempo durou o duello tragico da demencia com a materia bruta.

Por fim, quando o monjolo maldito era já um montão escavacado de peças em desmantelo, o misero caboclo tombou em terra, arquejante, abraçado ao corpo inerte do filho.

E suas mãos tremulas mergulharam no cocho em procura da cabecinha que faltava...

"Meu conto de Maupassant"

ONVERSAVAM no trem dois sujei-tos. Approximei-me e ouvi:

— "Anda a vida cheia de con-tos de Maupassant; infelizment ha poucos Guys...

— "Porque Maupassant e nã Kipling, por exemplo?

— "Porque a vida é amor e morte e a art de Maupassant é simplesmente um enqua-dramento engenhoso do amor e da morte.

Mudam-se os scenarios, variam os actores mas a substancia persiste — o amor sob unica face impressionante, a que culmina n'u-ma posse violenta de fauno incendido de luxu-ria, e a morte, o estertor da vida em transe o quinto acto, o epilogo physiologico. A mor-te, meu caro, e o amor são os dois unicos mo-mentos em que a jogralice da vida arranc a mascara e freme num delirio tragico.

—"?

— "Não te rias. Não componho phrases. Justifico-me. Na vida, só deixamos de ser uns palhaços inconscientes a macaquear-nos uns aos outros, a copiar gestos de civilizações e a mentir á natureza, quando esta, reagindo, põe a nu' o instincto hirsuto, ou acena o "basta" final da morte, recolhendo o ruim actor ao pó.

Só ha grandeza, em summa, e "seriedade", quando cessa de agir o pobre jogral que é o

homem feito, guiado e dirigido pelas religiões, codigos, moraes, modas e mais postiços de sua invenção, e entra em scena a natureza bruta.

— "A proposito de que tanta filosofia, com este calor de Janeiro?...

O comboio corria entre S. João e Quiririm. Região arrozeira em plena faina do córte. Os campos em séga tinham o aspecto de cabellos louros tosados á escovinha. Pura paizagem europea, de trigaes. A espaços feriam nossos olhos quadros de Millet, em fuga lenta, se longe, rapida, se perto. Vultos de mulheres de cesta á cabeça, que paravam a ver passar o trem. Vultos de homens amontoando feixes de espigas, para a malhação do dia seguinte. Carroções, tirados a bois, recolhendo o cereal ensaccado. E como cahia a tarde, e a Mantiqueira era já uma pincelada opaca de indigo a barrar a imprimadura evanescente do azul, vimos, em certo trecho, o original do "Angelus"...

— "Já te digo a proposito de quê vem minha filosofia.

E enfiando os olhos pela janella, calou-se. Houve uma pausa de minutos. Subito, apontando um velho saguaragi, avultado á margem da linha e logo sumido para traz, disse:

— "A proposito desta arvore. Ella foi comparsa no "meu conto de Maupassant".

— "Conta lá, se é curto.

O primeiro sujeito não se ageitou no banco, nem limpou o pigarro, como é de estylo. Sem transição, foi logo narrando:

— "Havia um italiano morador destas bandas, com vendola na estrada. Typo mal encarado e ruim. Bebia, jogava, e por varias vezes andou ás voltas com as autoridades. Certo dia — eu era delegado de policia — vieram

uns piraquáras annunciar que em tal parte estava o "corpo morto" de uma velha, picado a foice.

Organisei a diligencia e acompanhei-os. "É lá, naquelle saraguagi", disseram, ao approximarmo-nos da arvore que passou.

Espectaculo repellente! Ainda tenho na pelle o arrepio de horror que me correu pelo corpo ao dar uma topada balofa num corpo molle. Era a cabeça da velha, semi-occulta sob folhas seccas. Porque o malvado a decepára do tronco, lançando-a a alguns metros de distancia.

Como por systema desconfiasse do italiano, prendi-o. Havia indicios vagos. Viram-no sair com a foice, a lenhar, na tarde do crime.

Entretanto, por falta de provas, foi restituido á liberdade mal grado meu, pois cada vez mais me capacitava da sua culpabilidade. Eu presentia naquelle sordido typo — e negue-se valor ao presentimento! — o miseravel matador da pobre velhinha.

— "Que interesse tinha elle no crime?

— "Nenhum. Era o que allegava. Era como argumentava a logicasinha trivial de toda gente. Não obstante, eu o trazia d'olho, certo de que era o criminoso.

O patife, não demorou muito, traspassou o negocio e sumiu-se. Eu, do meu lado, deixei a policia e, breve, do crime só me restava, nitida, a sensação da topada molle na cabeça da velha.

Annos depois o caso resuscitou. A policia colheu indicios vehementes contra o italiano, que andava por S. Paulo n'um grau extremo de decadencia moral, pensionista do xadrez por furtos e bebedices. Prenderam-n'o e remetteram-n'o para cá onde o jury iria decidir da sua sorte.

— "Os teus presentimentos...

O sujeito riu-se com malicia velhaca, e continuou:

—- "Não resistiu, não reagiu, não protestou. Tomou o trem no Braz e veiu de cabeça baixa, sem proferir palavra, até S. José; d'ahi para diante (quem o conta é um soldado da escolta) mettia amiude os olhos pela janella, preoccupado em descobrir qualquer cousa na paizagem, até que defrontou o saguaragi. Nesse ponto armou um pincho de gato, e despejou-se pela janella afóra. Apanharam-n'o morto, de craneo rachado, a escorrer a couve-flôr dos miolos, perto da arvore fatal.

— "O remorso!

—"Está aqui o "meu conto de Maupassant". Tive a impressão delle nas palavras do soldado da escolta: "veiu de cabeça baixa até S. José, d'ahi para diante enfiou os olhos pela janella até enxergar a arvore e pinchou-se". No progresso ingenuo da narrativa li toda a tragedia intima daquelle cerebro, senti todo um drama psychologico que nunca será escripto...

— "E' curioso! — commentou o outro, pensativamente.

— "O curioso, concluiu o primeiro sujeito com pausada lentidão, é que, mais tarde, um dos piraquáras denunciadores do crime, e filho da velha, preso por um horrivel assassinato a foiçadas, "confessou-se tambem o assassino da velhinha, sua mãe..."

— —"?

— "Meu caro, aquelle pobre Oscar Wilde disse muita coisa, quando disse que a vida sabe melhor imitar a arte do que a arte sabe imitar a vida...

Pollice Verso

OS dezeseis filhos do coronel Ignacio da Gama, cedo revelou o caçula singulares aptidões para medico. Pelo menos assim julgára o pae, como quer que o visse na horta interessadissimo em destripar um passarinho agonisante.

— Descobri a vocação do Nico, — disse o arguto sujeito á mulher — dá um optimo esculapio. Inda agorinha estava lá fóra, dissecando um sanhaço vivo.

Hão de duvidar os naturalistas estremes que o homem dissesse dissecar. Um coronel indigena falar assim, com esse rigor de glottica, é cousa inadmittida pelos meticulosos, que abalisam o genero inteiro pela meia duzia de pafuncios agaloados do seu conhecimento.

Pois disse. Este coronel Gama abria excepção á regra; tinha suas luzes, lia seu jornal, devorára em moço o "Rocambole", as "Memorias de um medico", e acompanhava os debates da Camara com grande admiração pelo Ruy Barbosa, o Barbosa Lima, o Nilo e outros. Vinha-lhe d'ahi um certo apuro na linguagem, destoante do achavascado ambiente glossico da fazenda, onde morava.

Quem nada percebeu foi Dona Joaquini-

nha, a avaliar pelo ar emparvecido que deu á cara.

— Dissecando, explicou superiormente o marido, quer dizer destripando.

Destripar, dada a sua boa vontade paterna em descobrir no menino pendores cirurgicos, equivalia a dissecar. Tomem nota os diccionaristas que têm filhos.

—E você deixou-o commetter semelhante malvadeza? exclamou a excellente senhora compadecida.

—Lá vens com as tuas pieguices!... Deixal-o brincar que é da edade. Eu em pequeno fazia peiores e nem por isso virei nenhum ogre.

(Outra vez! "Ogre!" Que querem? O homem nascera precioso. Este ogre devia ser reminiscencia do Ogre da Corsega, Napoleão chamado. Perdoem-lh'o, á guiza de compensação á parcimonia da esposa, cujo vocabulario era dos mais restrictos.)

Dona Joaquina fechou a cara, e quando o pequeno facinora entrou do quintal, pediu-lhe contas da perversidade, asperamente. O coronel, que nesse momento lia na rêde as folhas recem-chegadas, houve por bem interromper a ingestão de um discurso flammante sobre o Amapá, para acudir em apoio do fedelho.

— Uma vez que será medico não vejo mal em ir-se familiarisando com a anatomia...

— A anatomia está ali, rematou a encolerisada mãe, apontando a vara de marmello occulta no desvão da porta; eu que saiba que o senhor me anda com judiarias aos pobres animaesinhos, que te disseco o lombo com aquella anatomia, ouviu, seu carniceiro?

O menino raspou-se; o coronel retomou,

resignado, o fio do discurso; e o caso do sanhaço ficou por ali.

Mas não ficou por ali a malvadez do Nico. Acautelava-se agora. Era ás escondidas que "depennava" moscas, brinquedo muito curioso, consistente em arrancar-lhes todas as pernas e azas, para gozar o soffrimento dos corpinhos inertes. Aos grillos cortava as saltadeiras, e ria-se de ver os mutilados caminharem como qualquer bichinho de somenos. Gatos e cães farejavam-n'o de longe. Fôra elle quem derrabára o misero Brinquinho da aggregada Emiliana, e era quem descadeirava todos os gatos da fazenda.

Isso, longe. Em casa, um anjinho. E assim, anjo internamente e demonio extramuros, cresceu até á mudança de voz. Entrou nesse periodo para um collegio, e deste passou ao Rio, matriculado em medicina.

O emprego que lá deu aos seis annos do curso, soube-o elle, os amigos e as amigas. Os paes sempre viveram empulhados, crentes de que o filho era uma aguia a plumar-se, futuro Torres Homem de Itaóca, onde, vendida a fazenda, então moravam. Nesta cidade tinham em mente encarreirar o menino, para desbanque dos quatro esculapios locaes, uns onagros, dizia o coronel, cuja veterinaria rebaixava os itaóquenses á categoria de cavallos.

Pelas férias o doutorando apparecia por lá cada vez "mais outro", desempennado, com tiques de carioca, "ss" sibilantes, roupas caras, e uns palavriados technicos de embasbacar. Quando se formou, e veiu de vez, estava já definitivo, nos 24 annos. Não se lhe descreve aqui a cara porque retratos por meio de palavras têm a propriedade de fazer imaginar

feições ás vezes oppostas ás descriptas. Dir-se-á unicamente que era um rapaz espigado, entre louro e castanho, bonito mas antipathico — com o olhar do Emilio Chione, diziam as meninas doutoras em cinemas. No queixo trazia barba de medico francez, andó, parece, coisa que muito accrescenta a sciencia do proprietario. Doentes ha que entre um doutor barbudo e um glabro, ambos desconhecidos, pegam sem tir-te no pelludo , convictos de que pegam no melhor.

O Dr. Ignacinho, entretanto, aborrecia aquelle meio acanhado, "onde não havia campo".

— Isto aqui, contava aos collegas do Rio, é um puro degredo. Clinica escassa e mal pagante, sem margem para grandes lances, e inda assim repartida por quatro curandeiros que se dizem medicos, perfeitas vaccas de Hyppocrates, estragadoras da pepineira com suas consultinhas de cinco mil réis. O cirurgião da terra é um Doyen de 60 annos, emerito extractor de bichos de pé e cortador de verrugas com fios de linha. Dá iodureto a todo o mundo, e tem a imbecilidade de arrotar scepticismo, dizendo que o que cura é a Natureza. Estes rabulas é que estragam o negocio, etc., etc.

Negocio, pepineira, grandes lances, — está aqui a psychologia do moço medico. Queria panno verde para as boladas gordas...

— Além disso, continuava, é-me insupportavel a ausencia da Yvonne e de vocês. Não ha cá mulheres, nem gente com quem uma pessoa palestre. Uma pocilga. As boas pandegas do nosso tempo, hein?

Ora aqui está: — a Yvonne, os amigos, as pandegas foram o melhor do curso. Com mão

diurna e nocturna manuseou-os,a estes tratadistas de anatomia, da physiologia, da calaçaria, e agora roiam-no saudades.

Yvonne voltára á patria, deixando cá meia duzia de amantes que depennára a morrerem de saudades dos seus encantos. Antes de ir-se deu a cada parvo uma estrellinha do céu, para, a tantas horas, encontrarem-se nella os amorosos olhares. Os seis idiotas todas as noites ferravam o olho, um no "Taureau", (ella distribuiu as constellações em francez) outro na "Ecrevisse", outro na "Chevelure de Berenice", o quarto no "Bélier", o quinto em "Antarés", e o derradeiro na "Epi de la Vierge". A garota morria de rir nos braços dum "apache", contando-lhe a historia comica dos seis parvos brasilicos e das seis estrellas respectivas. Liam juntos as seis cartas recebidas a cada vapor, nas quaes os protestos amorosos em temperatura de ebulição faziam perdoar a ingrammaticalidade do francez antarctico. E respondiam de collaboração em carta circular, onde só variavam o nome da estrella e o endereço. Promptas todas as copias, o "apache" abria o canhenho e dictava:

— Mr. Gomes, "le Taureau"; Mr. Silva, "l'Epi de la Vierge; Mr. Souza, "le Bélier"...

E Yvonne ia collocando as estrellas, a rir.

Esta circular era o que havia de terno.

Queixava-se a rapariga de saudades, "essa palavra tão poetica que fôra aprender no Brasil, o bello paiz das palmeiras, do céu azul, e do amor..." Acoimava-os de ingratos, convolados já para novos amores, ao passo que a pobresinha, solitaria e triste "comme la jurity", na casa humilde dos velhos paes consumia os dias a rememorar o doce passado e os serões em fitar a estrella...

Eis explicada a razão pela qual, em noites limpidas, ficava Ignacinho á janella, pensativo, de olhos postos na "Chevelure".

E tambem se explica o segredo d'umas cartas que lhe entregava o correio, carimbadas de França sobre a figurinha da Semeadora.

O sonho do moço era enriquecer ás rapidas para reatar a gostosura do idylio interrompido.

— Paris!... balbuciava a meia voz nos momentos de devaneio, semi-cerrando os olhos no antegozo do paraizo.

Sonhava-se lá, riquinho, com Yvonne pelo braço, flanando no "Bois", tal qual como nos romances; e a realização deste sonho era o alvo de todos os seus passos. Jurára á amiga ir ter com ella, logo que a prosperidade lhe abastasse meios.

Entretanto o tempo corria, sem que nenhuma piabanha de vulto lhe cahisse na rede. Tardava a bolada...

Em francez senegalesco Ignacio chorincou epistolarmente no collo da diva:

— Não adoece por cá nenhum rico; não ha "margem para grandes lances"; o pae está velho mas ainda rijo, além de que somos dezeseis herdeiros! Não sei quando poderei estreitar-te nos braços, ó minha...

Aqui vinham tres ou quatro comparações a fio, qual mais poetica, relembrativas do estro de Salomão quando cantava a Sulamita.

Entre os medicos antigos de Itaóca o Dr. Ignacinho gozava pessimo renome, se um renome pessimo é coisa de gozo.

— Uma bestinha, dizia um; eu fico pasmado mas é de sairem da Faculdade cavalgaduras daquelle porte! E' medico no diploma, na

barbicha e no annel do dedo. Fóra d'ahi, que cavallo!

— E que topete! accrescentava outro. Presumido e pomadista como não ha segundo. Não diz humores, ou syphilis: é mal luetico. Eu o que queria era pilhal-o n'uma conferencia, para escachar...

O pae, já viuvo então, esse babava-se d'orgulho. Filho medico, e ainda por cima destabocado e bem falante com aquelle... Era de moer d'inveja aos mais. Enlevava-o sobretudo o seu modo alcandorado de exprimir-se. Revia-se no filho, o coronel...

— A terminologia inteira da sciencia allopatha, coisas em grego e latim, circumvolve n'aquella cabecinha, disse uma vez ao vigario, que olhou de revez por cima dos oculos, áquelle mirifico circumvolve.

E assim corria o tempo, entre diatribes das duas sciencias, a moça e a velha, com entremeios dos bellos vocabulos que o coronel nunca perdia de embrechar no phraseado.

Entrementes adoeceu o major Mendanha, capitalista aposentado com trezentas apolices federaes de conto, o Rockfeller de Itaóca. Deu-lhe uma subita afflicção, uma canceira, e a mulher alvoroçou-se.

— Não é nada, isto passa — acalmou elle.

— Passará ou não; o melhor é chamar um medico.

— Qual medico! Isto é nada.

Não era tão nada assim, como pretendia. A' noite aggravou-se-lhe o mal estar, e o velho, apprehensivo, cedeu ás instancias da esposa. Chamar a qual delles, porém?

— Pois o Moura, disse a mulher, para quem o da sua confiança era este Moura.

— Deus me livre, — retrucou o marido. —

Aquillo é homem mal azarado. Pois não foi quem tratou o Zeca, o Peixoto, o Jeronymo? E não esticaram a canella todos tres?

— O Dr. Fortunato, então...

— O Fortunato!! Já você esqueceu do que me elle fez por occasião do jury, o tranca? Cobrar cincoenta mil réis por um attestado falso! Não me pilha mais um vintem, o traste...

No Dr. Elesbão não se falou: era adversario politico.

— Chama-se o Galeno...

— E' tão bestiaga o Galeno... — gemeu o doente com cara de desconsolo. — Andou annos a tratar o Faria do Hotel como diabetico, e já o dava por morto, quando um curandeiro da roça o poz sanissimo com um côco da Bahia comido em jejum. Eram solitarias os diabetes do homem... Só se vier o filho do Ignacio?!

— Eu, a falar a verdade, prefiro a ruindade do Galeno, a má sorte do Moura, e até o Elesbão...

— Esse, nunca!! — interrompeu o velho n'um assomo de rancor politico.

— ... do que a antipathia do tal doutorzinho. Os outros, ao menos, têm a experiencia da vida, ao passo que este...

— Este quê?

— Este, Mendanha, é moço bonito que o que quer é dinheiro e pandega, você não vê?

— Qual! — emberrinchou o teimoso, — sempre ha de saber um pouco mais que os velhos; aprendeu coisas novas. No caso da Nhazinha Leandro, não a poz boa n'um apice?

— Tambem que doença!... Prisão de ventre...

— Seja prisão ou soltura, o caso foi que a curou. Mande chamar o menino.

— Olhe, olhe! Depois não se arrependa!...
— Mande, mande chamal-o e já, que não me estou sentindo bem.

Ignacinho veiu. Interrogou detidamente o major, tomou-lhe o pulso, auscultou-o com semblante carregado e disse, depois de longa pausa:
— Não diagnostico por emquanto, porque não sou leviano como "certos" por ahi. Sem auscultação esthetoscopica nada posso dizer. Voltarei mais tarde.
— Vê? — disse Mendanha á esposa, logo que o moço partiu. Fosse o Moura, ou qualquer dos taes, e já alli na porta vinham berrando que era isto, mais aquillo. Este é consciencioso. Quer fazer uma auscultação, que?
— Stereoscopica, parece.
— Seja o que for. Quer fazer a coisa pelo direito, é o que é.
Voltou o moço logo depois, e com grande cerimonial applicou o instrumento no peito magro do doente. Vincou de novo a physionomia das rugas da concentração, e concluiu com imponente solennidade:
— E' uma pericardite aguda, aggravada por uma phlegmasia hepatico-renal.
O doente arregalou o olho. Nunca imaginára que dentro de si morassem doenças tão bonitas, embora incomprehensiveis .
— E é grave, doutor? — perguntou a mulher assustada.
— E', e não é, — respondeu o sacerdote. Seria grave se, modestia á parte, em vez de me chamarem a mim chamassem a um desses matasanos que por ahi rabulejam. Commigo é differente. Tive no Rio, na clinica hospitalar, numerosos casos mais graves e a nenhum perdi. Fique descançada que porei o

seu marido completamente são dentro de um mez.

— Deus o ouça! — rematou a mulher, já reconciliada com a "antipathia", acompanhando-o até á porta.

— Então? — perguntou-lhe o doente; — fiz ou não fiz bem em chamal-o?

— Parece. Deus queira tenhamos acertado, porque isto de medicos é sorte.

— Não é tanto assim — reguingou o velho — os que sabem conhecem-se por meia duzia de palavras, e este moço, ou muito me engano, ou sabe o que diz. Fosse o Fortunato...

E riu-se, ao imaginar as doencinhas caseiras que o Fortunato descobriria nelle.

A doença do major Mendanha ninguem n'a soube qual fôra. O lindo diagnostico de Ignacinho não passava de mera sonoridade pelintra. Bacorejara ao moço que o velho tinha o coração fraco, e qualquer maromba pelo figado. Isto, porque lhe doia a elle aqui no "vasio"; aquillo, por ser natural em organismo já combalido pela idade. Méro palpite. Confessal-o com esta semcerimonia, porém, seria fazer clinica á moda Fortunato, e desmoralizar-se. Além do mais, quem sabe não estaria ali o sonhado lance? Prolongar a doença... Engordar a maquia...

Ignacio não enxergava em Mendanha o doente, mas uma bolada maior ou menor, conforme a habilidade do seu jogo.

A saude do velho importava-lhe tanto como as estrellas do céu excepção feita á "Cabelleira de Berenice". Como desadorasse a medicina, não vendo nella mais que um meio rapido de enriquecer, nem sequer lhe interessava o "caso clinico" em si, como a muitos.

Queria dinheiro, porque o dinheiro dar-lhe-ia Paris com Yvonne de lambugem. Ora o major tinha 300 apolices... Dependia pois da sua artimanha malabarisar aquelle figado, aquelle coração, aquellas palavras gregas e, n'um prestidigitar manhoso, reduzir tudo a uns tantos contos de réis bem soantes.

A carta desse mez dizia á francezinha:

— Os negocios melhoraram. Estou mettido em uma empreza que se me afigura rendosa. Sahindo tudo a contento, tenho esperanças de inda este anno beijar-te sob a luz da terna confluente dos nossos olhares...

O velho peiorou com a medicação. Injecções hypodermicas, capsulas, pilulas, poções, não houve therapeutica que se não experimentasse nelle desastrosamente.

— E' mais grave o caso do que eu suppunha — disse o doutor á mulher — e os escrupulos do meu sacerdocio aconselham-me a pedir conferencia medica. Os collegas da terra são o que a senhora sabe; entretanto, submetto-me a ouvil-os.

— Não, doutor, Mendanha não quer ouvir falar nos seus collegas; só tem confiança no doutor Ignacio Gama.

— Nesse caso...

Ignacinho voltou para casa esfregando as mãos. Estava só em campo, com todos os ventos favoraveis. Paris corria-lhe ao encontro.

Mau grado seu, na semana seguinte, inesperadamente, o raio do major apresentou melhoras. Sarava, o patife! A Ignacio palpitou que com mais uma quinzena d'aquella arribação o homem se punha de pé. Fez os calculos: trinta visitas, trinta injecções e tal e tal: tres contos. Uma miseria. Se morresse,

já o caso mudava de figura, poderia exigir vinte ou trinta.

Era costume dos tempos fazerem-se os máus medicos herdeiros dos clientes. Serviços pagos em caso de cura ahi com centenas de mil réis, em caso de morte reputavam-se por contos. Se reluctavam no pagamento os interessados, a questão subia aos tribunaes, com base no arbitramento. Os arbitros, officiaes do mesmo officio, sustentavam o pedido por colleguismo, dizendo em latim: "Hodie mihi, cras tibi", cuja traducção medica é: prepare-se você para fazer o mesmo, que eu tambem tenho em vista a minha cartada.

Ignacio ponderou tudo isto. Mediu prós e contras. Consultou accordãos. E tão absorvido no problema andou que á noite, na janella, deixava-se ficar até altas horas, mergulhado em scismas, sem erguer os olhos para a Berenice estellar.

O que a sua cabeça pensou ninguem o saberá jamais. Tem as ideias para escondel-as a caixa craneana, o couro cabelludo, a grenha; isso por cima; pela frente, têm a mentira do olhar e a hypocrisia da bocca. Assim entrincheiradas, ellas, já de si immateriaes, ficam inexpugnaveis á argucia alheia. E vae nisso a pouca de felicidade existente neste mundo sublunar. Fosse possivel ler nos cerebros, claro como se lê no papel, e a humanidade crispar-se-ia de horror ante si propria...

Positivo como era Ignacinho, suppomos que metteu em equação o problema das duas vidas.

Primeira hypothese:

Cura do Major = 3 contos.

Tres contos = Itaóca, pasmaceira, etc...

Segunda hypothese:
Morte do Major = 30 contos.
Trinta contos = Paris, Yvonne, "Bois"...

Depois desta solida mathematica esta anavalhante philosophia: A morte é um preconceito. Não ha morte. Tudo é vida. Morrer é transitar de um estado para outro. Quem morre transforma-se. Continua a viver inorganicamente, transmutado em gazes e saes, ou organicamente, feito Lucilias, Necrophoras e uma centena de outras vidinhas esvoaçantes. Que importa para a harmonia universal das coisas esta ou aquella fórma? Tudo é vida. A vida nasce da morte. Eu preciso, "quero" viver a minha vida. Ha obices no caminho? Afasto-os!

Fiquemos por aqui. São apavorantes estes soliloquios mentaes, quando escarnados da abençoada polpa da hypocrisia.

Hypocrisia! Que cascão precioso és tu! E como te injuriam... os hypocritas!

Fiquemos por aqui.

Não ha tempo para malbaratar com o amoralismo porque o Major Mendanha peiorou subitamente e lá agonisa. Morreu. O attestado d'obito baptisou a "causa-mortis" de phlematite aguda com nephrite elipsoidal. Podia baptisal-a de embolia estourada, nó cego na tripa, tuberculose mesenterica, estupor granuloso peristaltico, ou qualquer outro dos cem mil modos de morrer á grega. Morreu, e está dito tudo.

Morreu, e o Dr. Ignacinho apresentou em inventario uma conta de chegar: 35 contos de réis.

Os herdeiros impugnaram o pagamento. Move-se a traquitana desengonçada que chamam a Justiça, com maiuscula, inda se não

descobriu porque. Moe-se o palavriado tabellionesco. Saem das estantes carunchosos trabucos romanos. Procede-se a arbitramento.

Os arbitros são Fortunato e Moura, os quaes disseram entre si:

— Que grande velhaco! Mata o homem e ainda por cima quer ficar-se herdeiro! O tratamento, alto e malo, não vale cem mil réis. Que valha duzentos. Que valha um conto, ou tres. Mas trinta e cinco, é ser ladrão!

No laudo, entretanto, acharam relativamente modico o pedido, sem dizer relativo ao que.

A Justiça enguliu aquelle papel, gestou-o com outros ingredientes da praxe, e a cabo de prazos partejou um monstrosinho chamado sentença, o qual obrigava o espolio a alliviar-se de 35 contos de réis em proveito do medico, mais as custas da esvurmadela forense.

Ignacinho, radiante, embolsou os cobres, e reconciliou-se com os dois collegas, que afinal não eram as azemolas que elle suppunha.

— Collegas, o passado, passado; agora, para a vida e para a morte.

— Pois está visto, disse Fortunato. Tolo andou você em abrir lucta com os que ajudam o negocio. O colleguismo: eis a nossa grande força!...

— Tem razão, tem razão. Criançada minha, illusões, farofas que a idade cura...

Que mais? Que vôou a Paris? Está claro. Vôou, e lá está sob o pallio da grenha astral a passear com a Yvonne no "Bois".

Ao pae escreveu:

— Isto é que é vida! Que cidade! Que povo! Que civilisação! Vou diariamente á Sorbonna ouvir as lições do grande Doyen, e opéro em tres hospitaes. Voltarei não sei quando.

Fico por cá durante os 35 contos, ou mais se o pae entender de auxiliar-me neste aperfeiçoamento de estudos.

A Sorbonna! A Sorbonna é algum "paraiso" em Montmartre, onde compartilha com o "apache" da Yvonne o dia da rapariga.

E os tres hospitaes? Ora, são os tres "cabarets" mais a geito.

Não obstante o pae scismou naquillo cheio d'orgulho, embora pezaroso: não estar viva a Joaquininha para ver em que alturas andava o Nico, o Nico do sanhaço estripado... Em Paris!... Na Sorbonna!... Discipulo querido do Doyen, o grande, o immenso Doyen!...

Mostrou a carta aos medicos reconciliados.

— Isto de hospitaes, gemeu o invejoso Fortunato, é uma mina. Dá nome. Para botar nos annuncios é de primeirissima.

— E o Doyen, hein? murmurou baboso o embevecido pae. Não ha como a gente apropinquar-se das celebridades...

— E' isso mesmo, concluiu o Moura, relanceando um olhar a Fortunato, n'um commentario mudo áquelle mirifico apropinquamento. E os dois enxugaram, á uma, os copos da cerveja commemorativa, mandada abrir pelo bemaventurado Coronel.

— E a Consciencia? perguntará com indignação algum megatherio, ledor de Hugo e Sue, contemporaneo do remorso, do dedo de Deus e outras antigualhas fosseis.

— Dorme o somno do archaismo no fundo dos diccionarios, responde com o seu riso metallico o nosso prezado amigo Mephistopheles, de dentro de um "Fausto" de qualquer edição.

Bucolica

ANTA chuva hontem... O cedrão do pasto fendido pelo raio — e hoje, que manhan!

A natureza orvalhada tem a frescura duma criancinha ao deixar o banho.

Inda ha rolos de cerração vadia nas grotas.

O sol já nado e ella com tanta preguiça de recolher os pannos de neblina...

A vegetação toda a pingar orvalho, bisbilhante de gotas que cahem e tremelicam folhas, sorri como em extase.

Ha em cada vergontea folhinhas de esmeralda tenra, brotadas durante a noite. A mão de quem passa não resiste: colhe-as de alcance porque é um gosto mordiscar-lhes a polpa macia.

Meu Deus, o que vae de aranhóes pela relva! Nos galhinhos da joveva, nas flexas de capim, grandes e pequeninos, todos mimosos de desenho, tecidos a fio de seda...

Compraz-se a noite em agrumar nelles milhões de diamantesinhos que a luz da manhan irisa.

Mal-me-queres por toda a parte. Amarellos e brancos. E tanta flor sem nome...

— Flôr atôa, diz a gente roceira.

São, coitadinhas, a plebe humilima.

A nobreza floral mora nos jardins, esplen-

dendo côres de dansa serpentina em formas luxuriosas de odaliscas.

A duqueza Dhalia, sua majestade a Rosa, o samurai Chrisanthemo — que fidalguia!

Bem longe estão desta aqui, azuleguinha, pouco maior que uma conta de rosario.

Não obstante vejo cá mais alma.

Leio mil coisas na sua modestia.

Luctou sem treguas com a terra tramada de raizes concurrentes, com as geadas, com as lagartas, com os bichos que pastam.

Que tenacidade, que prodigio de economia não representam estas iscas de petalas, e o perfume agreste que as olorisa, e a côr — tentativa de azul — com que se enfeitam, as faceirinhas!

Entretanto possuem a belleza selvatica das coisas que jámais soffreram a domesticação do homem.

As de jardim: escravas de harem... Adubo farto, terra livre, tutores para a haste, cuidados mil — cuidados do homem para com a rez na ceva...

As agrestes morrem livres no hastil materno; as fidalgas. na guilhotina da tesoura, e vão murchar em vasos ou lapelas.

Fabula do lobo e do cão...

Que ar! A gente das cidades, affeita a sorver um indecoroso gaz feito de lama em suspensão n'um mixto de máu azoto e peior oxygenio, não sabe o prazer sadio que é sentir os pulmões borbulhantes deste fluido vital em estado de virgindade.

O oxygenio, fresquinho: foi elaborado naquelle momento pela vegetação viçosa.

Respiral-o é sorver vida á nascente.

Alli o rio.

Ingazeiros desgalhados desdobram sobre elle as franças cujas pontas arripiam o espelho das aguas.

Cáem na corrente flôres mortas.

O rio, feito movediço esquife, condul-as com mimo té á corredeira proxima; ali, irritado, amarfanha-as, fal-as pedaços, e ellas viram babugem.

Margeia o rio a estrada, ora d'ocre amarello, ora roxa-terra, aqui tunnel sob a verdura picada no alto de nesgões de luz, além escampa.

Nos barrancos ha tocos de raizes decepadas pelo enxadão, e covas de formigas onde as andorinhas armam ninho.

Surgem casotas de caipira.

Lá na aguada bate roupa uma mulher.

Rumor no matto: sae delle, de lenha ao hombro, uma cabocla.

— Sinh'Anna, bom dia! Que é do Luiz?

—No eito, coitado.

— Sárou bem?

— Ché que esperança! Melhorsinho. Panaricio é uma festa!...

—Malva, Sinh'Anna, malva cozida.

Baitacas em bando, bulhentas, a sumiremse num capão d'angico.

Borboletas amarellas nos humidos: parece que debulharam alli flores de ipé.

— Zut!

Uma preá que corta o caminho. Péga, Vinagre!

Outra casinha lá longe.

E' a toca do Urunduva, caboclo amaleitado,

Este diabo tem nas terras a coisa mais bella da zona — a paineira grande.

Tóco para lá.

Um carreirinho entre roças, a pinguela, um vallado a saltar...

Eil-a!

Que maravilha!

Derreada de flôres côr de rosa parece uma só immensa rosa crespa.

Beija-flôres como aqui ninguem jámais viu tantos.

Milheiros não digo — mas centenas, uma centena pelo menos lá está zinindo.

Vêm de longe, todas as manhãs, emquanto dura a festa floral da paineira mãe.

Voejam rapidos como o pensamento, ora librados no ar sugando uma corolla, ora riscando curvas velocissimas em trabalhos de amôr.

Que lindo amôr — alado, rutilante de pedrarias!...

Respiro um ar cheiroso, adocicado, e ficome em enlevo a ver as flôres que cáem, gyrantes.

Se afla mais forte a brisa, despegam-se em bando, e recamam o chão. Devem ser assim as arvores, no paiz das fadas...

O Urunduva?

E' elle mesmo. Amarello, inchado, a arrastar a perna...

— Então meu velho, na mesma?

— Melhorsinho. A quina sempre é remedio.

— Isso mesmo, quina,quina.

— E'... mas está cara, patrão. Um vidrinho assim, tres cruzados. Estou vendo que tenho de vender a paineira.

— ??

— Não vê que o Chico Bastião dá dezoito mil réis por ella e inda um capadinho de choro. Como este anno carregou demais vem paina p'r'arrobas. Elle quer aproveitar, derruba e...

— Derruba!!...
—Derruba e...
— Porque não colhe a vara, homem de Deus?
— Não vê que é mais facil derrubar...

— Derruba!!...
Fujo d'alli com este horrivel som a azoinar-me a cabeça.
Aquella maleita ambulante é "dona" da arvore.
O Urunduva está classificado no genero "homo".
Goza de direitos.
E' o rei da criação, e dizem que feito á imagem e semelhança de Deus.
— Derruba!!...

Roças de milho.
A terra calcinada, com as cinzas escorridas pelo aguaceiro da vespera, inça-se de tocos carbonisados, e arvores nu'as ennegrecidas até meia altura, e paulama em carvão.
Entremeio, covas de milho já espontando folhinhas tenras.
Adiante, feijão. O terreno varrido, côr de sepia, pontilhado pelo verde das plantas recem-vindas lembra chita de velha: as velhas gostam de chitas escuras com pintas verdes.

E' aqui o sitio da Maria Veva.
Tem ruim fama esta mulher papuda. Má até alli, dizem.
O marido, coitado! um bobo que anda pelo cabresto — Pedro Suan.
Ganhou este appellido desde uma celebre festa em que o surrou a mulher com um suan de porco.
Lá vem elle, de espingardinha.

— Vae caçar?
— Antes fosse. Vou cuidar do enterro.
— Enterro?
—Pois morreu a menina, a Annica.
—Pobresinha! De que?
— A gente sabe? Morreu de morte.
Estupido!
Sem querer dirijo-me para a casa delle. Não gosto da Veva. E' horrenda, beiço rachado, olhar máu, e aquelle papo!
— Então Nha, morreu a menina? Soube-o ainda agora pelo Pedro...
— E'.
Que resposta secca!
— E de que morreu?
— Deus é que sabe.
Peste!
E como a atrevidaça me olha duro!
Sinto-me mal em sua presença.
—Adeus, Sycorax!
Para alguma coisa sirva a literatura...

Arrepio caminho, entristecido.
A manhan vae alta, já cru'a de luz.
O sol estupido, o azul de irritar.
Que é dos aranhóes?
Sumiram-se com o orvalho que os visibilisa.
Estão agora invisiveis a apanhar os insectos incautos que Nha Veva Aranha devora.

A paisagem perdeu o encanto da frescura e da bruma.

Está um logar commum.

Não vejo flôres nem passaros.

O excesso de luz dilue as flôres, o calor esconde as aves.

Só um cará-cará resiste ao mormaço empoleirado num esgalho de perobeira. Está de tocaia aos pintos do Urunduva, o rapinante.

Um vulto.
E' mulher.
Será a Ignacia?
Vem de trouxa á cabeça.
E' ella mesma, a preta aggregada aos Suans.
— Então, rapariga?
—Ah, seu moço, vou-me embora. Alguem ha de ter dó da velha. Na casa da peste papuda nem mais um dia. Antes morrer de fome!...
— Que coisa houve?
— Não sabe que morreu a aleijadinha? Pois é, morreu. Morreu a pobre só porque hontem esta negra foi ao bairro do Liborio e a chuva me prendeu lá. Se eu pudesse adivinhar...
— Mas de que morreu a menina, creatura?
— Sabe de que morreu? Morreu... de sede! Morreu, sim, eu juro, um raio me abra pelo meio se a coitadinha não morreu...
Aqui soluços de choro cortaram lhe a voz.
—... de sede! Meu Deus do céu, o que a gente não vê neste mundo!

A menina era entrevada e a mãe má como a irára.
Dizia sempre: pestinha, porque não morre? Bocca atôa, a comer, a comer. Estica o cambito, diabo!
Isso dizia a mãe — mãe. hein?
A Ignacia, entretanto, morava lá só para zelar da aleijadinha.
Era quem a vestia, e a lavava, e arrumava o pratinho daquelle passarico enfermo.
Sete annos assim.
Excellente negra!
— Coisa de tres dias, 'garrou uma doencinha, dôr de cabeça, febre, febre. Dei chá de hortelã, nada, dei cidreira, nada. Sempre a quentura da febre. Disse commigo. o compadre Liborio é bom curador. Vou lá e trago uma

dóse. Fui — é longinho, tres quartos — elle me deu a dóse, mas quem disse de poder voltar? Uma chuvarada... Pousei no Liborio. Hoje, manhansinha, vim.

Entrei alegre, pensando: a coitadinha vae sarar. Eu que pisei na sala dou com a menina espichada na esteira, fria. Annica! Annica! Quando vi bem que estava morta de uma vez, ah! seu moço, berrei como nunca na minha vida!...

— Nha Veva, de que geito morreu Annica, conte, conte!

Nha Veva quieta, repuxando a bocca. Uma pedra. Não disse nada. Cahi em cima da menina, beijei, chorei. Nisto uma cotucada — era o Zico, aquelle negrinho, sabe? Olhei p'ra elle: fez geito de me falar lá fóra, longe da tatorana. Lá me contou tudo. A menina des'-'que eu sahi peiorou, mas quietinha sempre. Noite alta gemeu.

— Cala a bocca, peste! gritou do outro quarto a mãe — mãe, veja!

— Quero agua, nha mãe!

— Cala a bocca, peste!

A menina calou. Mais tarde gemeu outra vez, baixinho.

— Quero agua! quero agua!

Ninguem se mexeu.

— "E tu, negrinho safado, porque não acudiu a menina?" — "Não vê! Eu conheço nha Veva".

O seu Pedro, aquelle trapo, esse estava na pinga de todo o dia. Ninguem na casa para chegar uma caneca d'agua á bocca da doentinha. Ella, — um chorinho ainda; depois — mais nada. De manhã...

Lagrimas escorriam a fio pela cara da Ignacia e soluços de dôr escandiam-lhe as palavras.

— De manhã foram encontrar a menina morta na cozinha, rente do pote d'agua. Arrastou-se até lá o anjinho que nem se mexer na cama podia, e morreu de sede diante da agua!...

— Quem sabe se...

— Não bebeu, não! O pote, em cima da caixa, ficava alto, e o côco estava tal e qual no logarsinho do costume. Não bebeu, não. Morreu de... sede, o anjo!

Enxugou as lagrimas na manga.

— Agora vou no Liborio. Se elle me quizer, fico. Se não, sou bem capaz de me pinchar nesse rio. Este mundo não paga a pena...

Sol a pino.

Desanimo, lassidão infinita...

O Mata-Pau

INCAROS arriba e perambeiras abaixo, a serra do Palmital escurece de mataria virgem, sombria e humida, tramada de taquarussu's, afestoada de pócas, com grandes arvores velhas por cujo tronco e galhaça trepam cipós, escorre a barba de pau e adherem musgos.

Quem sóbe da varzea, transpostas as capoeiras da raiz, ao emboscar-se de chofre no frio tunnel vegetal que é ali a estrada, inevitavelmente espirra. E se é homem das cidades, pouco affeito aos aspectos bravios do sertão, depois do espirro abre a bocca, pasmado da paulama. Extasia-se ante a copa graciosa dos samambaiussu's, ante as borboletas azues, ante as orchideas, os lichens, tudo.

Soffrea o animal sem o sentir; mas não pára. Vae parar adiante, na Volta Fria, onde um broto d'agua gelada, fluente por entremeio de pedras limosas, o tenta a sorver um gole aparado em folha de caheté. Bebida a agua, e dito que nas cidades não ha d'aquillo, leva-lhe a vista o soberbo mata-páu que abalisa o grotão.

— Que raio de arvore é esta? pergunta elle ao capataz, pasmado mais uma vez.

E tem razão de parar, admirar e pergun-

tar, porque é duvidoso existir naquella sertania exemplar mais truculento de gamelleiro.

Eu, de mim, confesso, fiz as tres coisas.

O camarada respondeu á terceira:

—Não vê que é um mata-páu.

— E que vem a ser o mata-páu?

— Não vê que é uma arvore que mata outra. Começa, quer ver como? — disse elle escabichando as frondes com olhar agudo em procura d'um exemplar typico — está ali um!

— Onde? perguntei eu, tonto.

— Aquelle fiapinho de planta ali no gancho d'aquelle jacaré, continuou o cicerone, apontando com dedo e beiço uma parasita humilde, grudada na forquilha de um galho, com dois filamentos pendurados, oscillantes ás brisas.

— Começa "assimzinho", meia duzia de folhas piquiras; bóta p'ra baixo esse fio de barbante na tenção de pegar a terra. E vae indo, sempre n'aquillo, nem p'ra mais, nem p'ra menos, até que o fio alcança o chão. E vae então o fio vira raiz, e pega a beber a sustancia da terra. A parasita cria folego, e cresce que nem embau'va. O barbantinho engrossa todo o dia, passa a cordel, passa a corda, passa a pau de caibro e acaba virando tronco de arvore e matando a mãe, como este guampudo, — concluiu dando com o cabo do relho no meu gamelleiro.

—Com effeito! — exclamei. E a arvore deixa?

—Que é que ha de fazer? Não desconfia de nada, a boba. Quando vê no seu galho uma isca de quatro folhinhas imagina que é parasita, e não se precata. O fio, pensa que é cipó. Quando a malvada ganha alento, e garra de engrossar, é que a arvore sente a dôr dos apertos na casca. Mas é tarde. O poderoso

d'ahi para diante é o mata-páu. A arvore morre e deixa a lenha podre dentro delle.

Era isso mesmo. O lenho gordo e viçoso da planta facinorosa envolvia um tronco morto, a desfazer-se em carcoma .Viam-se por elle acima, intervalados, os terriveis cingulos estranguladores; hoje inuteis, desempenhada já a missão constrictora, jaziam esses anneis frouxos e atrophiados.

Imaginação envenenada pela literatura, pensei logo nas serpentes de Laocoonte, na vibora aquecida no seio do homem da fabula, nas filhas do rei Lear, em todas as figuras classicas da ingratidão. Pensei e calei, tanto o meu companheiro era uma creatura simples, pura dos vicios mentaes que inoculam livros. Encavalgamos de novo e partimos.

Não longe d'ali a serra complana-se em rechan e a matta mingu'a em capoeira nova. No meio della, em terreiro descoivarado, entremonstra-se uma tapera. Esverdece o melão de S. Caetano por sobre o tapume arruinado do quintalejo onde laranjeiras hervadas, e uma ou outra planta domestica, marasmam agoniadas pelo matto suffocante.

— Antigo sitio do Elesbão do Queixo d'Anta, explicou o camarada.

— Largado? perguntei.

— Ha que annos! Des'que mataram o homem ficou assim.

Bacorejou-me historia como as quero.

— Mataram-n'o? Conte-me lá como foi isso.

O camarada contou a historia que para aqui traslado com a possivel fidelidade. O melhor della evaporou-se, a frescura, o correntio, a ingenuidade de um caso narrado por quem nunca aprendeu os pronomes e que porisso mesmo narra melhor que quantos por ahi sor-

vem literaturas inteiras, e grammaticas, na ancia de adquirir o estylo.

Grandes folhetinistas andam por esse mundo de Deus, perdidos entre a gente do campo, ingrammaticalissima, porém pittoresca no dizer como ninguem.

Elesbão morava com o pae no Queixo d'Anta, onde nascera. Quando se lhe engrossou a voz, disse ao velho:

— Meu pae, eu quero casar.

O pae olhou para o filho pensativamente, e em seguida falou:

— Passarinho cria penna é para voar. Se você já é homem, case.

O rapaz pediu-lhe que puzesse em prova a sua virilidade.

O pae reflectiu e disse:

— Derrube o jatahy da grotinha, — sem tomar folego.

Elesbão afiou o machado, arregaçou as mangas e feriu o pau. Em toada de compasso bateu firme a manhã inteira A' hora do almoço o "pan-pan" continuava sem esmorecimento.

Só quando o sol aprumou no pino é que a madeira gemeu o primeiro estalido.

— Está no chão, disse o pae, que se acercára do filho exhausto mas victorioso. Póde casar. E' homem.

Elesbão trazia d'olho uma menina das cercanias, filha do balaieiro João Póca, a Rosinha, bilro sapiroquento de treze annos, feiosa como um rastolho.

— Meu pae, eu quero a Rosinha Póca.

— Case. Mas ouça o que eu digo. Os Pócas não são boa gente. Os machos ainda passam, o João é um coitado, o José não é má bisca; mas as saias nunca valeram nada. A mãe da

Rosa é falada. Laranjeira azeda não dá laranja serra d'agua. Você pense.

— Meu pae, o futuro é de Deus. Eu quero casar com a Rosinha.

— Pois case.

Deliberado com tal firmeza, Elesbão tratou de sitiar-se. Arrendou a rechan da tapera, roçou, derrubou, queimou, plantou, armou choça. Barreada que foi, pediu a menina e casaram-se.

Rosa só era rosa no nome. No corpo, simples botão inverniço desses que melam aos frios extemporaneos de Maio. Olhos cosidos e nariz rebitado, tal qual o da mãe. Feia, mas da feiura que o tempo ás vezes concerta. Talvez se fiasse nisso o noivo.

Elesbão, rijo no trabalho, prosperou. Aos tres annos de labuta era já sitiante de monjolo, escaroçador e cevadeira, com dois aggregados no eito.

Filhos, até esse tempo, nenhum, e isso entristecia a casa, mas resignavam-se já ao vasio da esterilidade quando, certa noite, ouviram choro de criança no terreiro. Não se conta o terror de ambos, que aquillo era na certa alma penada de criança morta pagan. Como, entretanto, a pobre alma berrasse com pulmões muito da terra, e cada vez mais, Elesbão duvidou do bruxedo e accendendo uma braçada de palha lançou-a para fóra, atravez da janella. O terreiro clareou até longe e elles viram, a pouca distancia, uma creaturinha de gatas a berrar com desespero de quem é muito deste mundo.

— E não é que é uma criança de verdade? exclamou elle saido de um assombro e entrado n'outro. E agora?

— Pois é recolhel-a, disse Rosinha, cujo instincto de mulher só via no caso um pobre

enjeitadinho ao léo, reclamando conchego.

Recolheu-o Elesbão, depondo o chorincas no collo da esposa, que o estreitou ao seio, acalmando-o, de passo que "assentava" o marido, propondo:

— Se não apparecer a mãe, cria-se o menino. Faz tanta falta um chorinho nesta casa ..

No dia seguinte bateram as vizinhanças em indagações, sem nada colher explicativo do estranho caso. O pae de Elesbão, consultado, ponderou:

— Não presta criar filho alheio.

Mas como o consulente armasse cara de vacillação, remendou philosophicamente:

— Tambem não é caridade enjeitar um enjeitado — e ficou-se nisso.

Rosa conservou o pequeno, e deu com elle criado á força de leite de cabra e caldinhos.

O menino, porém, á medida que medrava, punha a nu a má indole congenial. Não promettia boa cousa, não.

— Eu bem avisei, recordou o velho, como Elesbão se queixasse um dia da ruim casta do recolhido.

— Meu pae disse tambem que não era caridade enjeitar um enjeitado...

— E' verdade, é verdade... confirmou o philosopho sertanejo, calando-se.

Manoel Achado era o nome do rapazinho. Como tivesse olhos gateados, e cabellos louros de milho, denunciativos de origem estrangeira, appuzeram-lhe os vizinhos a alcunha de Ruço. Ganhou fama de madraço e o era refinado, inimigo de enxada e foice, só attento a negociatas, barganhas, espertezas. Amado pela Rosa como filho, livrava-o ella da sanha do marido escondendo suas malandragens, que Elesbão ameaçava sempre endireital-o a

rabo de tatu'. Não endireitou coisa nenhuma. Com 18 annos era o Ruço a peste do bairro. atarantador dos pacificos e traiçoeiro com os escoradores.

— E' ruim inteirado. dizia o povo.

Por esse tempo navegava Rosa na casa dos trinta. Como a não estragaram filhos, nem se estragou ella em grosseiros trabalhos de roça, valia muito mais do que em menina. O tempo curou-lhe a sapiroca, e deu-lhe carnes a boa vida. Concertou de tal fórma que todo mundo gabava o arranjo.

— Ninguem perca a esperança. Olhem a mulher do Elesbão, aquella Póquinha sapiroquenta, como está chibante!

A sua boniteza residia na saude dos olhos e na gordura. Na roça, gordura é synonimo de belleza; gordura e olhos azues "que nem uma conta". Além disso Rosinha cuidava de si. Virou faceira. Sempre limpa, vestida de boas chitas da sua côr, cabellos bem alisados para traz, torcidos em pericote lustroso á força de pomada de lima, não havia na serra, pimpona assim, nem moça de fazenda com pae coronel.

Suas relações com o Ruço, maternaes até ali, principiaram a mudar de rumo como quer que espigasse em homem o menino. Por fim degeneraram em namoro, medroso no começo, descarado ao cabo. A má casta dos Pócas, desmentida no decurso da primavera, reaffirmava-se afinal em plena sazão calmosa. O verão das Pócas! Que quadra!

Tudo transpira. Transpirou nas redondezas a feia maromba daquelles amores. Boas linguas, e más, boquejavam o quasi incesto.

Quem de nada nunca suspeitou foi o honradissimo Elesbão, e como na porta dos seus ouvidos paravam os rumores do mundo, a vi-

da das tres creaturas corria-lhes na toada mansa a que se dá o nome de felicidade.

Foi quando cahiu de cama o pae de Elesbão, doente de velhice. Mandou chamar o filho e disse-lhe com voz de quem está com um pé na cova.

— Meu filho, abra os olhos com a Póca.

— Porque fala assim, meu pae?

O velho ouvira o zumzum da má vida; vacillava, entretanto, em abrir os olhos ao infeliz empulhado. Correu a mão tremula pela cabeça do filho, afagou-a, e morreu sem mais palavra. Sempre fôra amigo de reticencias, o bom velho...

Elesbão regressou ao sitio com aquelle aviso a verrumar-lhe os miolos. Passou dias pensando nelle e acastellando hypotheses, de cara amarrada.

Vendo o marido assim demudado, casmurro, de prazenteiro que era, Rosa cahiu em guarda. Chamou de parte o Ruço e disse:

— Lesbão des'que morreu o pae anda a mo' que hervado. Mas não é sentimento, não. Elle desconfia!... A's vezes pega de olhar para mim d'um geito exquesito que até me gêa o coração.

Manoel segurou o queixo e reflectiu. Continuar naquella vida era arriscado. Ir-se, peior; nada possuia de seu, e trabalhar para outrem não era com elle. Se Elesbão morresse...

Não se sabe se houve concerto entre os amasios. Mas Elesbão morreu. E como! Certa vez, de volta da villa proxima, ali pelo escurecer, caiu de borco na Volta Fria, foiçado barbaramente na nuca. Descobriram o cadaver pela manhã, bem rente ao mata-pau.

A justiça, coitadinha! apalpou d'aqui e d'ali, n'uma cegueira... Desconfiou-se do Ruço, mas que é das provas? O Ruço era mais fino que o delegado, o promotor, o juiz, mais até que o vigario da villa, um padre gozador da fama de enxergar atravez das paredes.

A viuva chorou como mamoeiro lanhado, fosse de sentimento, de remorso, ou para illudir aos outros — talvez sem calculo nenhum, pelos tres motivos.

Manoel permaneceu na casa.

Viviam como filho e mãe, dizia ella; como marido e mulher, resmungava o povo.

O sitio, porém, entrou logo a desmedrar. Comiam do plantado, sem lembrança de metter na terra novas sementes. O moço ambicionava vender as bemfeitorias para mergulhar no Oeste e, como Rosa reluctasse, deu de maltratal-a.

Estes amores serodios são como a vide, mais judiam com elles, mais reviçam. A's brutalidades do Ruço respondia a viuva com redobros de carinhos. Seu peito maduro, onde o verão em declinio annunciava a invernia proxima, chammejava em fogo bravo, desses que roncam nas retranças dos taquarussu's. E isso vingava Elesbão, esse amor sem geito, sem conta, sem medida, duas vezes criminoso, sobre sacrilego e, o que era peior, aborrecido pelo facinora já farto.

— Córóca! Sapiquá de defunto! Cangalha velha!

Não havia insulto, com o peão do veneno plantado na nota da velhice, que lhe não desfechasse, o ingrato.

Rosa depereceu a galope. Adeus, gordura! Boniteza outoniça, adeus! Saias a rufar, te-

sas de gomma, pericote luzidio rescendente a lima, quando mais?

Os vizinhos commentavam:

— O Ruço dá cabo della, como deu cabo do marido, e é bem feito.

Voz do povo...

Um dia o Ruço ameaçou de largal a se não vendesse tudo já e já, e a pobre mulher deu ao bandido essa derradeira prova de amor. Vendeu por uma bagatella o que restava accumulado pelo trabalho do defunto, a moenda, o monjolo, a casa, o cannavial em soca. E combinaram para o outro dia o ambicionado mergulho na terra roxa.

Nessa noite, altas horas, Rosa despertou suffocada por fumaceira. A casa ardia. Salta como louca da enxerga e berra pelo Ruço. Ninguem responde. Atira-se contra a porta e encontra-a fechada por fóra. O instincto fal-a agarrar o machado e romper o taboado fragil. Rola para o terreiro com as vestes em fogo, precipita-se no tanque e, liberta das chammas, cae inerte para um lado, justamente onde, vinte annos atraz, estivera o engeitadinho chorando ao relento...

Quando, de manhã, passantes a recolheram, estava d'olhos pasmados, e muda. Levaram-n'a em maca para o hospital, onde sarou das queimaduras, mas nunca mais do juizo. Foi feliz, Rosa. Enlouqueceu no momento preciso em que ia tornar-se-lhe a vida um puro inferno.

O Ruço...

O Ruço abalou com o dinheiro. Dizem uns que corre o Oeste como ladrão de cavallos. Outros, que já tem negocio e prospera. Eu pendo para esta ultima opinião, e tenho esperanças de vel-o ainda coronel, vereador, ou

barão, quem sabe? Parece-me sujeito de altos destinos!

Ahi parava a historia do Elesbão, como a sabia o meu camarada. Um crime vulgar como os ha na roça ás dezenas, se a lembrança do mata-pau o não colorisse com tintas de symbolo.

—Não é só no matto que ha mata-paus!... disse eu philosophicamente á guiza de commentario.

O capataz entreparou um momento como quem não entende. Depois abriu na cara o ar de quem entendeu e gostou.

— Não é por gabar, mas vosmecê disse ahi uma palavra que merece escripta! E' tal e qual!

E calou-se, de olho parado, — pensativo...

Boccatorta

OS fidelissimos portuguezes do seculo 15 legaram aos mundos descobertos o vezo de attribuir aos santos uma tarefa onomastica algo destoante das funcções da côrte celeste. De principio eram as terras recem-pisadas, e com ellas ilhas, golfos, praias, montanhas e o mais respectivo a relevos geographicos que tomavam nomes tirados do alto.

As cidades incipientes se foram, depois, nas mesmas aguas e com ellas ruas, becos infectos, padarias, bodegas, botequins e outras baiu'cas onde se furta no peso.

Não parou ahi a mania. Desceu pelas miudezas domesticas abaixo até alcançar o porretinho de guatambu' assado ao fogo, o qual virou S. Benedicto, e o arção das seilas que inda é hoje Santo Antonio.

Isto, no fundo, talvez commova de lagrimas o calendario; mas não deixa bem airados os santos varões. Não valeu a pena ao primeiro padecer martyrios beatificatorios para descer á terra transfeito em lenho, e andar por ahi nos disturbios a empolar gallos no coruto dos espancados. Nem ao segundo operar o milagre dos peixes para desfechar afinal

em esteio de máus cavalleiros em transe de corcóvos.

Não fugiram á praxe as velhas fazendas. Rara é a que toma o nome d'algum estygma peculiar ao feitio topographico, escapando desse modo á santificação.

Ha-as, porém, e entre estas a fazenda do Atoleiro, propriedade do major João Lucas.

A quarto de legua do arraial do mesmo nome, seus quinhentos alqueires de massapê vêm morrer á espalda do povoado, rente ao pequenino cemiterio de taipa.

De permeio entre este e um tracto de mattas virgens, dormita de papo acima o atoleiro que deu figa aos santos. Pégo de insidiosa argila negra, fraldejado por corôa de velhos guembês nodosos, a tabu'a esvelta cresce-lhe á tona, viçosa na folhagem erectil como espadas verdes que as brisas tremelicam. Pela inflorescencia, longas varas soerguem-se a prumo sustendo no apice um chouriço côr de telha que, maturado, se esbruga em paina esvoaçante. Corre entre seus talos a batuira arisca de longo bico, e saltita pelas hastes a corruila do brejo, cujo ninho bojudo se ouriça, tramado de aculeos, nos espinheiros marginaes.

Fóra disso rãs, mimbuias pensataivas e, a rabear velocissima nas poças verdinhentas d'algas, a trahira, o voraz esqualosinho do lodo. Um brejo, emfim, como cem outros.

Notabilisa-o, porém, a profundez. Ninguem ao vel-o tão calmo sonha o abysmo trahidor occulto na verdura. Dois, tres bambu's emendados que lhe tentem alcançar o fundo subvertem-se no lodo sem alcançar pé.

Além de varios animaes sumidos nelle, contava-se o caso tragico dum portuguez teimoso que, na birra de salvar um burro já atolado

a meio, se viu tragado lentamente pelo barro maldito. Desd'ahi ficou o atoleiro gravado na imaginativa popular como uma das boccas do proprio inferno.

Transposto o abysmo a vegetação encorpa até constituir a matta, por cujo seio corre a estrada mestra da fazenda.

Pela manhã daquelle dia passára ali o troly do major, de volta da cidade.

Além do velho, de sua mulher Don'Anna e de Christina, a filha unica, vinha, a passeio, o bacharel Eduardo, primo longe e noivo da moça. E áquella hora ouviam todos na varanda, da bocca do Vargas, fiscal, a noticia do succedido durante a ausencia.

Já contára Vargas do café, da puxada dos milhos e estava na criação.

— Porcos, têm sumido alguns. Uma leitôa rabicó e um capadete malhado dos "Polanchan" ha duas semanas que moita. Para mim, ninguem me tira da cabeça, o ladrão foi o negro, inda mais que essa criação costumava alongar das bandas do brejo. Eu estou sempre dizendo: é preciso tocar de lá o raio do maldelazento. Aquillo, Deus me perdôe, é bicho ruim inteirado. Mas não "querem" me acreditar...

O major sorriu áquelle "querem". Vargas tinha ogerisa velha ao misero Boccatorta, não perdia ensanchas de lhe attribuir maleficios, e de estumar o patrão a correr com elle das terras, que aquillo, Nossa Senhora, até enguiçava uma fazenda!

Interessado, o moço indagou do estranho personagem.

Boccatorta é a maior curiosidade da fazenda. Filho d'uma escrava de meu pae, nasceu, o coitado, disforme e horripilante como não ha memoria de outro. Um monstro.

De tão feio fugiu ao mundo e ha annos vive sosinho, entocado no matto, donde raras vezes sae e só á noite. O povo diz delle horrores, que come crianças, que é bruxo, que tem parte com o diabo. Todas as desgraças acontecidas no arraial correm á sua conta. Para mim é um pobre diabo cujo crime unico é ser feio demais. Perdeu a medida, e está a pagar o crime que não commetteu.

Vargas interveio, cuspilhando com cara de asco:

— Se o doutorsinho o visse!... Que bicho! E' a coisa mais nojenta deste mundo!

— Feio como Quasimodo? perguntou o da cidade.

— Esse não conheço, seu doutor, mas estou aqui estou jurando que o negro passa diante do... como é?

Eduardo apaixonava-se pelo caso.

— Mas, amigo Vargas, feio como? porque feio? explique-me lá essa feiura.

Grande parola quando lhe davam trela, Vargas entreparou um bocado e disse:

— O doutor quer saber como é o negro? Venha cá. Vossa Senhoria 'garre n'um juda de tabatinga e judie delle; cavoque o buraco dos olhos e afunde dentro duas brazas allumiando; metta a faca nos beiços e saque fóra os dois; 'rranque os dentes e só deixe um toco; entorte a bocca de viez na cara; faça uma coisa desconforme, Deus que me perdôe. Depois, como diz o outro, vá judiando, vá entortando as pernas e esparramando os pés. Quando cançar, descance. Corra o mundo campeando feiu'ra braba e applique o pior no estupor. Quando acabar 'garre no juda e ponha rente do Boccatorta. Sabe o que acontece? O juda fica lindo!

Eduardo desferiu uma gargalhada.

— Você exaggera, Vargas, nem o diabo não é tão feio assim, creatura de Deus!

— Homem, seu doutor, quer saber? Contando não se acredita. Aquillo é feiura que só vendo!

— Nesse caso quero vel-o. Um horror dessa marca merece bem uma pernada.

Neste comenos assomou Christina á porta, annunciando café na mesa.

— Sabe? disse-lhe o noivo, temos um bello passeio em perspectiva: desentocar um gorilha que, diz o Vargas, é o bicho mais feio do mundo.

— Boccatorta? exclamou Christina com um reverbero d'enojo no rosto. Não me fale nisso! Só o nome dessa creatura me põe arrepios no corpo.

E contou o que sabia delle. Boccatorta representára papel saliente na sua imaginação. Pequenita, amedrontavam-n'a as mucamas com a cuca, e a cuca era o negro. Mais tarde, com ouvir ás creoulinhas todos os horrores correntes á conta dos seus bruxedos, ganhou inexplicavel pavor ao noctambulo. No collegio houve tempo em que, noites e noites a fio, o mesmo pesadelo a atropelou: Boccatorta a perseguil-a, e ella, em transes, a fugir. Gritava por soccorro, mas a voz lhe morria estrangulada na garganta. Despertava arquejante, exhausta, lavada em suores frios. Curou-a o tempo, mas a obsessão vincára para sempre fundos vestigios em su'alma.

Eduardo insistia:

— E' o meio de te curares de vez. Nada como o aspecto cru' da realidade para desmanchar exaggeros de imaginação. Vamos todos, em farrancho, e asseguro-te que a piedade te fará ver no espantalho, em vez dum monstro, um simples desgraçado digno do teu soccorro.

Christina consultou-se por uns momentos e,

— Póde ser, disse, talvez vá, mas não prometto. Na hora veremos... se ha coragem.

A maturação do espirito em Christina desbotára a vivacidade nevrotica dos terrores infantis. Inda assim vacillava. Renascia o medo antigo como renasce a encarquilhada rosa de Jerichó por contacto de humilima gotta d'agua. Vexada de surgir aos olhos do noivo tão infantilmente medrosa, deliberou que iria, mas desde esse instante uma imperceptivel sombra annuveou-lhe o rosto.

Ao jantar foram o assumpto as novidades do arraial, eternas novidades de aldeia, o fulano que morreu, a sicrana que casou. Casára um boticario e morrera uma menina de quatorze annos muito chegada á gente do major. Condoida particularmente, Don'Anna não a tirava da ideia.

— Pobre da Luizinha! Não me sae dos olhos o geito della, tão galante, quando cá vinha pelas jaboticabas, ali, áquella porta — Dá licença Don'Anna! — tão cheia de vida, vermelhinha do sol... Quem diria!...

— E inda por cima a tal historia do cemiterio... — interveio Christina. Papae soube?

Corriam no arraial rumores macabros. O coveiro, no dia seguinte ao enterramento, topou a sepultura remexida como se fôra violada durante a noite, e viu na terra fresca pegadas mysteriosas de uma "coisa" que não seria bicho nem gente deste mundo.

Já duma feita succedera caso identico por morte da Sinházinha Esteves; mas todos duvidaram da integridade dos pobres miolos do coveiro sarapantado.

Esses incréus não mofavam agora do vi-

sionario porque o padre e outras pessoas de boa cabeça, chamadas a testemunhar o facto, confirmavam-n'o.

Eduardo, imbuido do scepticismo bacharelesco dos moços de cidade grande, metteu a riso o caso com muita fortidão de espirito.

— A gente da roça duma folha d'embau'va pendurada no barranco faz logo, pelo menos, um lobishomem, mais tres mulas sem cabeça. Esse caso do cemiterio: um cão vagabundo entrou lá e arranhou a terra. Está ahi todo o grande mysterio!

Christina objectou:

— E os rastos?

— Os rastos! Estou a apostar em como taes rastos são os rastos do proprio coveiro. O terror impediu-lhe de reconhecer o molde do casco...

— E o padre Lysandro? acudiu Don'Anna para quem um testemunho tonsurado era documento de muito peso.

Eduardo cascalhou uma risada anticlerical e trincando um rabanete, expectorou:

— Ora o Padre Lysandro! Pelo amor de Deus, Don'Anna! O Padre Lysandro é o proprio coveiro de batina e corôa! A proposito...

E contou a proposito varios casos daquella marca, os quaes, no correr do tempo, vieram a explicar-se naturalmente, com grande cara d'asno dos coveiros e Lysandros respectivos.

Christina ouviu, com o espirito absorto em scismas, a bella demonstração geometrica. Don'Anna concordou da bocca para fóra, — por amabilidade. Mas o major, esse não piou nem sim nem não. A experiencia da vida ensinara-lhe a não affirmar com despotismo nem negar com "oras".

— Ha muita coisa exquisita neste mundo... dizia, traduzindo involuntariamente a safada

replica do principe indeciso ao cabeça forte do Horacio.

Zangára o tempo quando, á tarde, o rancho se poz de rumo ao casebre de Boccatorta.

Ventava.

Rebojos de nuvens pardas sorviam as ultimas nesgas d'azul.

Os noivos breve se distanciaram dos velhos, que a passos tardos seguiam commentando a boa composição do futuro casal.

Não havia nisso exaggero de paes .Eduardo, embora vulgar, tinha a esbelteza necessaria para ouvir sem favor o encomio de rapagão, e Christina era um ramalhete completo das graças que os dezoito annos sabem compor.

Donaire, elegancia, distincção... pintam lá vocabulos esbeiçados pelo uso esse punhado de "quês" particularissimos cuja somma a palavra "linda" totalisa?

Labios de cereja, a magnolia da pelle accesa em rosas na face, olhos sombrios como a noite, dentes de perola... as velhas tintas de uso em retratos femininos desde a Sulamita não pintam melhor que o "linda!" dicto sem mais enfeites além do ponto admirativo.

Vel-a mordiscando o hastil d'uma panicula roxa de catingueiro, colhida á beira do caminho, ora risonha ora séria, a côr das faces mordida pelo vento frio, madeixas louras a brincar-lhe nas temporas, vel-a assim formosa no quadro agreste duma tarde de Junho era comprehender a expressão dos roceiros: linda que nem uma santa.

Olhos, sobretudo, tinha-os Christina de alta belleza. Naquella tarde, porém, as sombras de sua alma coavam nelles penumbras de estranha melancholia. Melancholia e inquietação. O amoroso enlevo de Eduardo arre-

fecia amiude ante suas repentinas fugas. Elle a percebia longe de si, ou pelo menos introspectiva em excesso, — reticencia que o amor não vê de boa cara. E á medida que caminhavam recrescia aquella exquisitice. Um como intactil morcego diabolico riscava-lhe na alma voejos presagos. Nem o estimulante das brisas asperas, nem a ternura do noivo, nem o "cheiro de natureza" exsolvido da terra eram de molde a esgarçar a mysteriosa bruma de lá dentro.

Eduardo interpellou-a por fim:

— Que tens hoje, Christina? Tão sombria... E ella, num sorriso triste:

— Nada!... Porque?

Nada... E' sempre nada quando o que quer que é lucila avisos informes na escuridão do subconsciente, como os ziguezagues subtilissimos do sismographo em prenuncio de remota commoção tellurica. Mas esses nadas são tudo!...

— A' esquerda, pelo trilho!

A voz do major chamou-os á realidade. Um carreiro mal batido na macega esgueirava-se em colleios até á beira d'um corrego onde todos se reuniram de novo.

O major tomou a frente, e guiou-os matta a dentro pelos meandros d'uma velha picada.

Era ali o matto sinistro onde se alapavam Boccatorta e o seu cachorro lazarento, Merimbico, nome tresandante a satanismo para o faro do povileu, sem que o soubessem porque. A's sextas-feiras, na voz corrente do arraial, Merimbico virava lobishomem e se punha de ronda ao cemiterio com muitos uivos á lua e aboccamentos ás pobres almas penadas, coisa muito de arrepiar.

O sombrio da matta enoiteceu de vez a alma de Christina.

— Mas afinal, para onde vamos, meu pae? Afundar no atoleiro como o Simas? Meu pae já fez o testamento?

— Já, filha, chasqueou o major, e deixo o Boccatorta para ti.

Christina emmudeceu. Retransia-a em doses crescentes o velho medo de outr'ora e foi com um estremecimento arrepiado que ouviu o ladrido proximo de um cão.

— E' Merimbico, disse o velho, estamos quasi.

Mais cem passos e a matta rasgava-se em clareira na qual Christina viu logo a biboca do negro.

Fez-se toda pequenina e achegou-se de Don'Anna, apertando-lhe nervosamente as mãos.

— Bobinha! Tudo isso é medo?

— E' peior que medo, é... não sei quê!

Não tinha feição de moradia humana a alfurja do monstro. A' laia de paredes, paus a pique mal juntos, entresachados de ramadas seccas. Por cobertura, presos com pedras chatas, molhos de sapé no fio, defumado e podre. Em redor, um terreirinho atravancado de latas ferrujentas, trapos e cacaria velha. A entrada era um buraco por onde mal passaria um homem de agacho.

— Olá, ó caramujo! Sae da toca que está cá o sinhô moço e mais visitas! gritou o major.

Respondeu de dentro um grunhido cavo. Ao ouvir tão desagradavel som, Christina sentiu correr na pelle o arrepio dos pesadelos antigos, e num incoercivel movimento de pavor abraçou-se com a mãe.

O negro sahiu da cova meio de rastos com a lentidão de monstruosa lesma. A principio surdiu uma gaforinha arruçada, depois o tronco e os braços e a traparia immunda que lhe

escondia o resto do corpo, entremonstrando, nos rasgões, o negror da pelle craquenta.

Christina escondeu o rosto no hombro de Don'Anna — não queria, não podia vêr.

Boccatorta excedia a toda pintura. A hediondez personificára-se nelle, avultando sobretudo, na monstruosa deformação da bocca. Não tinha beiços e as gengivas largas, violaceas, com raros cotos de dentes bestiaes fincados ás tontas, mostravam-se cru'as, como enorme chaga viva. E torta, posta de viez na cara; num esgar diabolico, resumindo o que a teratogenese póde compor de horripilante. Embora se estampasse na bocca quanto fosse preciso para dar áquella creatura a culminancia da ascosidade, a natureza malvada fôra além, dando-lhe pernas cambaias, e uns pés deformados que nem remotamente lembravam a fórma do pé humano. E olhos vivissimos, que pulavam das orbitas empapuçadas, veiados de sangue na esclerotica amarella. E pelle grumosa, escamada de escaras cinzentas... Tudo nelle rompia o equilibrio normal do corpo humano, como se a teratologia caprichasse em crear a sua obra prima.

A' porta do casebre Merimbico, cachorro vulgar, todo ossos, pelle e sarna, rosnava contra os importunos.

Don'Anna e a filha retiraram-se, engulhadas. Só os homens resistiam á nauseante visão embora a Eduardo o tolhesse uma emoção jámais sentida, mixto de asco, piedade e horror. Aquelle quadro de suprema repulsão, novo para seus nervos, desnorteava-lhe as idéas. Estarrecido como em face da Gorgona, não lhe acudia palavra que dissesse.

O major, entretanto, trocava lingua com o monstro que, em certo ponto, a uma pergunta alegre do velho arregaçou na cara um riso.

Eduardo não teve mão de si; aquelle riso naquella cara excedia á sua capacidade de horripilação. Voltou o rosto enojado e se foi para onde as mulheres, murmurando:

— E' demais! E' de fazer mal a nervos de aço!

Seus olhos encontraram-se com os de Christina e viram nelles a expressão de pavor da avesinha engrifada nas pu'as da suindára, o pavor da morte...

Quando sahiram da floresta, morria a tarde sob a chibata d'um vento precursor de chuva. Don'Anna arreceou-se pela filha.

— Foi imprudencia, Christina, vires sem ao menos um chalinho na cabeça. Queira Deus!...

A moça não respondeu. D'olhos baixos, retransida, aspirava a largos haustos o ar gelado para desafogo d'um aperto de coração nunca sentido fóra dos pesadelos.

O mal, entretanto, recalcitrava ás chasadas e aos sudoriferos.

Chamou-se o boticario da villa. Veiu a galope o Macario e diagnosticou pneumonia.

Quem já não assistiu a uma dessas subitaneas desgraças que de golpe se abatem, qual negro avejão de preza, sobre uma familia feliz, e estraçoam tudo quanto representa nella a alegria, a esperança, o futuro?

Noites em claro, dias morosos, janellas cerradas, cochichos pelos cantos, o rumor dos passos abafado...

E o doente a peiorar... O medico da casa, apprehensivo, com vincos na testa... Dias e dias, o duello contra a molestia incoercivel... A desesperança afinal, o irremediavel antolhado imminente, a morte presentida de ronda ao quarto...

Ao oitavo dia foi Christina desenganada e no decimo plangia o sino do arraial o seu prematuro fim.

— Morta!...

Eduardo escondia as lagrimas entre as almofadas do leito repetindo cem vezes a mesma palavra.

— Morta!...

Alcançava-lhe agora o significado tremendo, e, no entanto, quantas vezes a ouvira como a um som vazio de sentido!

A imagem de Christina morta, a esfervilhar na dissolução, sob a terra gelada, contrapunha-se ás visões da Christina viva, toda mimos d'alma e corpo, radiosa manhã humana de cuja luz toda se impregnára sua alma.

Cerrando os olhos revia-a ao seu lado, durante o passeio fatal, envolta nas brumas mysteriosas de vagos presentimentos. Recordava-lhe as palavras dubias, a vacillação. E arrepelava-se por não ter adivinhado na repulsa da moça os avisos informes de qualquer coisa mysteriosa que tenazmente a defendia. Taes pensamentos enxameantes em torno á carne viva da sua dôr coavam nella venenos crueis.

Fóra, o sol redoirava cruamente a vida.

Brutalidade!...

Morria Christina e não se desdobravam crepes pelo céu, nem murchavam as folhas das arvores, nem se recobria de cinzas a terra!

Espesinhado pela indifferença das cousas, fechou-se na clausura de si proprio, torvo e dolorido, sentindo-se amarfanhar sob a pata cruel do destino.

E assim passavam-se as horas.

Noite alta, acudiu-lhe a idéa de correr ao cemiterio para beijar num ultimo adeus o tumulo da noiva.

Por sobre a vegetação adormecida cahia o pallor cinereo da mingoante. Raras estrellas no céu, e na terra nenhum rumorejo além do remoto uivar de um cão — Merimbico talvez — a escandir o concerto das untanhas que coaxavam gluglus nas aguadas.

Eduardo alcançou o cemiterio.

Estava encadeado o portão.

Apoiou a testa nos frios varões de ferro e mergulhou os olhos queimados de lagrimas por entre os carneiros humildes em busca do que lhe escondia Christina .

No ar, um silencio de eternidade. A espaços as brisas carreavam o olor alacre dos cravos de defunto, que em moitas floriam aquelle triste cemiterio de aldeia.

Seu olhar pervagava de cruz em cruz na tentativa de atinar o sitio onde ella dormia o grande somno quando um rumor suspeito lhe feriu os ouvidos. Dirieis um arranhar da terra em raspões cautelosos ao qual se casava o resfolego soffrego d'uma creatura viva.

Pulsou-lhe violento o coração.

Os cabellos cresceram-lhe na cabeça.

Allucinação?

Apurou os ouvidos: o rumor extranho lá continuava vindo de um ponto sombreado de cyprestes. Firmou a vista: qualquer cousa movia-se no chão, agachada.

Subito, n'um clarão, fulgurou em sua memoria a scena do jantar, o caso da Luizinha, as palavras de Christina. Eduardo sentiu arripiarem-se-lhe os cabellos e ganho d'um panico desvairado deitou a correr, como louco, rumo á fazenda, em cujo casarão penetrou de pancada, sem folego, arquejante, lavado em suores frios, despertando de sobresalto a familia adormecida.

Com gritos de espanto, que o cansaço e o bater dos dentes entrecortavam, exclamou:

— Estão desenterrando Christina!... — Eu vi uma coisa desenterrando Christina!...

O major acudiu estrouvinhado:

— Que loucura é essa, moço?

—Eu vi!... continuava Eduardo, com os olhos desmedidamente abertos. Eu vi uma coisa desenterrando Christina!...

O major apertou a testa entre as mãos. Esteve assim, immovel, um instante. Depois, sacudiu a cabeça num gesto de decisão e, horrivelmente calmo, murmurou entre dentes como em resposta a si proprio:

— Será possivel, meu Deus?

Vestiu-se de golpe, metteu no bolso o revólver e, atirando tres palavras enigmaticas á estarrecida Don'Anna, gritou para Eduardo com inflexão de aço na voz:

— Vamos!

O moço, magnetisado pela energia do velho, seguiu-o como um somnambulo.

No terreiro despertou o capataz.

— Venha comnosco. A "coisa" está no cemiterio.

Vargas saltou para fóra de foice na mão.

— Vae ver que é elle, patrão, até juro!

O major não respondeu, e os tres homens partiram a correr pelos campos em fóra

A meio caminho Eduardo, exhausto de tantas commoções, atrazou-se. Seus musculos recusavam-lhe obediencia. Ao defrontar com o atoleiro a perna lhe fraqueou de vez e elle cahiu, offegante.

Entrementes o major e o feitor alcançam o cemiterio, galgam o muro, e approximam-se como gatos do tumulo de Christina.

Um quadro hediondo antolha-se-lhes de golpe: um corpo branco, nu' e inerte, jazia no

chão e enleado nelle um vulto vivo, negro como um polvo.

O pae de Christina desferiu um rugido de féra. e qual féra mal ferida arrojou-se d'arremesso para cima do monstro. A hyena, mau grado a surpreza. escapou ao bote e fugiu. E coxeando. cambaio. semi-nu', tropeçando nas cruzes. galgando tumulos com agilidade inconcebivel em semelhante creatura, Boccatorta saltou o muro e fugiu, seguido de perto pela sombra esganiçante de Merimbico.

Eduardo concentrava todas as forças para acompanhar o desenlace do drama, quando viu passar rente de si o vulto asqueroso no necrophilo para logo desapparecer mergulhado na massa rendilhada dos velhos guembês.

Voando-lhe no encalço viu passar em seguida o vulto dos perseguidores.

Houve uma pausa em que só lhe feriu os ouvidos o rumor da correria.

Depois, gritos de colera d'envolta a um grunhir de queixada cahido em mundeu, e tudo se misturou no barulho d'uma lucta que o uivo intercadente de Merimbico dominava lugubremente.

O moço correu a mão pela testa gelada: estaria sob as garras d'um pesadelo? Não; não era sonho. Disse-lh'o a voz alterada do feitor esboçando o epilogo da tragedia:

— Não atire! Não merece. Pr'a que serve o barro?

E logo após sentiu recrudescer a lucta, entre imprecações de colera e os grunhidos cada vez mais lamentosos do monstro.

E ouviu farfalhar o matto como se arrastassem por elle um corpo manietado, a debater-se em convulsões violentas.

E ouviu um rugir de supremo desespero.

E após o baque fôfo de um fardo que se atufa na lama.

Uma vertigem escureceu-lhe a vista; seus ouvidos cessaram de ouvir; seu pensamento adormeceu...

Quando voltou a si dois homens lhe borrifavam na cara agua gelada. Encarou-os, marasmado. Ergueu-se, mal firme, apoiado a um delles. E conheceu a voz do major que lhe dizia entre arquejos:

— Seja homem, moço. Christina já está na terra, e o negro...

— ... está beijando o barro, concluiu Vargas.

Ao raiar do dia Merimbico ainda lá estava sentado nas patas trazeiras, a uivar, de olhos postos no sitio onde sumira o seu companheiro.

Nada mais lembrava a tragedia nocturna, nem denunciava o tumulo de lodo açaimador da bocca hedionda que babujára nos labios de Christina o beijo unico de sua vida.

O comprador de fazendas

EIOR fazenda que a do Espigão, nenhuma. Já arruinára tres donos, o que fazia dizer aos praguentos: Espiga é que aquillo é. O detentor ultimo, um David Moreira de Souza, arrematára-a em praça, convicto de negocio da China, mas lá andava, tambem elle, escalavrado de dividas, coçando a cabeça n'um desanimo...

Os cafesaes em vara, anno sim, anno não, batidos de saraiva ou esturrados pela geada negra, nunca deram de si colheita de entupir tulha.

Os pastos ensapesados, enguanxumados, ensamambaiados nos topes, eram acampamentos de cupins com entremeios de macegas mortiças, formigantes de carrapato; boi entrado ali punha-se logo de costellas á mostra, encaroçado de bernes, triste e dolorido de metter dó.

As capoeiras substitutas das mattas nativas, revelavam pela indiscreção das tabocas a mais safada das terras seccas. Em tal solo a rama bracejava a medo varetinhas nodosas: a canna cayenna assumia aspecto de canninha, e esta virava uns taquariços magrelas que passavam incolumes por entre os cylindros moedores.

Piolhavam os cavallos. Os porcos escapos

á peste encru'avam na magrem pharaonica das vaccas egypcias.

Por todos os cantos imperava soberano o ferrão da sau'va dia e noite entregue á tosa dos capins para que, em Outubro, se toldasse o céu de nuvens de içá em saracoteios amorosos com enamorados savitu's.

Caminhos por fazer, cercas no chão, casas d'aggregados engotteiradas, combalidas de cumieira, prenunciando feias taperas. Até na moradia senhorial insinuava-se a bréca, aluindo pannos de reboco, carcomendo assoalhos. Vidraças sem vidro, mobilia capengante, paredes lagarteadas... intacto que é que havia lá?

Dentro dessa esborcinada moldura o fazendeiro, avelhuscado por força de successivas decepções, e, a mais, roido pelo cancro voraz do premio, sem esperança e sem concerto, coçava cem vezes ao dia o redomoinho capillar da cabeça grisalha.

Sua mulher, a pobre D. Izaura, perdido o viço do outono, agrumava na cara quanta sarda e pé de gallinha inventam os annos de mãos dadas á trabalhosa vida.

Zico, o filho mais velho, sahira-lhes um pulha, amigo de erguer-se ás dez, ensebar a pastinha até ás onze, e consumir o resto do dia em namoriscos mal azarados.

Afóra este malandro tinham a Zilda, então nos dezesete, menina galante, porém sentimental mais do que manda a razão, e pede o socego dos paes. Era um ler Escrich a rapariga, e um scismar amores d'Hespanha...

Em tal situação só havia uma aberta: vender a fazenda maldita e respirar a salvo de hypothecas. Era difficil, entretanto, em quadra de café a cinco mil réis, pôr unhas n'um tolo das dimensões requeridas. Já levados por

annuncios manhosos alguns pretendentes abicáram ao Espigão; mas franziam todos o nariz, indo-se a arrenegar da pernada, sem abrir offerta.

De graça é caro, cochichavam de si para comsigo.

O redomoinho do Moreira, a cabo de coçadelas, suggeriu-lhe uma traça mystificatoria: entreverar de cahetés, cambarás, unhas de vacca e outros padrões transplantados das visinhanças a fimbria das capoeiras, e uma ou outra entrada accessivel aos visitantes. Fel-o, o maluco, e mais: metteu um páu d'alho importado da terra roxa em certa grota. E adubou os cafeeiros margeantes ao caminho, o sufficiente para encobrir a mazela do resto. Onde um raio de sol denunciava com mais viveza um vicio da terra, ahi o allucinado velho botava a peneirinha...

Um dia recebeu carta de seu agente de negocios annunciando um novo pretendente: "Você tempere o homem, aconselhava elle, e saiba manobrar os padrões que este cáe. Chama-se Pedro Trancoso, é muito rico, muito moço, muito prosa, e quer fazenda de recreio. Depende tudo de você espigal-o com arte de barganhista ladino".

Preparou-se Moreira para a empresa. Advertiu em primeiro aos aggregados para que estivessem a postos, afiadissimos de lingua. Industriados pelo patrão estes homens sabiam responder com manha consummada ás perguntas dos visitantes, de geito a transmutar em maravilhas as ruindades locaes. Os pretendentes, como lhes é suspeita a informação do proprietario, costumam interrogar á socapa os encontradiços. Ali, se isso acontecia, — e acontecia sempre, porque era Morei-

ra em pessoa o machinista do acaso, — havia dialogos desta ordem:

— Gêa por aqui?

—Coisinha, e isso mesmo só em anno bravo.

— O feijão dá bem?

— Nossa! Inda este anno plantei cinco quartas e malhei cincoenta alqueires. E que feijão!

— Berneia o gado?

— Qual o que! Lá um ou outro carocinho, de vez em quando. Para criar não ha melhor. Nem herva, nem feijão bravo. O patrão é porque não tem forças. Tivesse elle os meios e isto virava um fazendão!

Avisados os espoletas, discutiram-se á noite os preparativos da hospedagem, alegres todos com o reviçar das esperanças emmurchecidas.

— Estou com palpite que desta feita a "coisa" vae, disse o filho maroto; e declarou necessitar á sua parte de tres contos de réis para estabelecer-se.

— Estabelecer-se com que? perguntou admirado, o pae.

— Com armazem de seccos e molhados na Volta Redonda!

— Na Volta Redonda! Já me estava espantando uma idéa boa nessa cabeça de vento. Para vender fiado á gente da Tudinha?

O rapaz se não corou, calou-se: tinha razões para isso.

Já a mulher queria casa na cidade; de ha muito trazia d'olho uma de porta e janella, em certa rua, casa baratinha, d'arranjados.

Zilda, um piano, e caixões e mais caixões de Escrich...

Dormiram felizes essa noite e no dia seguinte mandaram cedo á villa buscar gulodi-

ces de hospedagem, manteiga, um queijo, biscoutos. Na manteiga houve vacillações.

— Não vale a pena, reguingou a mulher; sempre são tres mil réis. Antes me comprasses com esse dinheiro a peça de algodãosinho que tanta falta me faz.

— E' preciso, filha; ás vezes uma coisa de nada engambella um homem e facilita um negocio. Manteiga é graxa, e graxa engraxa.
Venceu a manteiga.

Emquanto não vinham os ingredientes metteu D. Izaura unhas á casa, varrendo, espanando e arrumando o quarto dos hospedes; matou o menos magro dos frangos e uma leitôa manquitola; temperou a massa do pastel de palmito e estava a folheal-a, quando:

— E vem elle! gritou o Moreira da janella, onde se postára, desde cedo, muito nervoso, a devassar a estrada por um velho binoculo; e sem deixar o posto de observação foi transmittindo á occupadissima esposa os pormenores divisados.

— E' moço... Bem trajado... Chapéu panamá... Parece o Chico Canhambora...

Chegou afinal o homem, apeou-se, deu cartão: Pedro Trancoso de Carvalhaes Fagundes. Bem apessoado. Ares de muito dinheiro. Mocetão e bem falante mais que quantos até ali aproaram á Espiga.

Contou logo mil cousas, com o desembaraço de quem no mundo está de pijama em casa sua — a viagem, os incidentes, um mico que vira pendurado n'um esgalho d'embau'va.

Entrados para a saleta de espera, Zico, incontinente, grudou-se d'ouvido ao buraco da fechadura, d'onde cochichava ás mulheres occupadas na arrumação da mesa o que ia pi-

lhando á conversa. Subito, esganiçou para a irmã n'uma careta suggestiva:

— E' solteiro, Zilda!

A menina largou disfarçadamente os talheres, e sumiu-se. Meia hora depois reapparecia, trazendo o melhor vestido, e no rosto duas redondinhas rosas de carmim. Quem a ess'hora penetrasse no oratorio da fazenda notaria nas vermelhas rosas de papel de seda que enfeitavam o Santo Antonio a ausencia de varias petalas e aos pés da imagem uma velinha accesa. Na roça o "rouge" e o casamento saem do oratorio...

Trancoso dissertava sobre variados themas agricolas.

— O canastrão? Pff! Raça tardia, muito agreste. Eu sou pelo Poland Chine. Tambem não é máu o Large Black. Mas o Poland! Que precocidade! Què raça!

Moreira, chucro na materia, só conhecedor das pelhancas famintas, sem nome nem raça, que lhe grunhiam em roda á casa, abria insensivelmente a bocca pasmada.

— Como em materia de pecuaria bovina, continuava Trancoso, tenho para mim que andam todos, de Barreto a Prado, erradissimos. Nem selecção, nem cruzamento. Quero a adopção immediata das mais finas raças, o Polled Angus, o Red Lincoln. Não temos pastos? Façamol-os. Plantemos alfafa. Fenemos. Ensilemos. O Assis confessou-me uma vez...

O Assis! Aquelle homem confessava os mais altos paredros da agricultura! Era intimo de todos elles, o Prado, o Barreto, o Cotrim .. E de ministros! "Eu já alleguei isso ao Bezerra..."

Nunca se honrára a fazenda com cavalheiro mais distincto, assim bem relacionado e tão viajado.

Falava da Argentina e de Chicago como quem veiu hontem de lá. Maravilhoso!

A bocca de Moreira abria, abria, e accusava o gráo maximo da abertura permittida a angulos maxillares, quando uma vozinha feminina annunciou o almoço.

Apresentações. Mereceu Zilda louvores nunca sonhados, que a puzeram de coração aos pinotes. Tambem os teve a gallinha ensopada, o tu'tu' com torresmos, o pastel e até a agua do póte.

— Na cidade, senhor Moreira, uma agua assim pura, crystallina, absolutamente potavel, vale o melhor dos vinhos. Felizes os que podem bebel-a!

A familia entreolhou-se: nunca imaginaram possuir em casa semelhante preciosidade, e cada um insensivelmente sorveu o seu golesinho como se naquelle instante travassem conhecimento com o precioso nectar. Zico chegou a estalar a lingua.

Quem não cabia em si de gozo era D. Izaura. Os elogios á sua culinaria puzeram a boa senhora rendida; por metade d'aquillo já se daria por bem paga da trabalheira.

— Aprende Zico, cochichava ella ao filho, o que é educação fina. Isto é que é ser gente!

Após o café, brindado com um — delicioso! — convidou Moreira o moço para um gyro a cavallo.

— Impossivel, meu caro, não monto em seguida ás refeições: dá-me cephalalgia.

Zilda corou. Zilda corava sempre que não entendia uma palavra.

—A' tarde sairemos, não tenho pressa. Prefiro agora um passeiosinho pedestre pelo pomar a bem do chylo.

Emquanto os dois homens, em pausados

passos, para lá se dirigiam, Zilda e Zico correram ao diccionario.

— Não é com S, disse o rapaz.

— Veja com C, alvitrou a menina.

Com algum trabalho encontram a palavra.

— Dôr de cabeça! Ora! ora! Uma coisa tão simples...

A' tarde, no gyro a cavallo, Trancoso admirou e louvou tudo quanto os olhos enxergaram, com grande espanto do fazendeiro que pela primeira vez ouvia gabos ás coisas suas.

Os pretendentes, em geral, malsinam de tudo, com olhos abertos só para os defeitos; diante de uma barroca abrem-se em exclamações sobre o perigo das terras frouxas; acham más e poucas as aguas; se enxergam um boi não despegam a vista dos bernes. Trancoso, não. Gabava! E quando Moreira, nos trechos mystificados, apontou os padrões com dedo tremulo, o moço embasbacou:

— Caquéra! Mas isto é raro!

Em face do páu d'alho culminou-lhe o assombro.

— E' maravilhoso o que vejo! Nunca suppuz encontrar nesta zona vestigios de semelhante arvore! — disse mettendo na carteira uma folha como lembrança.

Em casa abriu-se para com a velha.

— Pois, minha senhora, a qualidade destas terras excedeu de muito á minha expectativa. Até páu d'alho! Isto é positivamente famoso.

D. Izaura baixou os olhos.

A scena passava-se na varanda.

Era noite.

Noite trilada de grillos, coaxada de sapos, com muitas estrellas no ceu e muita paz na terra.

Trancoso, refestelado n'uma preguiçosa, transfez o sopor da digestão em quebreira poetica.

—Este cri-cri dos grillos, como é encantador! Eu adoro as noites estrelladas, o bucolico viver campesino, tão sadio e feliz!...

— Mas é muito triste, aventurou Zilda.

— Acha? Gosta mais do canto estridente da cigarra em pleno sol? disse elle amelaçando a voz. E' que no seu coraçãosinho ha qualquer nuvem a sombreal-o...

Vendo Moreira assim atiçado o sentimentalismo, e desta feita passivel de consequencias matrimoniaes, houve por bem dar uma pancada na testa e berrar: "Oh, diabo não é que me ia esquecendo do . . ." Não disse do que nem era peciso. Saiu precipitadamente deixando-os sós..

Continuou o dialogo, mais mel e rosas.

— O senhor é um poeta! exclamou Zilda a um regorgeio dos mais sucados.

— Quem o não é, debaixo das estrellas do céu, ao lado d'uma estrella da terra?

— Pobre de mim! suspirou a menina palpitante.

Tambem do peito de Trancoso subiu um suspiro. Seus olhos alçaram-se a um cirro que fazia no ceu as vezes da Via-Lactea, e sua bocca murmurou em soliloquio um rabo d'arraia desses que derrubam meninas:

— O amor!... A via lactea da vida!... O aroma das rosas, a gaze da aurora!... Amar, ouvir estrellas... Amai, pois só quem ama entende o que ellas dizem!

Era zurrapa de contrabando; não obstante, ao paladar inexperto da menina, soube a Lacryma-Christi. Ella sentiu subir á cabeça um vapor. Quiz retribuir. Deu busca aos ramilhe-

tes rhetoricos da memoria em cata da flôr mais bella. Só achou um bogari murchinho.

— Lindo pensamento para um cartão postal! disse.

Pararam no bogari; o café com bolinhos de frigideira veiu interromper o idylio nascente.

Que noite aquella! Dir-se-ia que o anjo da felicidade distendera suas constelladas azas por sobre a casa triste. Zilda via realizar-se todo o Escrich deglutido. D. Izaura gozava-se da possibilidade de casal-a rica. Moreira sonhava quitações de dividas com sobras fartas a tilintar-lhe no bolso. E Zico, transfeito imaginariamente em commerciante, fiou, a noite inteira, em sonhos, á gente da Tudinha, que afinal captiva de tanta gentileza, lhe concedia a menina.

Só Trancoso dormiu o somno das pedras, sem sonhos nem pesadelos. Que bom é ser rico!

No dia immediato visitou o resto da fazenda, cafesaes e pastos, examinou criação e bemfeitorias; e como o gentil mancebo continuasse no enlevo, Moreira, deliberado na vespera a pedir 40 contos pela Espiga, julgou de bom aviso elevar o preço. Após a scena do páu d'alho suspendeu-o, mentalmente, para 45; findo o exame do gado pulou para 50; de volta do cafesal firmou-o em 60. E assim, quando abordada a magna questão, o velho disse, corajosamente, na voz firme de um "alea jacta":

— Sessenta e cinco, — e esperou de pé atraz a ventania.

Trancoso, porém, achou razoavel o preço.

— Pois não é caro, disse, está um preço mais moderado do que eu suppuz.

O velho mordeu os beiços e tentou emendar a mão.

— Sessenta e cinco, sim, mas... o gado fóra...

— E' justo, respondeu Trancoso.

— ... e fóra tambem os porcos...

— Perfeitamente.

— ... e a mobilia.

— E' natural.

O fazendeiro engasgou: não tinha mais o que excluir; confessou-se lá de si para comsigo que era uma cavalgadura. Porque não pedira logo oitenta?

A mulher, informada do caso, chamou-lhe "pax-vobis".

— Mas creatura, por 40 já era um negocião!

— Por 80 seria o dobro melhor. Não se defenda. Eu nunca vi Moreira que não fosse palerma e sarambé. E' do sangue. Você não tem culpa.

Amuaram um bocado, mas a ancia de architectar castellos com a imprevista dinheirama varreu logo a nuvem.

Zico aproveitou a aura para insistir nos tres contos do estabelecimento, e obteve-os.

D. Izaura desistiu da tal casinha. Lembrava agora uma outra, maior, em rua de procissão, a casa do Eusebio Leite.

— Mas essa é de 12 contos, advertiu o marido.

— Mas é outra cousa do que não é aquelle casebre. Muito bem repartida. Só não gosto da alcova pegada á copa; muito escura...

— Abre-se uma claraboia.

— Tambem o quintal precisa de reforma; em vez do cercado de gallinhas...

Até noite alta, emquanto não vinha o somno, foram remendando a casa, pintando-a,

transformando-a na mais deliciosa vivenda da cidade. Estava o casal nos ultimos retoques, dorme-não dorme, quando Zico bateu á porta.

— Tres contos não bastam, meu pae; são precisos cinco. Ha armação de que não me lembrei, e os direitos, e o aluguel da casa, e mais coisinhas...

O pae concedeu generosamente seis entre dois bocejos.

E Zilda? Essa vogava em alto mar d'um romance de fadas.

Deixemol-a vogar.

Chegou finalmente o dia de ir-se o amavel pretendente. Trancoso despediu-se. Sentia muito não poder prolongar a deliciosa estadia, mas interesses de monta chamavam-n'o. A vida do capitalista não é folgada como parece... Quanto ao negocio, considerava-o quasi feito; daria a palavra definitiva dentro de semana.

Partiu Trancoso, levando um pacote de ovos — gostára muito da raça de gallinhas criada ali; e um saquito de carás — petisco de que era mui guloso.

Levou ainda uma bonita lembrança, o rosilho do Moreira, o melhor cavallo da fazenda. Tanto gabára o animal durante os passeios que se viu o fazendeiro na obrigação de recusar uma barganha proposta, e dar-lh'o de presente.

— Vejam vocês, disse Moreira resumindo a opinião geral: moço riquissimo, direitão, instruido como um doutor e, no emtanto, amavel, gentil, incapaz de torcer o nariz como os pulhas que cá têm vindo. O que é ser gente!

A' velha agradára sobretudo a semcerimonia. Levar ovos e carás! Que mimo!

Todos concordàram, louvando-o cada um a seu modo. E assim, mesmo ausente, o gentil ricaço preoccupou a casa durante a semana inteira.

Mas a semana transcorreu sem que viesse a resposta ambicionada. E mais outra. E outra ainda. Escreveu-lhe Moreira, já apprehensivo. Nada. Lembrou-se d'um amigo, morador na mesma cidade, e endereçou-lhe carta pedindo que obtivesse do capitalista a solução definitiva. Quanto ao preço abatia alguma cousa. Dava a fazenda por 55, por 50 e até por 40, com criação e mobilia.

O amigo respondeu sem demora. Ao rasgar do enveloppe os quatro corações da Espiga pulsaram violentamente: aquelle papel encerrava o destino de todos quatro.

Dizia a carta: "Caro Moreira. Ou muito me engano ou estás illudido. Não ha por aqui nenhum Trancoso Carvalhaes capitalista. Ha o Trancosinho, filho da Nha Veva, vulgo Sacatrapo. E' um espertalhão que vive de barganhas e sabe illudir aos que o não conhecem. Ultimamente tem corrido o Estado de Minas, de fazenda em fazenda, sob varios pretextos. Finge-se ás vezes de comprador, passa uma semana em casa do fazendeiro, a caceteal-o com passeios pelas roças, e exames de divisas; come e bebe do bom, namora as criadas, ou a filha, ou o que encontra, — é um vassoura de marca! — e no melhor da festa raspase. Tem feito isto um cento de vezes, mudando sempre de zona. Gosta de variar de tempero, o patife. Como aqui Trancoso só ha este, deixo de apresentar ao pulha a tua proposta. Ora o Sacatrapo a comprar fazenda!"

Moreira cahiu numa cadeira, aparvalhado, com a carta sobre os joelhos. Depois o san-

gue lhe avermelhou as faces e os olhos chisparam.

— Cachorro!

As quatro esperanças da casa ruiram com fragor, entre lagrimas da menina, raiva da velha e colera dos homens. Zico propoz-se a partir incontinente na piugada do biltre afim de quebrar-lhe a cara.

— Deixa, menino. O mundo dá voltas. Um dia cruzo-me com o ladrão e justo contas.

Pobres castellos! Nada ha ahi mais triste que estes repentinos desmoronamentos de illusões. Os formosos palacios d'Hespanha erigidos durante um mez á custa da mirifica dinheirama, fizeram-se taperas sombrias. D. Izaura chorou os bolinhos, a manteiga, os frangos. Quanto a Zilda, o desastre operou como pé de vento atravez da paineira florida. Cahiu de cama, febricitante. Encovaram-se-lhe as faces. Todas as passagens tragicas dos romances lidos desfilaram-lhe na memoria; reviu-se a victima de todas ellas. E dias a fio pensou no suicidio. Por fim, habituou-se á idéa e continuou a viver. Teve azo de verificar que isto de morrer d'amores, só no Escrich...

Acaba-se aqui a historia — para a platéa; para as galerias segue inda por meio palmo. As platéas costumam impar umas tantas finuras de bom gosto e tom muito de rir; entram no theatro depois de começada a peça, e saem mal as ameaça o Epilogo. Já as galerias querem a coisa pelo comprido, a geito de aproveitar o dinheirinho até ao derradeiro real. Nos romances e contos pedem esmiuçamento completo do enredo, e se o autor, levado por formulas de escola, lhes arruma para cima, no melhor da festa, com a caudinha reticen-

ciada a que chamam nota impressionista, franzem o nariz. Querem saber, e fazem muito bem, se Fulano morreu, se a menina casou e foi feliz, se o homem afinal vendeu a fazenda, a quem, e por quanto.

Sã, humana e respeitabilissima curiosidade!

— Vendeu a fazenda o pobre Moreira?

Peza-me confessal-o: não! E não a vendeu por artes do mais inconcebivel de quantos qui-pró-quós tem armado neste mundo o diabo — sim, porque afóra o tinhoso, quem é capaz de intrincar os fios da meada com laços e nós cegos justamente quando vae a feliz remate o croché?

O acaso deu a Trancoso uma sorte de cincoenta contos na loteria. Não se riam. Porque motivo não havia Trancoso de ser o escolhido, se a sorte é cega e elle trazia no bolso um bilhete? Ganhou os 50 contos, dinheiro para um pé-atraz d'aquella marca significativo de grande riqueza.

De posse da maquia, após semanas de tonteira, deliberou afazendar-se. Queria tapar a bocca ao mundo realisando coisa jamais passada pela sua cabeça: comprar fazenda.

Correu em revista quantas visitára nos annos de malandragem, propendendo afinal para a Espiga. Ia nisso, sobretudo, a lembrança da menina, dos bolinhos da velha, e a ideia de metter na administração ao sogro, de geito a folgar-se uma vida vadia de regalos, embalada pelo amor da Zilda e os requintes culinarios da sogra.

Escreveu, pois, ao Moreira annunciando a sua volta afim de fecharem negocio.

Ai! Quando tal carta penetrou na Espiga houve rugidos de colera entremeiados de bufos de vingança.

— E' agora! disse o velho. O ladrão gostou da pandega e quer repetir a dose, mas desta feita curo-lhe a balda, ora se! — concluiu esfregando as mãos no antegozo da vingança.

No murcho coração da pallida Zilda, entretanto, bateu um relampago de esperança; a noite de su'alma alvorejou ao luar de um "Quem sabe?" Não se atreveu, todavia, a arrostar a colera do pae e do irmão, concertados ambos n'um tremendo ajuste de contas. Confiou no milagre. Accendeu outra velinha ao Santo Antonio...

O grande dia chegou. Troncoso rompeu pela fazenda caracolando o Rosilho. Desceu Moreira a esperal-o em baixo, de mãos ás costas. Antes de soffrear as redeas já o amavel patife abria-se em exclamações.

— Ora viva, caro Moreira! Chegou emfim o grande dia. Desta vez compro-lhe a fazenda.

Moreira tremia. Esperou que o biltre apeasse e mal Trancoso, lançando as redeas, dirigiu-se-lhe de braços abertos, todo risos, o velho saca de sob o jaleco um rabo de tatu' e rompe-lhe por cima com impeto de queixada.

— Queres fazenda, grandessissimo tranca! toma, toma fazenda, ladrão! — e "lepte", "lepte", finca-lhe rijas rabadas colericas.

O pobre rapaz, tonteado pelo imprevisto da aggressão, corre ao cavallo e monta ás cegas, de passo que Zico lhe sacode no lombo nova série de lambadas de aggravadissimo quasi-cunhado.

D. Izaura atiça-lhe cães:

— Péga, Brinquinho! Ferra, Joli!

O mal azarado comprador de fazendas, acuado como raposa em terreiro, dá de esporas e foge a toda, sob um chuveiro de insultos e pedras. Ao cruzar a porteira inda teve ou-

vidos para distinguir dentre a grita os desafôros esganiçados da velha:

— Comedor de bolinhos! Papa-manteiga! toma, que em outra não has de cahir, ladrão de ovo e cará!

E Zilda?

Atraz da vidraça, com os olhos pisados do muito chorar, a triste menina viu desapparecer para sempre, envolto em nuvens de pó, o cavalleiro gentil dos seus dourados sonhos.

Moreira, o caipora, perdia, assim, naquelle dia, o unico negocio bom que durante a vida lhe deparára a Fortuna: o duplo descarte — da filha e da Espiga...

Supplicio moderno

TODAS as crueldades de que foi useira a Santa Inquisição para reduzir hereticos, as torturas requintadas da "questão" medieval, o empalamento ottomano, o supplicio dos mil pedaços, o chumbo em fusão mettido a funil gorgomilos a dentro, toda a velha sciencia de martyrisar subsiste ainda [illegible] sob habeis disfarces. A humanidade é sempre a mesma cruel chacinadora de si propria, numerem-se os seculos anterior ou posteriormente ao Christo. Mudam de fórma as cousas; a essencia nunca varia.

Como prova denuncia-se aqui o avatar moderno das antigas torturas. o estafetamento.

Este supplicio vale o torniquete, a fogueira, o garrote, a polé, o touro de bronze, a empalação, o bacalháu, o tronco. a roda hydraulica de surrar. A differença é que estas engenharias matavam com relativa rapidez, ao passo que o estafetamento prolonga por annos a agonia do padecente.

Estafeta-se um homem da seguinte maneira: o governo, por malevola indicação d'um chefe regional, hodierno succedaneo do "familiar" do Santo Officio, nomeia a um cida-

dão estafeta dos correios entre duas cidades convisinhas, não servidas de via ferrea.

O ingenua vê no caso honraria e negocio: é honra penetrar na phalange gorda dos carrapatos orçamentivoros que pacientemente digerem o paiz; é negocio perceber ao termo de cada mez um ordenado fixo tendo a rutilar no futuro a cama fôfa da aposentadoria.

Aqui nota-se a differença entre os ominosos tempos medievos e os sobreexcellentes da democracia de hoje.

O absolutismo agarrava ás brutas a victima, e sem tir-te nem "habeas-corpus", trucidava-a; a democracia opera com manhas de Tartufo, arma arapucas, mette dentro rodelas de laranja e espera aleivosamente que "sponte sua" caia no laço o passarinho faminto. Quer victimas ao acaso, não escolhe. Chama-se a isto arte pela arte.

Nomeado que é o homem, a principio não percebe o parvoeirão a sua desgraça. E' de ordinario ao cabo de um mez, ou dois, que entra a desconfiar; desconfiança que por gráos se vae fazendo certeza, certeza horrivel de que o empalaram no lombilho duro do peior matungo das redondezas, com, pela frente, cinco, seis, sete leguas de tortura a engulir por dia, de mala á garupa. Eis as puas do apparelho de tormento, estas leguas! Para o commum dos mortaes, uma legua é uma legua; é a medida duma distancia que principia aqui e acaba lá. Quem viaja, feito o percurso, chega, e é feliz. As leguas do estafeta mal acabam voltam "da capo", como nas musicas. Vencidas as seis (supponhamos um caso em que sejam sómente seis) renascem ellas na sua frente, de volta. E' fazel-as e desfazel-as. Teia de Penelope, rochedo de

Sysipho, ha de permeio entre o ir e vir a má digestão do jantar requentado e a noite mal dormida e assim um mez, um anno, dois, tres, cinco, emquanto lhe restarem a elle nadegas, e ao sendeiro lombo.

Quando cruza um viandante a jornadear, morde-o a inveja: aquelle breve "chegará", ao passo que para o estafeta tal verbo é uma irrisão ironica. Mal apeia, derreado, com o coranchim em fogo, ao fim dos trinta e seis mil metros da caminheira, comido o máo feijão, dormida a má somneca, a aurora do dia seguinte estira-lhe á frente, á guiza de "bons dias" os mesmos maldictos trinta e seis mil metros da vespera, agora espichados ao contrario...

Breve, o animal pisado dá de si, fraqueia. Já os topes galga o cavalleiro a pé. Não possue meios de adquirir outra montada. O ordenado vae-se-lhe em milho e "rapador" para a alimaria, agua de sal para os semicupios e mais remedios ás pizaduras de ambos, cavalgante e cavalgado. Não sobeja sequer para roupa.

Dá-lhe o Estado — o mesmo que custeia enxundiosas tatoranas burocraticas a conto, e baitacas parlamentares a cem mil réis por dia — dá-lhe o generoso e nababesco Estado... cem mil réis mensaes. Quer dizer "um real" por cada nove braças de tormento. Com um vintem paga-lhe 330 metros de supplicio. Vem a sair um kilometro de martyrio por 60 réis. Dôr mais barata é impossivel.

O estafetado entra a definhar de canceira e fome. Vão-se-lhe as carnes, as bochechas encovam, as pernas viram parenthesis dentro dos quaes móra o ventre do rocim desventurado.

Além das calamidades physiologicas, eco-

nomicas e sociaes, chovem-lhe em cima as meteorologicas.

O tempo inclemente não lhe poupa judiarias. No verão não se dóe o sol de assal-o como se assam pinhões ao forno; se chove, de nenhuma gotta se livra; pelos fins de maio, á entrada do frio, é entanguido, como um subdito do Tzar na Siberia, que devora as leguas infernaes. No dia de S. Bartholomeu, agarrado de unhas á crina da escanzellada egua, é por milagre que não os despeja a ambos, perambeiras abaixo, o endemoninhado vento.

O patrão-governo presuppõe que elle é de ferro e suas nadegas de aço chromatado; que as estradas são umas ruas d'asphalto forradas de pellucia; que o tempo é um permanente céu azul com brisas fagueiras occupadas em soprar sobre os caminhantes os olores suaves da "balsamina em flor".

Presuppõe ainda que os cem mil réis do salario são uma paga real de lamber as unhas. E nestas angelicaes presupposições, quando ha crise financeira e lhe lembram economias, corta seus cinco, seus dez mil réis no pingue ordenado para que haja sobras permittidoras d'ir á Europa um cunhado bacharel, em commissão de estudos sobre "a influencia zygomatica do perihelio solar no regimen zarathrustico das democracias latinas".

E assim o exercito dos estafetas, dia a dia mais escanifrado, encalacrado de dividas, enchagado de pisaduras, ao sol de Dezembro ou á garôa entanguente de Junho, trota, trota sem cessar, morro acima, morro abaixo, por atoleiros e areaes, caldeirões e escorregadoiros, sacudido pela miseranda cavalgadura que, de tanto padecer, coitada, já nem geito de cavallo tem. O lombo della é todo

uma chaga viva; as costellas um ripado. Caricaturas contristadoras do nobre "Equus", um dia rebentam exhaustas, de fome, a meio da viagem.

O estafeta toma nas costas os arreios, a mala, e conclue a caminheira a pé. Como, porém, nesse dia chega fóra de horas, o agente do correio officia ao centro sobre a "irregularidade". O centro move-se; faz correr um papelorio atravez de varias salas onde, commodamente espapaçada em poltronas caras, a burocracia gorda palestra sobre espiões allemães. Depois de demorada viagem o papelorio chega ao gabinete onde impa á secretaria de embuia, fumegando um charuto "apprehendido", um sujeito de boas carnes e optimas côres.

Este vence 800.000 réis por mez, é filho d'algo, é cunhado, sogro ou genro d'algo, entra ás 11 e sáe ás 3 com uma folga de permeio para o chocolate no café da esquina. O canastrão corre os olhos mortiços de lombeira por sobre o papel e grunhe:

— Estes estafetas! Que malandros!

E assigna a demissão d'aquelle a bem do serviço publico.

Quando não acontece isso acontece peior. Certa vez o agente do correio d'uma cidadesinha paulista officiou ao centro queixando-se do estafeta. O centro respondeu autorisando-o a punir com severidade o faltoso. O nosso agente medita longamente sobre o caso: depois, mostrando o officio ao desgraçado, e com muita dor de coração, férra-lhe, em nome do Governo, a maior sóva de chicote de que ha memoria no lugar. Em seguida officia ao centro dando conta do cabal desempenho da missão e declarando que o serviço ficaria interrompido por uns quinze dias, vis-

to o paciente estar de cama, a curar-se com salmoura. Mas casos destes são raros. O vulgar é a demissão.

O suppliciado, posto d'est'arte no olho da rua, sem saude, sem cavallo, sem nadegas, coberto de dividas, com o figado e mais visceras fóra do lugar, por via do muito que "chacoalharam", vê-se logo rodeado pela chusma dos credores avidos como urubu's de saladeiro. Como está nu', mais nu' que Job, não póde pagar a nenhum. Ganha fama de caloteiro.

— Parecia um homem sério e no emtanto roubou-me cinco alqueires de milho, diz o da venda, calabrez gordo, enricado no passamento de notas falsas.

— Tomou-me emprestados cem mil réis para um cavallo, a jurinho d'amigo (3 o|o ao mez) já lá vão cinco annos, e por muito favor me pagou o premiosinho e deu os arreios por conta. Que ladrão! — diz o onzeneiro, socio do outro na moeda falsa.

A loja de fazendas chóra umas calças de algodão mineiro que lhe fiou em tempo. A pharmacia um kilo de sal-amargo falsificado. E o martyr, abeberado d'insultos, só vê uma sahida: fincar o pé na estrada e fugir... fugir para uma terra qualquer onde o desconheçam e o deixem morrer em paz.

De modo que o moderno supplicio do estafetamento, além de xarquear as carnes duma creatura humana limpa de crimes, dá-lhe, de lambujem, uma bella mortesinha moral.

Tudo isto afim de que não falte aos soletradores e taes e taes bibocas desservidas de trem de ferro o pabulo diario da graxa preta em fundo branco, por meio da qual se estampam em lingua bunda as facadas que deu o Pé Espalhado no Camisa Preta, o queijo que furtou o Bahianinho ao Manoel da Venda, o

"habeas-corpus" ao Caetano, o romance traduzido do Jorge Ohnet, os salvamento de patria da alta volataria nacional, o palavriado gordo das ligas d'isto e d'aquillo, a descoberta de espiões onde nada ha que espiar, a polycultura, o zebu', o analphabetismo, o alliadismo, o germanismo, as potocas da Havas, e quanta papalvice gréla por massapés e terras roxas neste paiz das arabias.

A politica do coronel Evandro, em Itaóca, deu com o rabo na cerca, des'que em tal pleito o competidor Fidencio, tambem coronel, guindou a cotação dos votos de gravata a quinhentos mil réis o os de pé no chão a dois parelhos de roupa, mais um chapéo. O primeiro acto do vencedor foi correr a rasoura do Olho da Rua em tudo quanto era olhodarruavel em materia de funccionalismo publico. Entre os roçados estava a gente do correio, inclusive o estafeta, para cuja substituição se inculcou ao governo o Izé Biriba.

Era este Biriba um caranguejo humano, lerdo de maneiras e atolambado d'ideas, com dois precalços tremendos na vida, a politica e o topete. O topete era um palmo de grenha teimosa em lhe cahir sobre a testa, e tão insistente nisto que gastava elle metade do dia erguendo a mão esquerda á altura da fronte para, n'um movimento machinal, botar p'r'arriba a crina rebelde. A politica escusa dizer o que é.

Colligados, topete e politica, comiam-lhe ambos o tempo inteiro de geito a não sobrar a Biriba folga nenhuma para o amanho do sitio que, afinal, roido pelo cupim da hypotheca, lá foi parar ás mãos d'um calabrez velhaco.

Montou em seguida botequim, mas falliu.

Emquanto arrumava o topete os freguezes surrupiavam-lhe os mata-bichos; e nas cavaqueiras politicas os correligionarios, de passo que expelliam diatribes contra os Zés de cima, sorviam capilés refrescantes e mascavam bolinhos de peixe á conta da victoria futura.

Além do topete tinha Biriba o sestro do "sim senhor" alçado ás funcções de virgula, ponto e virgula, dois pontos e ponto final de todas as parvoiçadas emittidas pelo parceiro; e ás vezes, pelo habito, quando o freguez parando de falar entrava a comer, continuava Biriba escandindo a "sim senhores" a mastigação do bolinho filado.

Ao tempo da quéda do outro e subida da sua gente, andava reduzido á conspicua posição de phosphoro eleitoral.

No pleito trabalhou como nenhum; deram-lhe os chefes as peiores missões, — acuar eleitores tabareus embibocados nos socavões das serras, negociar-lhes a consciencia, debater preço de votos, barganhal-os com eguas lazarentas, e provar aos desconfiados, com argumentos de cochicho ao ouvido, que "o governo estava com elles".

Após a victoria sentiu Biriba, pela primeira vez na vida, um gozo integral de coração, cabeça e estomago.

Vencer! Oh nectar! Oh ambrosia!

Biriba regalou as visceras com o petisco dos deuses. Até que emfim os negrores de sua vida miseravel alvorejavam em aurora. Comer á farta, serrar de cima... Delicias da vida!

Que lhe daria o chefe?

No antegozo da pepineira imminente, viveu a rebolar-se em camas de rosas, até que rebentou a sua nomeação para o cargo de estafeta. Sem quéda para aquillo, quiz reluctar, pedir mais; entretanto, na conferencia

que teve com o chefe, as objecções que lhe chegavam á bocca transmutavam-se no habitual "sim senhor", de modo a convencer o coronel de que realisava elle um ideal.

— Vê você, Biriba, quanto vale a fidelidade. Pilhas um empregão! Vae o Regino para agente e você para estafeta.

O mais que pôde allegar foi que não tinha cavalgadura.

— Arranja-se, resolveu de prompto o coronel, tenho lá uma egua moira, passo picado, legitima, que vale duzentos mil réis; por ser para você, dou-a por metade. O dinheiro? E' o de menos. Tomas emprestado ao Leandrinho. Arranja-se tudo.

O arranjo foi adquirir Biriba a egua trotona pelo dobro do valor, com dinheiro tomado a tres por cento ao mez ao tal Leandro, que outra cousa não era senão o testa de ferro do proprio Fidencio. Dess'arte, carambolando, o matreiro chefe punha a juros o peior sendeiro da fazenda, além de conservar pelo cabresto da gratidão ao idiota estafetado.

Iniciou Biriba o serviço: seis leguas diarias a fazer hoje e a desfazer amanhã, sem outra folga além dos dias trinta e um dos mezes impares.

Inda bem se fôra devorar as leguas na só companhia da chupada mala postal. Mas não lhe saiu serena assim a empreza. Como Itaóca não passasse de mesquinho logarejo, empoleirado no espinhaço da serra e desprovido de tudo, não transcorria vez sem que amigos politicos o não procurassem com encommendas a aviar na cidade. A' hora de partir surgiam aproveitadores com listinhas na mão, de miudezas, ou recados, por pretinhos.

— Sinhá disse assim p'rá suncê comprar tres carreteis de linha cincoenta, um papel de

agulhas, uma peça de cadarço branco, cinco maços de grampo miudo e, se sobejar um tostão, p'ra trazer uma bala de apito p'r'o seu Juquinha.

Muitas vezes todos aquelles artigos existiam em Itaóca, um tantinho mais caros, porém; o encommendal-os fóra visava apenas a economia do tostão da bala de apito.

—Sim senhor, sim senhor.

Não lhe escapava da bocca outra palavra, embora o exasperasse a continuada repetição do abuso. Além das pequenas encommendas, pouco trabalhosas, surgiam outras de vulto, como levar um cavallo arreado ao sr. Fulano que vinha em tal dia, acompanhar a mulher de Etcetrano, e que taes. A Tiburcia, cosinheira preta do collector, cada vez que ia de ferias descançar á cidade, era o Biriba o indicado para conduzil-a.

Foi como o conheci, guardando costas ás amazonas. De viagem para Itaóca, a meio caminho, tópo um homem encavalgado na mais avariada egua que jámais viram meus olhos. A' garupa iam malas do correio e varios picuás; no sant'antonio mais picuás, além d'uma vassoura nova, enfiada na perneira, com a palha para cima. Estava parado, em attitude idiotisada, segurando pelo cabresto um cavallinho de silhão. Abordei-o, pedindo fogo. Acceso o cigarro, indaguei de quem montava a cavalgadura vasia.

— Não vê que estou acompanhando a Dona Engracia, que é parteira em Itaóca; ella apeou um bocadinho e...

Ouvi rumor atraz: sahia do matto uma mulheraça rubida, de saias tufadas de gomma, tendo na cabeça um toucadinho coevo de S. M. Fidelissima.. Para não vexal-a, puz-me a caminho, não sem, voltando a cara de sos-

laio, regalar-me com os apuros do estafeta para entalar sobre as andilhas as sete arrobas da parteira alliviada.

E descomposturas...

— Seu Biriba, não foi linha 40 que eu encommendei. O senhor parece bôbo!

Quando a fazenda era má:

— Não viu que a chita desbotava? Que moda!

Doia-lhe, sobretudo, carretear para a execravel gente da opposição. O coronel contrario não se pejava de, por intromissão de terceiro, neutro ou opposicionista encapotado, abusar da boa fé do martyr.

Lembrava-se Biriba, com dôr d'alma, d'um bóde de raça que lhe déra grandes trabalhos pelo caminho e varias marradas de lambuja; afinal, chegando, verificou que vinha o caprino destinado ao inimigo. Toda a gente gozou do caso entre espirros de riso e galhofa.

— E' um "pax-vobis" este Biriba! Trazer o bóde da opposição! quiá! quiá! quiá!

Estas e outras foram-lhe azedando os figados e visceras circumvisinhas. Emmagreceu, amarellou.

A egua, coitada, perdeu a feição cavallar. Seu lombo sellára em meia lua, de modo que por um nadinha não raspavam o chão os pés do cavalleiro. Montado, Biriba afundava. Sua cabeça cahia quasi ao mesmo nivel duma linha tirada da anca ás orelhas. Horrendamente pisada, a miseranda bicha trazia nos olhos permanentes lagrimas de dôr; mas em vez de tanta mazella mover ao dó o coração duro dos itaóquenses, regalava-o, e eram chufas sem fim e piadas idiotas acerca do "Estafeta da Triste Figura mais a sua Bucephala", como os baptisou um engraçado local.

Lazarento como elles só o Cunegundes. Era este Cunegundes um cachorro sem dono, coberto de sarna, que perambulava atôa pela cidade a fugir das moscas e dos pontapés. Pois não mudaram o nome de Cunegundes para Biribinha? Cachorrada!

Não tardou viesse o governo dar sua voltinha ao torniquete, cortando dez mil réis no ordenado dos estafetas, para salvar-se em certa occasião de apuros financeiros. E salvou-se, esta é que é.

Roupa no fio. A' entrada das chuvas uma alma caridosa presenteou Biriba com uma velha capa de borracha; mas no primeiro aguaceiro verificou o presenteado que a tal capa vasava como peneira, de modo a peiorar a sua situação com a sobrecarga d'um pannejamento absorvedor le varios litros d'agua.

Biriba, perdida a paciencia, murmurou:

Ai! Soube-o logo o chefe, e chamou-o a contas.

— Então é certo que o senhor me anda arrenegando do emprego que lhe demos? Queria acaso ser eleito senador ou vice-presidente? Um pedaço de porcalhão que andava ahi lambendo embira, morre não morre de fome, passa, por generosidade nossa, a occupar um cargo federal, com direito a aposentadoria, ordenado relativamente bom... (aqui Biriba tossiu um "sim senhor")... encontra todas as facilidades. recebe um bom animal, e ainda se queixa? Que quer. então, Vossa Excellencia?

Biriba entumeceu-se de coragem e declarou querer uma coisa só: a demissão. Estava doente, surradissimo, ameaçado de perder a egua e as nadegas de um momento para outro. Queria mudar de vida .

— Muda-se, então, de vida assim, do pé pa-

ra a mão? Quer abandonar os amigos? E a disciplina partidaria onde fica, meu caro palerma?

Não convinha a ninguem a sahida de Biriba.

Quem mais serviçal? Lembravam-se dos estafetas anteriores, malcriados, inimigos de trazer um papel d'agulhas fosse para quem fosse. Não sahiria. Itaóca impunha-lhe o sacrificio.

Mas a tortura do diario chocalhar por sete leguas das visceras do Biriba acabou por desconjuntar nelle o cimento da lealdade politica. O martyr abriu os olhos. Lembrou-se com saudades dos ominosos tempos do coronel Evandro, das delicias do botequim e até do calamitoso periodo de degradação phosphorica. Peiorára após a victoria, não havia duvida.

Este livre exame de consciencia — crêde-me — foi o inicio da quéda do coronel Fidencio. Biriba, o firme esteio, apodrecia pelo nabo. Viria abaixo, e, com elle, a cumieira do pardieiro politico. Na sua alma vascolejada a vibora da trahição armou o ninho.

Como o novo pleito estava ás portas, nova victoria seria para o estafeta novo triennio de martyrio. Biriba ponderou de si para sua egua que a salvação de ambos estava na derrota. Demittiam-n'o e elle, veterano e martyr do fidencismo, continuaria com jus ao apoio do partido sem padecer pela via coccygeana o contacto odioso das sete horas diarias de socado.

Deliberou trahir.

Na vespera da eleição incumbiu-o Fidencio de trazer da cidade um papel importantissimo para o tribofe das urnas. Sei lá o que era. Um "papel". A palavra "papel", dita assim em tom de mysterio, traz no bojo "coisas"!

Não pesco de eleições. Não sei positivamen-

te se um "papel", que não o mikado, terá força para decidir dessas almorreimas sociaes. Sei, porém, que tudo dependia do "papel", e tanto, que a missão do Biriba era secreta. Fidencio frisou a gravidade da incumbencia, a maior prova de confiança jamais dada por elle a um cabo eleitoral.

— Veja lá! A nossa sorte está nas suas mãos. Isto é que é confiança, hein?

Partiu Biriba; recebeu na cidade o "papel" e rodou para traz. A meio caminho tomou certa errada, foi ter á biboca d'um negro velho, soltou a egua e pegou de prosa com o gorilha. Cahiu a noite e Biriba deixou-se ficar. Alvoreceu o dia seguinte, e Biriba quieto. Dez dias se passaram assim. Ao cabo, arreou a egua, montou e botou-se para Itaóca como se nada houvéra acontecido.

Foi um assombro a sua apparição. Baldadas as tentativas para apanhal-o no dia do pleito e nos posteriores, deram-n'o todos como papado pelas onças, elle, egua, mala postal e "papel". Vel-o agora surgir sãosinho e socegado, foi um abrir de bocca e um pasmar á villa inteira. Que foi? Que não foi?

Biriba a todas as perguntas armava na cara a suprema expressão da idiotia. Nada explicava. Não sabia de nada. Somno cataleptico? Feitiço? Não comprehendia o succedido. Afigurava-se-lhe ter partido na vespera e estar de volta no dia emprazado.

Ficaram todos maravilhados, com asnissimas caras. Fidencio delirava na cama com febre cerebral. Perdera a eleição redondamente. "Derrota fedida", arrotavam os do Evandro, atuchando foguetes d'assobio.

Em consequencia do inexplicavel eclypse do estafeta senhoreou-se do rebenque o exominoso Evandro. Começou a derrubada. O

olho da rua recebeu em seu seio tudo quanto cheirava a fidencismo. A vassoura da demissão, porém, poupou a... Biriba. O novo cacique approximou-se delle e disse:

— Demitti toda a canalha, Biriba, menos a você. Você é a unica cousa que se salva da quadrilha do Fidencio. Fique socegado que do seu lugarsinho ninguem o arranca, nem que o céu chova torquezes!

Biriba pela derradeira vez em Itaóca balbuciou o "sim senhor". A' noite deu um beijo no focinho da egua e sahiu de casa pé ante pé. Ganhou a estrada e sumiu. E nunca mais ninguem lhe pôz a vista em cima...

O estigma

UI um dia a Itaóca levado pelas simples indicações do sujeito que me alugou a cavalgadura: — Não tem errada. E' ir andando. Em caso de duvida, pegue a trilha dos carros, que vae certo.

Assim fiz, e lá cheguei sem novidade.

No dia da volta, porém, choveu á noite como só chove por aquelles sertões, e na primeira encruzilhada parei desnorteado. Como me apagára o enxurro todos sulcos da carraria, alli fiquei um pedaço, feito o asno de Buridan, á espera d'algum passante que me abrisse os olhos. Não appareceu viv'alma, e a minha impaciencia empurrou-me ao acaso por uma das pernas do V embaraçador. Caminhei cerca de hora na duvida e, por fim, a vista d'uma fazenda desconhecida deu-me a certeza do transvio. Resolvi portar. Abeiro-me do portão e grito o "ó de casa". Abre-m'o um negro velho occupado em abanar feijão no terreiro.

— O patrãosinho é lá em cima, na casa grande.

Dirijo-me para lá, depois de entregue o cavallo, e subo pela escadaria de pedra fronteiriça ao casarão senhorial. Um grupo de crianças brincava por ali, em torno d'uma fogueirinha de gravetos muito fumarenta.

— Fumaça para lá, santinha para cá.

Ao avistarem-me calaram-se, e fugiram, com excepção da mais taluda que permaneceu no lugar, esfregando os olhos avermelhados e lacrimosos do fumo.

— Papae está?

Estava e ia chamal-o, respondeu, esgueirando-se pela casa a dentro. As outras, com o dedinho na bocca, vi-as a me espiarem da porta, onde logo assomou esbelta menina ahi entre 14 e 16 annos, d'avental azul e corada como quem esteve a lidar em forno.

— Faça o favor de entrar, — disse-me com linda voz, sorridente, de passo que seus olhos vivos todo me examinavam d'alto a baixo, num relance, — sente-se, e espere um bocadinho.

Sentei-me, gozando o delicioso frescor da sala e puxei conversa.

— A menina é filha do...

— Não senhor. Prima. Mas moro aqui des'que me morreram os paes.

— Tão nova e já orphan!...

— De pae e mãe. Tinha seis annos quando os perdi na febre amarella de Campinas. O primo trouxe-me de lá, e...

Aqui rangeu a porta e enquadrou-se nella o dono da casa. Reconhecemo-nos incontinente, com igual espanto.

— Bruno! berrou elle. Que milagre!

— E tu, Fausto, onde te vim desentocar, eu que esperava ver surgir um matutão desconfiado!

Abraços, explicações, perguntas atropeladas. Fausto não cessava de admirar a coincidencia.

— Ha quantos annos não nos vemos? Dez pelo menos...

— Desd'a opa da collação. Como passa o tempo!...

— Pois meu caro, prendo-te por cá. Já não vaes sem conheceres o meu seio de Abrahão e matar bem matadas as saudades.

Durante estas expansões a menina do avental não arredou pé da sala, e eu, volta e meia, regalava meus olhos na linda creatura que ella era.

Fausto, percebendo-o, apresentou-m'a:

— Laurita, nossa prima.

— Já nos conhecemos, disse eu.

— D'onde? exclamou surpreso.

— D'aqui mesmo, e de ha cinco minutos.

— Farcista! Olha, Laura, vê lá que nos tragam um café.

A menina ao retirar-se poz no andar esse requebro que o instincto aconselha ás moças na presença de um moço casadoiro.

— Galantinha, hein? disse Fausto mal se fechou a porta.

— Linda! exclamei carregando com furia no i. Que frescura! Que corado!

— O corado corre á conta do forno. Estão lá todos a assar bolinhos de milho. Não conheces minha mulher? Familia Leme, da Pedra Fria. Casei-me logo depois de formado, e aqui vivo alternando seis mezes de roça com outros tantos de capital.

— Excellente vida. E' o sonho de toda a gente.

— Não me queixo, nem quero outra.

— Colheste, então, o pomo da felicidade?

Fausto não respondeu, e como o café entrasse no momento a conversa mudou de rumo. Trouxe-o Laura, com bolinhos quentes.

— D. Laurita, estou adivinhando que este foi enrolado pelas suas mãos, lamechei eu tomando um delles.

— Qual? acudiu a menina, esse que tem marca de carretilha?

— Sim.

Ella desferiu a mais argentina das risadinhas.

— Justamente os que têm marca são da Lucrecia...

— Ora você, cascalhou Fausto, a confundir as artes da prima com as da preta!

— Os meus são estes, disse Laura, apontando os não carretilhados.

Provei um, e:

— Realmente! exclamei, a differença é grande.

Novo "pizzicato" da menina.

—Pois a massa é a mesma, e tudo tempero da preta.

Fausto poz fim aos meus desazos convidando-me a sair.

— Estás muito chucro no galanteio. Vem d'ahi ver a criação, que é o melhor.

Sahimos e corremos toda a fazenda, o chiqueirão dos canastrões, o cercado das aves de raça, o tanque dos Pekins, as cabras Toggenburg, o gado Jersey, a machina de café, todas essas coisas communs a todas as fazendas e que, no emtanto, examinamos sempre com tamanho prazer.

Fausto era um fazendeiro amador. Tudo ali denunciava largo dispendio de dinheiro sem a preoccupação da renda proporcional; trazia-a no pé de quem não necessita da propriedade para viver.

Ao jantar apresentou-me sua mulher. Não condisse com o molde que cá tenho da boa mulher a esposa do meu amigo. De feições duras, olhar d'ave de rapina, nariz agudo, era positivamente feia e provavelmente má. Comprehendi o caso do meu Fausto: casára

rico: a fazenda viera-lhe ás mãos por intermedio da esposa. Fausto, na presença della mudava de tom. De natural brincalhão, embezerrava-se n'uma sisudez que me desconcertou; e isto me disse que casaram os bens, os corpos, mas não as almas. Tambem Laurita se cohibia, e as creanças mostravam um odioso "bom comportamento" de metter dó. A mulher gelava-os a todos com o olhar duro e máu de senhora absoluta.

Foi um allivio o erguermo-nos da mesa. Fausto lembrára um gyro pelos cafesaes, e como já estivessem arreadas as cavalgaduras partimos. Logo depois voltou o meu amigo á expansibilidade anterior, com a alegre despreoccupação dos annos escolares. A conversa correu por mil veredas e por fim embicou para o thema casamento.

— Aquelle nosso horror á colleira matrimonial! Como esbanjavamos diatribes contra o amor sacramento, benzido pelo padre, gatafunhado pelo escrivão... Lembras-te?

— E estamos ambos a pagar a lingua. E' sempre isto a vida: a liberrima theoria por cima e a trama férrea das injuncções por baixo. Somos, os homens, uma cadeia de contradicções. O casamento!... Não o defino hoje com o petulante entono de solteiro. Só digo que não ha casamento, ha casamentos; cada caso é um caso especial.

— Tendo aliás de commum, disse eu, um mesmo traço: restricção da personalidade.

— Sim. E' mistér que o homem ceda cincoenta por cento da sua, e a mulher outros tantos, para que haja o equilibrio razoavel a que chamamos felicidade conjugal.

— "Felicidade conjugal" dizes bem, restringindo com o adjectivo a amplidão do substantivo.

A vista do cafesal interrompeu-nos as confidencias. Era Setembro, e o aspecto das arvores estrelejadas de florinhas dava uma sensação farta de riqueza e futuro. Corremol-o em parte, gozando o "prazer paulista" de ver ondular por espigões e grotas a onda verde escura dos cafeeiros alinhados.

— No teu caso, perguntei, foste feliz?

Fausto retardou a resposta, mastigando-a.

— Não sei. Cedi os cincoenta, e espero que minha mulher imite a minha abnegação. Ella porém, mais tenaz, embirra em não chegar a tanto. Procuramos o equilibrio, ainda...

— E Laura? perguntei estouvadamente.

Fausto voltou-se de golpe, ferido pela pergunta. Encarou-me a fito, vacilante em revelar-me o fundo de sua alma. Depois, como atravessassemos um sombrio pedaço de caminho com, barranco acima, avencas viçosas, samambaias e begonias agrestes, disse, apontando para aquillo:

— Sabes o que é uma face noruega? Cá a tens. Não bate o sol, muita folha, muito viço, verdes carregados, mas nada de flores ou fructos. Sempre esta frialdade humida. Laura... é como um raio de sol matutino que folga e ri na face noruega da minha vida.

Calou-se, e até á casa não mais pronunciou palavra.

Comprehendi a situação do meu querido Fausto, e não lhe invejei as riquezas adquiridas por semelhante preço.

Deixei o Paraiso, que assim chamavam á fazenda, com tres impressões n'alma; deliciosa a da menina dos bolinhos, no seu avental azul, corada como as romãs; penosa a da megéra entrevista na creatura feia e má, rica o sufficiente para adquirir marido como quem

adquire na feira um animal de luxo. A terceira não a define ahi qualquer adjectivo espipado, complexa, subtil em demasia para caber em moldes vulgares. Era o vago presentir de uma equação sentimental cujos termos — o raio de sol, a face noruega e o meu Fausto, — vagamente perambulavam dentro da minha imaginativa, ás cabriolas.

Nunca tornei áquellas paragens, nem me fez encontradiço o acaso com nenhum dos tres personagens.

Este mundo, entretanto, é uma bola. Volvidos vinte annos estava eu parado ante um mostruario, no Rio, quando alguem me cotucou as costellas.

— Tu, Fausto!

— Eu, Bruno.

Envelhecera Fausto quarenta annos naquelles vinte de desencontro e o tempo, ou o que quer que era, murchára-lhe a expansibilidade folgazan. Emquanto palestravamos, uma a uma subiam á tona da memoria as scenas e pessoas do Paraizo, a fascinante Laurinha á frente. Perguntei por ella, em primeiro.

— Morta, foi a resposta secca e torva.

Como nas horas claras do verão, nuvem erradia, tapando ás subitas o sol, põe na paizagem soalheira manchas mormacentas de sombra, assim aquella palavra nos velou a ambos a alegria do encontro.

— E tua mulher? os filhos?

— Morta, a mulher. Os filhos por ahi, casados uns, o ultimo inda commigo. Meu caro Bruno, o dinheiro não é tudo na vida, e principalmente não é para-raios que nos ponha a salvo de coriscos a cabeça. Moro á rua tal, apparece lá á noite que te contarei a minha historia — e gaba-te disso, pois serás a unica

pessoa no mundo a quem revelarei o inferno que me saiu do Paraiso.

Eis o que ouvi:

"Quando a febre amarella de Campinas orphanou Laurita, eu, como o parente melhor condicionado, trouxe-a para a minha companhia. Tinha ella cinco annos, e já prenunciava nas graças infantis a encantadora menina que seria.

Eu estava casado de fresco. Minha mulher — não o suspeitaste naquelle jantar? — era uma creatura visceralmente má. O "má" na mulher diz tudo; dispensa maior gasto de expressões. Quando ouvires de uma mulher, que é má, não peças por mais: foge a sete pés. Se eu fôra refazer o Inferno, acabaria com tantos circulos que lá poz o Dante, e em lugar delles mettia, de guarda aos precitos, uma duzia de megéras. Haviam ellas de ver que paraiso eram, em comparação, os circulos...

Confésso que me não casei por amor. Estava bacharel e pobre. Vi pela frente o marasmo das promotorias, e a victoria rapida do casamento rico. Optei pela victoria rapida. descurioso de sondar por onde me levaria a aurea vereda. O dote, grande, valia, ou pareceu-me valer o sacrificio. Errei. Com a experiencia de hoje, agarrava a mais mediocre das sinecuras. O viver que levamos não o desejo como castigo ao peior scelerado.

— A face noruega!...

— Era exacta a comparação, gelida como nos corria a vida conjugal no periodo em que, illudidos, contemporisavamos, tentando um equilibrio impossivel. Depois, tornou-se-me infernal.

Laura, á proporção que desabrochava, reunia em si quanta formosura de corpo, alma

e espirito um poeta concebe em sonhos para metter em poemas. Conluiava-se nella a belleza do diabo, propria da idade, com a belleza de Deus, permanente, e o pobre do teu Fausto, um exilado em fria Siberia matrimonial, coração virgem de amor, não teve mão de si, succumbiu. No peito que suppunha calcinado, viçou o perigosissimo amor dos trinta annos. O vel-a deslisando pela casa como a fada mimosa da triste mansão, ora a florir um vaso, ora a ameigar os pequenos, já curando os doentes pobres da fazenda, sempre irradiando em roda de si felicidade e graça, foi-se-me tornando a razão do viver. Todas as generosidades e todas as coragens dos annos adolescentes borbulharam no meu seio. Comprehendi a minha desgraça: eraum cego a quem se restituiam os olhos e que, deslumbrado, via do fundo de um carcere, através de reixas encruzadas, a aurora, a luz, a vida — tudo inaccessivel... Victimava-me a peior casta d'amor — o amor secreto...

Correram mezes. Ao cabo, ou porque me trahisse o fogo interno, ou porque o ciume désse á minha mulher uma visão de lynce, tudo leu ella dentro de mim, como se o coração me pulsasse num corpo de crystal.

Conheci, então, um lugubre pedaço da alma humana, a caverna onde moram os dragões do ciume e do odio.

O que escabujou contra os "amasios"!

A caninana envolvia no mesmo insulto a innocencia ignorante e a nobreza d'um sentimento purissimo recalcado no fundo do meu ser.

Intimou-me a expulsal-a incontinente.

Resisti. Afastaria Laura, mas não com a bruteza exigida, de modo a me trahir perante ella e todo mundo. Era a primeira vez que eu

depois de casado resistia, e tal firmeza encheu de assombro á "senhora". Tenho cá na visão o riso de desafio que nesse momento lhe crispou a bocca, e tenho n'alma as cicatrizes das ascuas que espirraram aquelles olhos.

Apanhei a luva.

Estas guerras conjugaes de portas a dentro!... Não ha'hi lucta civil que se lhes compare em crueza. Na frente de estranhos, de Laura e dos filhos, continha-se. Maltratava a pobre menina, mas sem revelar a verdadeira causa da perseguição.

Durou pouco isso. Escrevi a parentes, e concertava com elles a arrumação de Laura, quando... Não te recordas do bosque de pinheiros plantado em seguimento ao pomar?

— O pinhal d'Azambuja!

— Foi o nome que lhe puz, como andassem [illegible]tões, seus freguezes, a me pilharem as capoeiras. Este pinhal era o passeio favorito de Laura. Emboscava-se alli com um livro, ou a costura, e dess'arte socegava um momento da inferneira domestica.

Um dia em que sahi á caça, menos pela caçada do que para retemperar-me da guerra caseira na paz das mattas, ao montar a cavallo via-a dirigir-se para lá com o cestinho do bordado. Demorei-me mais que o usual e em vez de paca trouxe uma longa meditação desanimadora, feita, inda me lembro, de papo acima, sob a fronde duma guabirobeira.

Na volta as creanças esperavam-me na escada, assustadinhas.

— Papae não viu Laura?

Estranhei a pergunta, e mais vendo approximar-se a velha Lucrecia, que disse:

— Patrão, não vá ter acontecido alguma para nha Laurinha. Sahiu cedo, antes do café, já é quasi noite e até agora nada,

— A senhora... comecei eu a perguntar não sabia ainda o quê.

— Sinhá está no quarto. Andou pelo pomar, e depois se trancou por dentro, não quer enxergar ninguem, parece que comeu a caninana.

O coração palpitou-me violento e sahi em procura de Laurinha. Na colonia ninguem a vira. Lembrei-me do pinhal e organisei uma alvoroçada batida ao bosque. Com fachos incendidos de galhaça morta quebramos a escuridão reinante. Nada. Eu desanimava já de encontral-a por ali quando um capataz, desgarrado na frente, gritou:

— Está aqui o cestinho!

Corremos todos. Estava a cestinha, e mais adiante... o corpo frio da menina. Morta, a bala! A blusa entreaberta mostrava no entreseio a ferida mortal: um pequeno furo negro donde fluia para as costellas uma estria de sangue. Ao lado da mão direita inerte, o meu revólver. Suicidára-se...

Não te digo o meu desespero. Esqueci mundo, conveniencias, tudo, e beijei-a longamente, entre arquejos e sacões de angustia.

Trouxeram-n'a a braços. Em casa, minha mulher, então gravida, recusou-se a ver o cadaver com o pretexto do estado, e Laura desceu á cova sem que ella por um só momento deixasse a clausura. Note você isto: "minha mulher não viu o cadaver da menina".

Dias depois, humanisou-se. Deixou a cella, voltando á vida costumeira, muito mudada de genio, entretanto. Cessára a exaltação ciumosa do odio, vindo em lugar um mutismo sombrio. Pouquissimas palavras lhe ouvi d'ahi por diante.

A mim o suicidio de Laura, sobre abalarme o organismo como o peior dos terremotos,

preoccupava-me como um enigma. Não comprehendia aquillo. Suas ultimas palavras na casa, seus ultimos actos, nada induzia o horrivel desenlace. Porque se mataria Laura? Como conseguira o revólver, guardado sempre no meu quarto, em lugar só de mim e de minha mulher sabido? Uma inspecção nos seus guardados não me esclareceu melhor; nenhuma carta, ou escripto indicioso. Mysterio!

Mas correram os mezes e, por fim, minha mulher deu a luz um menino.

Que dia! doe-me a cabeça ao recordal-o...

A velha Lucrecia, auxiliar da parteira, veiu á sala com a noticia do bom successo.

— Desta vez foi um meninão, mas nasceu marcado.

— Marcado?

— Tem uma marca no peito, uma cobrinha coral de cabeça preta.

Impressionado com a exquisitice, dirigi-me para o quarto. Acerquei-me da creança e desfiz as faixas o necessario para examinar-lhe o peitinho. E vi... um estigma que reproduzia fielmente o ferimento de Laurinha: um nucleo negro, imitante ao furo da bala, e a "cobrinha", uma estria enviezada pelas costellas abaixo.

Um raio de luz inundou-me o espirito. Comprehendi tudo. O feto em formação nas entranhas da mãe fôra a unica testemunha do crime e, mal nascido, denunciava-o com esmagadora evidencia.

— Ella já viu isto? perguntei á parteira.

— Não. Nem é bom que veja antes de sarada.

Não me contive.

Escancarei as janellas, derramei sol no

quarto, despi a criança e pul-a nu'a ante os olhos da mãe, dizendo com frieza de juiz:

— Olha, mulher, quem te denuncia!

A parturiente ergueu-se de golpe, recuou da testa as madeixas soltas, e cravou os olhos no estigma. Esbogalhou-os, como louca, á medida que lhe comprehendia a significação. Ergueu-os para mim, e aquelles olhos duros pela vez primeira se turvaram ante a fixidez inexoravel dos meus. Em seguida molleou o corpo, descahindo para os travesseiros, vencida.

Sobreveiu-lhe uma crise á noite. Acudiram medicos. Era febre puerperal sob fórma gravissima. Minha mulher recusou obstinadamente toda medicação, e morreu sem uma palavra, afóra as inconscientes, escapas nos momentos de delirio.

Mal concluira Fausto a confidencia daquelles horrores, abriu-se a porta e entrou na sala um rapaz imberbe.

— Meu filho, disse o pae, mostra ao Bruno a tua cobrinha.

A illusão era perfeita: lá estava a imagem do orificio aberto pelo projectil, e do fio de sangue escorrido.

— Veja você, concluiu o meu triste amigo, os caprichos da Natureza...

— Caprichos de Némesis... ia eu dizendo, mas o olhar do pae cortou-me a palavra: o moço ignorava o crime de que fôra elle proprio o eloquente delator.

Urupes

balsamico indianismo de Alencar esboroa-se ante o iconoclasta advento dos Rondons que, ao invez de imaginarem indios n'um gabinete, com reminiscencias de Chateaubriand na cabeça e a Iracema aberta sobre os joelhos, mettem-se a palmilhar sertões de Winchester em punho.

Morreu Pery, incomparavel idealisação dum homem natural como o sonhava Rousseau, prototypo de tantas perfeições humanas que, no romance, em concurso com nobilissimos typos de civilisados, a todos sobreleva em belleza d'alma e corpo.

Contrapoz-lhe a cruel ethnologia do sertanista hodierno um selvagem real, feio e brutesco, anguloso e desinteressante, tão incapaz, muscularmente, de arrancar uma palmeira, como incapaz, moralmente, de amar Cecy.

Por felicidade nossa, e de D. Antonio de Mariz, não os viu Alencar, sonhou-os, qual Rousseau; do contrario lá teriamos o filho de Araré a moquear a linda menina n'um bom brazeiro de páu brazil, em vez de acompanhal-a em perpetua adoração pelas selvas, como o Ariel bemfazejo do Paquequer.

A seducção do imaginoso romancista creou avultada corrente. Toda a clan plumitiva deu de forjar seu indiosinho refegado de Pery e Atala. Em sonetos, contos e novellas hoje es-

quecidas, consumiram-se tabas inteiras de Aymorés sanhudos, com pennas de tucano por fóra e virtudes romanas por dentro.

Vindo o publico a bocejar de farto, já sceptico pelo desmantelo crescente do ideal, cessou no mercado literario a procura de bugres homericos, inubias, tacapes, borés, piagas e virgens bronzeadas. Armas e heróes desandaram, cabisbaixos, rumo ao porão onde se guardam os moveis fóra d'uso — saudoso museu de extinctas pilhas electricas que a seu tempo galvanisaram nervos. E lá acamam poeira cochichando reminiscencias com a barba de D. João de Castro, os frankisks de Herculano, os frades de Garrett e que taes...

Não morreu, todavia. Evoluiu. O indianismo está de novo a deitar copa, de nome mudado. Chrismou-se de caboclismo. O cocar de pennas de arara passou a chapeu de palha rebatido á testa; a ocára virou rancho de sapé; o tacape afilou, criou gatilho, deitou ouvido e é hoje espingarda troxada; o boré descahiu lamentavelmente para pio de inambu'; a tanga ascendeu a camisa aberta ao peito.

Mas o substracto psychico não mudou: orgulho indomavel, independencia, fidalguia, coragem, virilidade heroica, todo o recheio, em summa, sem faltar uma azeitona, dos Perys e Ubirajáras.

Este setembrino rebrotar duma arte morta inda se não desbagoou de todos os fructos. Terá seu "Y — Juca — Pyrama", seu "Canto do Piaga" e talvez dê opera heroica.

Completo o cyclo, virão destroçar o inverno em flôr da illusão indianista os prosaicos demolidores de idolos, gente má e sem poesia. Irão os malvados esgaravatar o icone com a cureta da sciencia. E que feias se hão de entrever as caipirinhas côr de jambo de Varella!

E que chambões e sornas os perys de calça, camisa e faca á cinta!

Isso para o futuro. Hoje ainda ha perigo em bulir no vespeiro: o caboclo é o Ai Jesus nacional.

E' de ver o orgulhoso entono com que respeitaveis figurões batem no peito exclamando com altivez: sou de raça de caboclo!

Annos atraz o de que se orgulhavam era d'uma ascendencia de tanga, inçada de pennas de tucano e dramas intimos obrigados a flexaços de curare.

Dia virá em que os veremos, murchos d'orgulho, confessar o verdadeiro avô, um dos quatrocentos de Gedeão trazidos por Thomé de Souza n'um "Satellite" daquelles tempos, nosso mui nobre e fecundo "Mayflower".

Porque a verdade nu'a manda dizer que entre as raças de variado matiz formadoras de nossa nacionalidade, e mettidas entre o estrangeiro voraz que tudo invade e o aborigene de taboinha no beiço, uma existe a vegetar de cocaras, incapaz de evolução, impenetravel ao progresso.

Feia e sorna, nada a põe de pé.

Quando Pedro I lança aos echos o seu grito historico, e o paiz desperta estrouvinhado á crise duma mudança de dono, o caboclo ergue-se, espia, e acocóra-se de novo.

Pelo 13 de Maio, mal esvoaça o florido decreto da Princeza, e o negro exhausto larga n'um uff! o cabo da enxada, o caboclo olha, coça a cabeça, 'magina, e deixa que do velho mundo venha quem nelle pegue de novo.

A 15 de Novembro substitue-se um throno vitalicio pela cadeira quadrienal. O paiz estremece ante o inopinado da mudança. Mas o caboclo não dá pela coisa.

Vem Floriano, estouram as granadas de

Custodio, Gumercindo bate ás portas de Roma. Incitatus resurte e derranca o paiz durante quatro annos. Mas o caboclo continu'a de cócaras, a modorrar.

Nada o esperta. Nenhuma ferrotoada o põe de pé. Social como individualmente a sua attitude é essa. Para todos os actos da vida, Geca, antes de agir, acocóra-se.

Geca Tatu' é um piraquára do Parahyba, maravilhoso epitome de carne onde se resumem todas as caracteristicas da raça. Eil-o que vem falar ao fazendeiro. Seu primeiro movimento, após prender aos labios o palhão de milho, sacar rolete de fumo e disparar a cusparada d'esguicho, é sentar-se geitosamente sobre os calcanhares. Só então destrava lingua e intelligencia.

— Não vê que...

De pé, ou assentado, as ideias entramam, a lingua emperra e não ha dizer coisa com coisa.

De noite, na choça de palha, acocóra-se em frente ao fogo para "aquental-o", imitado da mulher e da prole. Para comer, negociar uma barganha, ingerir um café, assar um cabo de foice, fazel-o n'outra posição será desastre seguro. Nos mercados, para onde leva a quitanda domingueira, é de cócaras, como um fakir do Bhramaputra, que vigia os cachinhos de brejau'va ou o feixe de tres palmitos.

Pobre Geca Tatu'! Como és bonito no romance e feio na realidade!

Geca mercador, Geca lavrador, Geca philosopho...

Quando comparece ás feiras, todo o mundo logo adivinha o que elle traz: sempre coisas que a natureza derrama pelo matto e ao homem custa apenas o trabalho de espichar o braço e colher — cocos de tuncum e jissára, guabirobas, bacuparis, maracujás, jatahys, pi-

nhões, orchideas; ou artefactos de taquara póca — peneiras, cestinhas, samburás, tipitis, pios de caçador; ou utensilios de madeira molle — gamellas, pilõesinhos, colheres de páu. Nada mais.

Seu grande cuidado é espremer todas as consequencias da lei do menor esforço, e nisto vae longe. Começa a applicação da lei na moradia. Sua casa de sapé e lama faz rir aos bichos que moram em toca e gargalhar ao João de barro. Pura biboca de boschimano.

Mobilia nenhuma. A cama é uma espipada esteira de pery posta sobre o chão batido.

A's vezes dá-se ao luxo d'um banquinho de tres pernas — para os hospedes. Tres pernas dão equilibrio; inutil, portanto, metter a quarta, o que obrigaria ainda a nivelar o pavimento. Para que assentos, se a natureza os dotou de solidos, rachados calcanhares?

Nenhum talher. Não é a munheca um talher completo, colher, garfo e faca a um tempo?

No mais, umas cuias, gamellinhas, um pote esbeiçado, a pichorra e a panella de feijão.

Nada de armarios ou bahu's. A roupa guarda-a o corpo. Só tem dois parelhos; um que traz em uso e outro na barrela.

Os mantimentos apaióla nos cantos da casa.

Inventou um cipó preso á cumieira, com um gancho na extremidade e um disco de lata no alto: ali pendura o toicinho a salvo de gatos e ratos.

Da parede pende a espingarda pica-páu, o polvarinho de chifre, o S. Benedicto defumado, o rabo de tatu' e as palmas bentas de queimar durante as fortes trovoadas.

Servem de gavetas os buracos da parede.

Seus remotos avós não gozaram de maiores commodidades. Seus netos não metterão

quarta perna ao banco. Para que? Vive-se bem sem ella.

Se pelotas de barro cahem, abrindo setteiras na parede, Geca não se move a repol-as. Ficam as janellinhas abertas para o resto da vida, a entremostrar nesgas de céu.

Se a palha do tecto, apodrecida, gréta em fistulas, por onde pinga a agua da chuva, Geca, em vez de remendar a tortura, limita-se, cada vez que chove, a apafar numa gamellinha a agua gottejante.

Remendos... para que? se uma casa dura dez annos e faltam "apenas" oito para abandonar aquella?

Esta philosophia economisa reparos.

Na mansão de Geca a perede dos fundos bojou para fóra um ventre empanzinado, ameaçando ruir; os barrotes, cortados pela humidade, oscillam na podriqueira do baldrame. Afim de neutralisar o desaprumo, e prevenir suas consequencias, grudou nella uma Nossa Senhora enquadrada em moldurinha amarella — santo de mascate.

— Porque não remenda essa parede, homem de Deus?

— Ella não tem coragem de cahir. Não vê a "escora"?

Não obstante, por via das duvidas, quando ronca a trovoada elle abandona a casa e vai agachar-se no ôco d'um velho embirussu' do quintal, para se saborear — de longe — com a efficacia da escora santa.

Um tôco de páu dispensaria o milagre, mas entre espetar o santo e tomar da foice, subir ao morro, cortar a canjerana, atoral-a, baldeal-a e especar a parede, o sacerdote da Grande Lei não vacilla. E' coherente.

Um terreirinho descalvado rodeia a casa. O matto beira com elle. Nem arvores fructife-

ras, nem horta, nem flôres — nada revelador de permanencia.

Ha mil razões para isso: porque não é sua a terra; porque se o "tocarem" não ficará nada que a outrem aproveite; porque para fructas ha o matto: porque a "criação" estraga, porque...

— Mas, creatura, com um vedosinho por alli... A madeira está á mão, o cipó é tanto...

Geca, interpellado, olha para o morro coberto de moirões, olha para o terreiro nu', coça a cabeça e cuspilha.

— Não paga a pena.

Todo o inconsciente philosophar da raça grulha nessa palavra atravessada de fatalismo e modorra. Nada paga a pena. Nem culturas, nem commodidades. De todo o geito se vive.

Da terra só quer a mandioca, o milho e a canna. A primeira por ser um pão já amassado pela natureza; basta arrancar uma raiz e deital-a ás brazas. Não impõe colheita, não exige celleiro. O plantio se faz com meio palmo de rama fincada em qualquer terra. Não pede cuidados. Não a ataca a formiga. E' sem-vergonha.

Bem ponderado, a causa principal da lombeira da roça reside nas benemerencias sem conta da "manihot utilissima". Talvez que sem ella o caboclo se puzesse de pé, e andasse. Emquanto dispuzer de um pão cujo preparo se resume no plantar, colher e lançar sobre brazas, Geca não mudará de vida.

O vigor das raças humanas está na razão directa da hostilidade ambiente. Se o hollandez extrahiu a Hollanda, essa joia do esforço, de um brejo salgado, a poder de estacas e diques, é que nada ali o favorecia.

Se a grande Inglaterra saiu das ilhas empedradas e nevoentas da Caledonia é que não

medrava nos pedrouços a mandioca; medrasse, e talvez lá os vissemos hoje, aos inglezes, tolhiços, de pé no chão, amarellentos, mariscando de peneira no Tamisa.

Ha bens que vêm para males. A mandioca illustra que farte o avesso do proverbio.

Outro auxiliar precioso da calaçaria é a canna. Dá a rapadura, e para a Geca, o simplificador da vida dá a garapa. Como não possue moenda, torce um rolete a pulso sobre a cuia de café, depois de bem massetados os nós; assucára assim a beberagem, fugindo aos tramites conductores do caldo de canna á rapadura.

Todavia, "est modus in rebus", e assim como ao lado do rastolho cresce o viçoso pé de milho, contrasta com a christianissima simplicidade de Geca a opulencia de um seu visinho e compadre que "está muito bem".

A terra onde móra é sua. Possue ainda uma egua, um monjolo e uma espingarda de dois canos. Pesa nos destinos politicos do paiz com o seu voto e o polvilho azedo de que é fabricante, tendo amealhado com elles voto e polvilho, para mais de quinhentos mil réis no fundo da arca.

Vive num corropio de barganhas nas quaes exercita uma astucia nativa muito irmã da de Bertholdo, o pae. A esperteza ultima foi a barganha de um cavallo cego por uma egua de passo picado; verdade é que a egua mancava das mãos, mas inda assim valia dez mil réis mais que o rossinante zanaga.

Esta e outras celebrisaram-lhe os engrimanços potreiros n'um raio de mil braças, grangeando-lhe a incondicional e babosa admiração de Geca, para quem, fino como o compadre. "home"... nem mesmo o vigario de Itaóca.

Aos domingos vae á villa bifurcado na .n
greza ventruda da "Serena", e leva appen
á garupa um filho, e, atraz, o potrinho
trote, mais a mulher de criança enrolada
chale. Fecha o cortejo o indefectivel Brinqu
nho, a resfolgar com um palmo de lingua
fóra.

O acto mais importante da sua vida é se
duvida votar no governo. Tira nesse dia
arca a roupa preta do casamento, sarjão fur
dinho de traça e todo vincado de dobras, e
tala os pés n'um alentado sapatão de bezerr
ata ao pescoço um collarinho de bico e, se
gravata, ringindo e mancando, vae pegar
diploma ás mãos do chefe Coisada, que lh
retem para maior garantia da fidelidade pa
tidaria.

Vota. Não sabe em quem, mas vota. Esfr
ga a penna no livro eleitoral, arabescando e
cinco bons minutos o aranhol de gatafunh
tremidos a que chama a sua graça.

Se ha tumultos, chuchurreia de pé firm
com heroismo, as porretadas opposicionista
e ao cabo segue para a casa do chefe, de ga
lo civico na testa e collarinho sungado pa
traz, afim de lhe depor novamente nas mã
o "dipeloma". O morubixaba, grato e sorr
dente, galardoa-lhe o heroismo flagrant
mente documentado pelo latejar da calo
com um aperto de mão, e a promessa, pa
logo, d'uma inspectoria de bairro.

Representa este o typo classico do sitian
já com um pé fóra da classe. Excepção, disc
lo que é, não vem ao caso. Trata-se aqui
regra e a regra é Geca Tatu'.

Geca por dentro rivalisa com Geca por fór
O mobiliario cerebral, á parte o succulen
recheio de superstições, vale o do casebre.
banquinho de tres pés, as cuias, o gancho

toucinho, as gamellas reeditam-se dentro
seu caco sob a fórma de idéas: são as noçõ
praticas da vida, que recebeu do pae e qu
intactas, transmittirá aos filhos.

O sentimento de patria lhe é desconhecid
Não tem sequer a noção do paiz. Sabe que
mundo é grande, que ha sempre terras pa
adiante, que muito longe está a côrte com
grau'dos e mais distante ainda a Bahia, don
chegam bahianos pernosticos, e cocos. Pe
guntem ao Geca quem é o presidente da R
publica.

—O homem que manda em nós todos?

— Sim.

— Pois de certo que ha de ser o imper
dor.

Em materia de civismo não sobe ponto, a
tes desce.

— Havendo uma guerra você vae defend
o paiz?

— Guerra? T'esconjuro! Meu pae viv
afundado no matto p'r'a mais de cinco a
nos por causa da guerra grande. Eu, para e
capar do "reculutamento" sou até capaz
cortar um dedo, como o meu tio Lourenç

Guerra, defeza nacional, acção administr
tiva, tudo quanto cheira a governo resume-
para o caboclo numa palavra apavorante "r
culutamento". Quando, em começos da Pr
sidencia Ineffavel, andou na balha um rece
seamento esquecido a Offenbach, o caboc
tremeu, e entrou a casar em chusma. Aqui
"havéra de ser reculutamento" e os casad
na voz corrente, escapavam á redada.

A sua medicina corre parelhas com o civi
mo e a mobilia, em qualidade. Quantitativ
mente, assombra. Da noite cerebral pyrilar
pejam-lhe apozemas, cerotos, arrobes e el
ctuarios escapos á sagacidade comica de Ma

Twain. Compendia-os um Chernoviz não escripto, monumento de galhofa onde não ha rir, lugubre como é o epilogo. A rede na qual dois homens levam á cova as victimas de semelhante pharmacopéa é o espectaculo mais triste da roça.

Applica as meisinhas o "curador", um Eusebio Macario de pé no chão e cerebro trancado como moita de taquarussu'. O vehiculo usual das drogas é sempre a pinga, meio honesto de render homenagem á deusa Cachaça, divindade que entre elles inda não encontrou hereticos.

Doenças haja que remedios não faltam.

Para bronchite, é um porrete cuspir o doente na bocca de um peixe vivo e soltal-o: o mal se vae com elle agua abaixo.

Para "quebranto de ossos" já não é tão simples a medicação. Tomam-se tres contas de rosario, tres brotos de alecrim, tres limas de bico, tres iscas de palma benta, tres galhinhos de arruda, tres ovos de pata preta (com a casca, sem ella desanda) e um saquinho de picuman; mette-se tudo numa gamella d'agua,e banha-se o doente, fazendo-o tragar preliminarmente tres goles da zurrapa. E' infallivel.

O especifico da brotoeja consiste em cosimento de beiço de pote para lavagens (razão de só encontrarem potes esbeiçados). Ainda ha aqui um pormenor de monta: é preciso que antes de usar o banho a mãe do doente molhe na agua a ponta da sua trança. As brotoejas saram como por encanto.

Para dôr no peito que "responde na cacunda", cataplasma de jasmin de cachorro é um porrete.

Além desta allopathia, para a qual contribue tudo quanto de mais repugnante e inocuo

existe na natureza, ha a medicação sympath
ca, baseada na influição mysteriosa de obj
ctos, palavras e actos sobre o corpo human
O ritual bysantino, dentro de cujas mar
nhas os filhos de Geca vêm ao mundo, e
qual não ha fugir sob pena de gravissim
consequencias futuras, daria um in-folio d'a
to folego ao Roméro bastante operoso que
propuzesse a consolidal-o.

Num parto difficil nada tão efficaz com
engulir tres caroços de feijão mouro, de pa
so que a parturiente veste pelo avesso a cam
sa do marido e põe na cabeça o seu chapé
tambem pelo avesso. Falhando esta symp
thia, ha um derradeiro recurso: collar no ve
tre encru'ado a imagem de S. Benedicto.

Nesses momentos angustiosos outra mulh
não penetre no quarto sem defumar-se
fogo, nem traga na mão caça ou peixe:
criança morreria pagan.

A omissão de qualquer destes preceitos f
rá chover mil desgraças na cabeça do chori
cas recemnascido.

A posse de certos objectos confere dot
sobrenaturaes. A invulnerabilidade ás faca-l
ou cargas de chumbo é obtida graças á flôr
samambaia.

Esta planta, conta Geca, só florece un
vez por anno, e só produz em cada saman
baial uma flôr. Isso á meia noite, no dia
S .Bartholomeu. E' preciso ser muito mofin
para colhel-a, porque tambem o diabo lhe a
da á cata. Quem consegue pegar uma ou
logo um estoiro, e tonteia ao cheiro de enx
fre, mas livra-se de faca e chumbo para
resto da vida.

Todos os volumes de Larousse não bast
riam para catalogar-lhes as crendices e con
não ha linhas divisorias entre estas e a rel

gião, confundem-se ambas em maranhada teia, não havendo distinguir onde uma pára e outra começa.

A ideia de Deus e dos santos torna-se caboclocentrica. São elles ou grau'dos lá de cima, coroneis celestes, debruçados no azul para espreitar-lhes a vidinha e intervir nella, ajudando um e castigando outro, como os mettediços deuses de Homero. Uma torcedura de pé, um estrépe, o feijão entornado, o pote que rachou, o bicho que arruinou, tudo diabruras da côrte celeste para castigo de más intenções ou actos. Dahi o fatalismo. Se tudo movem cordeis lá de cima, para que luctar, reagir? Deus quiz. A maior catastrophe é recebida com esta exclamação, muito parenta do Allah Kébir do beduino.

E na arte? Nada.

A arte rustica do camponio europeu é rica a ponto de constituir preciosa fonte de suggestões aos artistas de escól. Em nenhum paiz o povo vive sem recorrer a ella para um ingenuo embellezamento da vida. Já não se fala do camponez italiano ou teutonico, filho de alfobres mimosos, propicios a todas as florações estheticas. Mas o russo, o hirsuto mujik a meio atolado em barbarie crassa. Os vestuarios nacionaes da Ukrania, nos quaes a côr viva e o sarapantado da ornamentação indicam a ingenuidade do primitivo, as isbas da Lithuania, sua ceramica, os bordados, os moveis, os utensilios de cosinha, tudo revela no mais rude dos camponios o sentimento nativo da arte.

No Samoyeda, no pelle-vermelha, no abexim, no papu'a, um arabesco ingenuo costuma ornar-lhes as armas, como lhes ornam a vida canções repassadas de rythmos suggestivos. Que nada é isso sabido como já o homem

pre-historico, companheiro do urso das cavernas, entalhava perfis de mamutes em chifres de renna.

Egresso á regra, Geca não denuncia traço remoto d'um sentimento nascido com o troglodyta.

Esmerilhemos o seu casebre: que é que denota ali a existencia do mais vago senso esthetico? Uma chumbada no cabo do relho e uns ziguezagues a canivete ou fogo pelo roliço do guatambu': é tudo.

A's vezes surge n'uma familia um genio musical cuja fama esvoaça pelas redondezas. Eil-o na viola: concentra-se, tosse, cuspilha o pigarro, fere as cordas e "tempera". E fica nisso, no tempero.

Dirão: e a modinha?

A modinha, como as demais manifestações de arte popular existentes no paiz, é obra exclusiva do mulato, em cujas veias o sangue recente do europeu, rico de atavismos estheticos, borbulha de mistura com o sangue selvagem, alegre e são do negro.

O caboclo é soturno.

Não canta senão rezas lugubres.

Não dança senão o catêrêtê aladainhado.

Não esculpe o cabo da faca como o kabyla.

Não compõe sua canção como o fellah do Egypto.

Triste como o curiango, nem sequer assobia.

No meio da natureza brasilica, tão rica de formas e côres, onde os ipés floridos derramam feitiços no ambiente, e a infolhescencia dos cedros, ás primeiras chuvas de Setembro, abre a dança dos tangarás, onde ha abelhas de sol, esmeraldas vivas, cigarras, sabiás, luz, côr, perfume, vida dionisiaca em escachôo permanente, o caboclo é o sombrio uru-

pê de páu podre, a modorrar silencioso no recesso das grotas.

Só elle não fala, não canta, não ri, não ama.

Só elle, no meio de tanta vida, não vive.

Velha Praga

Andam todos, em nossa terra, por tal forma estonteados com proezas infernaes dos bellacissimos "vons" allemães, que não sobram olhos para enxergar males caseiros.

Venha, pois, uma voz do sertão dizer ás gentes da cidade que, se por lá fóra o fogo da guerra lavra implacavel, fogo não menos destruidor devasta as nossas mattas com furor não menos germanico.

Em agosto, por força da excessiva secca do inverno "von Fogo" lambeu montes e valles, sem um momento de treguas durante o mez inteiro.

Vieram em começos de Setembro chuvas leves, chuvinhas de apagar poeira, e, breve, novo "verão de sol" se estirou por Outubro a dentro, dando azo a que se torrasse tudo quanto escapára á sanha de Agosto.

A serra da Mantiqueira ardeu como uma aldeia belga arde, e é hoje um cinzeiro immenso, entremeiado, aqui e acolá, de manchas de verdura — as restingas humidas, as grotas frias, as nesgas salvas a tempo pela cautella dos aceiros. Tudo mais é crepe negro.

A' hora em que escrevemos, fins de Outubro, chove. Mas que chuvinha sordida! Que miseria d'agua! Emquanto cáem do céu pingos homeopathicos, medidos por conta-gottas, o fogo, amortecido, mas não dominado, amoita-se insidioso nas piu'cas, a fumegar imperce-

ptivel, prompto para vermelhar em chammas mal se limpe o céu e o sol lhe dê a mão.

Preoccupa a toda gente o conhecer em quanto fica, por dia, em francos e centimos, um soldado em guerra: mas ninguem cuida de calcular os prejuizos de toda a ordem, provindos de uma assombrosa queima destas. As velhas camadas de humus destruidas; os saes preciosos que, breve, as enxurradas deitarão fóra, rio abaixo, via oceano; o rejuvenescimento florestal da terra paralysado e retrogradado; a destruição das aves silvestres e o possivel advento de pragas insectiformes; a alteração para peior do clima, pela aggravação crescente das seccas; os vedos e aramados perdidos; o gado morto ou depreciado pela falta de pastos; as mil e uma particularidades que dizem respeito a esta ou aquella zona e, dentro della, a esta ou aquella situação agricola...

E' peculiar de Agosto, e typica, esta desastrosa queima de mattas; nunca, porém, assumiu tamanha violencia e alcançou tal extensão como neste tortissimo 1914 que, benza-o Deus, parece aparentado de perto com o celebre anno mil de macabra memoria. Tudo nelle culmina, e vae logo ás do cabo, sem conta nem medida. As queimas não fugiram á regra.

Razão sobeja para, desta feita, encarar seriamente com o problema e resolvel-o de vez. Do contrario a Mantiqueira em pouco tempo será toda um sapeseiro sem fim erysipelado de samambaia — esses dois pontos finaes á uberdade das terras montanhosas.

Qual a causa da renitente calamidade?

E' mister um rodeio para lá chegar.

A nossa montanha é victima de um parasita, piolho da terra, peculiar ao solo brasilio

como o Argas aos gallinheiros, o "Sarcoptes mutans" á perna das aves domesticas.

Poderiamos analogicamente classifical-o como um "Porrigo decalvans", productor da "pellada" das montanhas, pois, onde assiste, se vae ella despojando da coma vegetal até cahir em morna decrepitude, nu'a e escalvada. Em quatro annos, a mais ubertosa região se despe dos jequetibás e perobeiras millenarias, seu orgulho e grandeza, para, em achincalhe crescente, cahir em capoeira, passar desta á humildade da vassourinha, e, decahindo sempre, encru'ar definitivamente na desdita do sapeseiro, — sua tortura e vergonha.

Este funesto parasita da terra é o caboclo, especie de homem baldio, semi-nomade, inadaptavel á civilisação, mas que vive á beira della, na penumbra das zonas fronteiriças. A' medida que o progresso vem chegando com a via ferrea, o italiano, o arado, a valorisação das terras vae elle refugindo em silencio, com o seu cachorro, o seu pilão, a sua pica-páu, o seu isqueiro, de modo a sempre conservar-se fronteiriço, mudo e sorna. Encoscorado em uma rotina de pedra, recu'a, mas não se adapta.

E' de vêl-o abordar a um sitio novo para nelle armar a sua arapuca de "aggregado"; nomade, por força de vagos atavismos, não se liga á terra, como o camponio europeu, "aggrega-se-lhe", tal qual o "sarcoptes", pelo tempo necessario á completa sucção da seiva convizinha; feito o que, salta para adiante com a mesma bagagem com que alli chegou.

Vem de um sapesal para criar outro. Coexistem em intima symbiose: sapé e caboclo são idéas associadas. Este inventou aquelle e lhe dilata os dominios; em troca disso o sapé

lhe cobre a choça e lhe fornece fachos para queimar a colmeia das pobres abelhas.

Chegam silenciosamente, elle e a "sarcopta" esposa, com um filhote no utero, outro ao peito, outro á ourela da saia, já de pito na bocca e faca á cinta. Completa o rancho um cachorro sarnento, — Brinquinho, a foice, a enxada, a pica-páu, o pilãosinho de sal, a panella de barro, um santo encardido, tres gallinhas pévas e um gallo indio. Com estes simples ingredientes o fazedor de sapeseiros perpetua a especie e a obra de esterilisação iniciada pelos remotissimos avós.

Abancam.

Em tres dias uma choça, que por euphemisco chamam casa, brota da terra como um urupê. Tirou tudo do lugar, esteios caibros, ripas, barrotes, o cipó que os liga, o barro das paredes, a palha do tecto. Tão intima é a communhão dessas palhoças com a terra local, que dariam idéa de tortulho nascido do chão por obra espontanea da natureza, — se a natureza fosse capaz de coisas inestheticas.

Barreada a casa, pendurado o santo, está lavrada a sentença de morte das redondezas. Começam as requisições. Com a pica-páu limpa a floresta da volataria incauta. Polvora e chumbo adquire-os vendendo palmito no povoado visinho. Quando o palmito escasseia, rareiam os tiros, só a caça grande merecendo sua carga de chumbo; se o palmital se extingue, exultam as peças; está encerrado o cyclo venatorio.

Depois ataca a floresta. Roça e derruba, não perdoando ao mais bello páu. Arvores diante de cuja majestosa belleza Ruskin choraria de commoção, elle as derriba, impassivel, para extrahir o mel escondido num ôco.

Prompto o roçado, chegando o tempo da

queima, entra em funcções o isqueiro. Mas aqui o "sarcopte" se faz raposa. Como não ignora que a lei impõe aceiros de dimensões sufficientes á circumscripção do fogo, urde traças para illudir a lei, cocando dest'arte a velha preguiça e a velha malignidade. Foi neste momento que o viu o poeta.

"Scisma o caboclo á porta da cabana".

Scisma, de facto, não devaneios lyricos, mas geitos de transgredir as posturas com a responsabilidade a salvo. E consegue-o. Arranja sempre um "alibi" demonstrativo de que não esteve lá no dia do fogo.

. . . .

Onze horas.

O sol quasi a pino queima como chamma. Um "sarcopte" esgueira-se por ali, resabiado. Some-se. Minutos após crepita uma labareda medrosa na touça mais secca; oscilla, incerta; ondeia ao vento; logo encorpa, cresce, avulta, tumultua infrene e, senhora do terreno, estruge fragorosa, com infernal violencia, devorando as tranqueiras, estorricando as mais altas frondes, despejando para o céu golphões de fumo escuro estrellejado de faiscas. E' o fogo de matto.

Como não o detem nenhum aceiro, invade a floresta e caminha por ella a dentro, ora frouxo, nas capetingas ralas, ora massiço, aos estouros, nas moitas de taquarussu'; caminha em treguas, moroso e tibio quando a noite fecha, insolente se o ajuda o sol.

E em arrancadas furiosas, vae galgando montes, descendo encostas, em passo lento e traiçoeiro até que o detenha a muralha natural dum rio, estrada ou rampa noruega.

Barrado, inflecte para os flancos, ladeia o obstaculo, esgueira-se para os lados, e lá continua no abrazamento implacavel. Amordaça-

do por uma chuva repentina, alapa-se numa "piu'ca", quieto e invisivel, para no dia seguinte, ao esquentar do sol, proseguir na faina carbonisante.

Quem foi o incendiario? Donde partiu o fogo?

Indaga-se, descobre-se o Nero: é um urumbeva de barba rala, amoitado n'um litro de terra litigiosa.

Que fazer agora? Processal-o?

Não ha recurso legal contra elle. A pena, unica possivel, barata, facil e já estabelecida como praxe, é "tocal-o".

Curioso este preceito: "ao caboclo, toca-se".

Toca-se, como se toca um cachorro importuno, ou uma gallinha que vareja pela sala.

E tão affeito anda elle a isso que é commum ouvil-o dizer: se eu fizer tal coisa o senhor não me toca?

Justiça summaria que não pune, entretanto, dado o nomadismo do paciente.

Emquanto a matta arde, o "sarcopte" regala-se.

— Eh! fogo bonito!

No vazio de sua vida semi-selvagem, em que os incidentes são um jacu' abatido, uma paca fisgada n'agua e o filho novimensal, a queimada é o grande espectaculo do anno, supremo regalo d'olhos e ouvidos.

Entrado Setembro, o caboclo planta na terra em cinzas um boccado de milho, feijão e arroz; mas o valor da sua producção annual é nenhum diante dos males que para preparar uma quarta de chão elle semeou.

O caboclo é uma quantidade negativa.

Tala cincoenta alqueires de terras para extrahir delles o com que passar fome e frio durante o anno. Calcula as sementeiras pelo

maximo da sua resistencia ás privações. Nem mais nem menos. "Dando para passar fome", sem virem a morrer disso, elle, a mulher e o cachorro — está tudo muito bem; assim fez o pae, o avô, assim fará a prole empanzinada, que naquelle momento brinca, nu'a, no terreiro.

Quando se exhaure a terra, o aggregado muda de sitio.

No lugar fica a tapera e sapeseiro. Um anno que passe e só este attestará a sua estadia ali; o mais se apaga como por encanto. A terra reabsorve os frageis materiaes da choça, e como nem sequer uma laranjeira foi plantada, nada mais lembra a passagem do Manoel Peroba, Chico Marimbondo, Geca Tatu' e outros sons ignaros de dolorosa memoria á natureza circumvinsinha.

Ha uma postura adoptada em quasi todos os codigos municipaes, prescrevendo, sob pena de multa, um aceiro de taes e taes dimensões em redor de todos os roçados destinados á queima. Como, entretanto, se não curou dos meios de lhe fiscalizar a execução, a sabia providencia dorme no cemiterio da Letra Morta. E' mister, é urgente tiral-a dahi, completando-a de modo a fazel-a produzir todo o beneficio de que é capaz. E isso se conseguirá facilmente. Basta attribuir aos inspectores de quarteirão a tarefa de verificar se os aceiros obedecem ás condições exigidas, prohibindo-se terminantemente, sob fortes penas, o deitar fogo ás roças sem a prévia inspecção dessa autoridade.

Avultado como é o numero de taes inspectores, ramusculos terminaes da arvore da Autoridade, o serviço se organisaria facil-

mente, com grande efficacia, sem despezas, sem barulho, sem burocracia.

Só das Camaras é licito esperar alguma cousa neste sentido. A União cuida de casos politicos, e, mesmo que voltasse a attenção para o problema, viria logo com uma dessas machinas pesadas, complicadas, matracolejantes, carissimas e inuteis como a Defesa da Borracha, de papelula memoria, caranguejolas que só funccionam nos relatorios e nas folhas do Thesouro.

O Estado...

Só as Camaras, só as Camaras poderão providenciar efficazmente, só ellas conhecem de perto as necessidades locaes, só dellas poderá partir a medida pratica e simples capaz de açaimar de vez o funestissimo fogo de Agosto.

A ellas, pois, o brado de misericordia da legião de prejudicados.

INDICE

TYP. IDEAL—HEITOR L. CANTON